



CIDADE CAMINHAVÉL: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO SETOR JOÃO FRANCISCO EM GOIÁS, GO.

Esther Laís Borges Pereira^{1(IC) *}; Vinícius Polzin Druciaki^{2(PQ)}

Estherborges53@gmail.com

geomobilidade@gmail.com

¹ Discente em Geografia, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS- CAMPUS CORA CORALINA.

² *Docente* de graduação em Geografia e com atuação no PPGeo-UEG/Campus Cora Coralina / Coordenador do Grupo de Estudos em Geografia, Transportes e Mobilidade – GEOMOBILIDADE.

Resumo: Das várias formas de deslocamentos, o modo “a pé” constitui-se como o principal meio para atingir os locais desejados. Mesmo diante do paradigma da atual sociedade pautada no modo individual motorizado de transporte, os deslocamentos iniciam e terminam a pé, sendo condição para se acessar outros modos e lugares. Nesse sentido, o presente trabalho traz a temática da mobilidade urbana em pequenas cidades, cujo objeto se trata da caminhabilidade na principal avenida do Setor João Francisco na Cidade de Goiás-GO. A noção de mobilidade sob uma perspectiva geográfica se pauta na facilidade com que as pessoas podem chegar aos locais de atividades desejados, ou seja: aqueles que oferecem emprego, compras, cuidados médicos, lazer, etc. Na cidade de Goiás, o setor João Francisco se apresenta como ponto centrípeto, centralizando funções de comércio e serviços na escala da cidade e do município. Com isso notasse inúmeras irregularidades constatando se como resultado da pesquisa a grande dificuldade de caminhabilidade presente no trecho da avenida por ser uma área de difícil locomoção. Constata-se que deve haver uma melhor sinalização, calçadas adequadas, e um apoio vindo de órgãos públicos relacionados a cidade.

Palavras-chave: Caminhabilidade. Cidade de Goiás. Mobilidade Urbana

Introdução

Após a era do automóvel, as cidades passaram a expandir-se de forma difusa e desordenada. Onde se teve um planejamento, priorizou-se o espaço para o automóvel. Onde não foi planejado, a própria dinâmica desigual configurou uma cidade longe da dimensão humana (GEHL, 2015). Mesmo nas pequenas cidades, a

REALIZAÇÃO



forma de mobilidade mais afetada devido ao modelo vigente de urbanização e de cidade, sem dúvida foi o modo a pé. Na cidade de Goiás, a estrutura de circulação do modo a pé, notadamente as calçadas, é a mais relegada, comprometida e até mesmo inexistente, sendo o maior entrave da mobilidade urbana atual.

Das várias formas de deslocamentos, o modo “a pé” constitui-se como o principal meio para atingir os locais desejados (VASCONCELLOS, 2012). Mesmo diante do paradigma da sociedade pautada no modo individual motorizado de transporte, os deslocamentos iniciam e terminam a pé, sendo condição para se acessar outros modos e lugares. Ainda segundo o autor, a noção de mobilidade sob uma perspectiva geográfica se pauta na facilidade com que as pessoas podem chegar aos locais de atividades desejados, ou seja: aqueles que oferecem emprego, compras, cuidados médicos, lazer, etc.

Nesse sentido, realiza-se um estudo sobre a mobilidade a pé no setor João Francisco na Cidade de Goiás, tendo como recorte espacial toda a extensão da Avenida Dário de Paiva, que é o eixo comercial da cidade, bem como suas adjacências. Trata-se do espaço local onde interações econômicas e sociais a nível intra-urbano ocorrem com intensidade. Cumpre observar que Goiás é uma cidade turística dado seu atrativo arquitetônico tombado pela Unesco. Todavia, o espaço objeto dessa pesquisa raramente é frequentado pelo segmento do turismo. Sequer compõe um itinerário turístico. Logo, pretende-se diagnosticar e mitigar as discontinuidades do sistema de calçadas e equipamentos de acessibilidade presentes nesse espaço. Sendo assim, incluiremos a questão da acessibilidade em nosso objeto de pesquisa, uma vez que é condição essencial para uma cidade com mais equidade.

Este estudo se atentou em observar os princípios do direito a cidade, da equidade, do desenho universal e das normas técnicas de acessibilidade da ABNT. O Decreto 5296/2004, estabelece normas gerais e critérios para a promoção da acessibilidade como condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte sistemas e meios de comunicação e informação por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida (BRASIL, 2004).

REALIZAÇÃO



Essa proposta se justifica diante da constatação de que, segundo World Health (2012), mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo convivem com alguma forma de deficiência. Conforme IBGE (2011), aproximadamente 23,9% da população brasileira possuem algum tipo de deficiência. Já no município de Goiás, onde vivem quase 25 mil habitantes, 29,7% possuem algum tipo de dificuldade atrelado a alguma deficiência.

Nesse sentido, cumpre observar a distinção entre pessoa com deficiência e pessoa com mobilidade reduzida. Considera-se pessoa com deficiência, aquela que possui limitação ou incapacidade para o desempenho de alguma atividade, e que se enquadra nas seguintes categorias: Deficiência física; Deficiência auditiva; Deficiência visual; Deficiência mental; deficiência múltipla – associação de duas ou mais deficiências (BRASIL, 2004). No que se refere a pessoa com mobilidade reduzida, trata-se daquela que não se enquadra no conceito de pessoa portadora de deficiência, mas que tenha, por qualquer motivo, “[...] dificuldade de movimentar-se, permanente ou temporariamente, gerando redução efetiva da mobilidade, flexibilidade, coordenação motora e percepção” (BRASIL, 2004, P. 79-80).

Na avenida principal e comercial, bem como em suas adjacências no Setor João Francisco, diversos são os agravantes no que tange a acessibilidade, que vão da ausência de equipamentos e dispositivos de segurança na via, nos estabelecimentos, calçadas desniveladas, ausência de calçadas, bem como a ausência de um plano de mobilidade que preconize e assegure mais equidade nesse aspecto. Diante disso, essa pesquisa pretende levantar subsídios para que a acessibilidade a pé seja assegurada, e também para que se construa uma cultura de mobilidade urbana mais sustentável. Assim, promove-se mais equidade urbana, mais acessibilidade, e mais desenvolvimento local, uma vez que a cidade “consumida” a pé é mais convidativa para que as pessoas permaneçam nos locais públicos. Condiz com a dimensão humana e a natureza de uma cidade.

Materiais e Métodos

- Objetivo

REALIZAÇÃO



- Este trabalho tem como objetivo entender a mobilidade a pé no Setor João Francisco na cidade de Goiás, notadamente no eixo comercial e suas adjacências, caracterizando o sistema de circulação de pedestres. Abordar também o uso do solo e as possibilidades de conexão a pé entre os locais de comércio e serviços; Identificar junto aos diferentes segmentos (sociedade local, turistas, comércio e poder público), como é a convivência com os entraves de acessibilidade segundo sua vivência;
- Justificativa

O trabalho foi feito no município de Goiás, mais precisamente na Avenida Dario De Paiva Sampaio no Setor João Francisco. Tal motivo para o estudo desta avenida, é pelo fato de ter inúmeras irregularidades e por ser a avenida principal referente ao comércio e serviços ofertados pela cidade, sendo assim com um fluxo intenso de movimentações de pessoas tanto do município quanto no entorno.

- Problema
O problema presente em meio a avenida está relacionado a grande dificuldade de se ter calçadas adequadas para o deslocamento de pessoas e com ênfase para a dificuldade em que as pessoas com mobilidade reduzida, ou com algum tipo de deficiência física tem para se estabelecer nas calçadas e principalmente para o acesso aos comércios, dentre outros entraves como a arborização, sinalização etc.

De acordo com os dados do último censo, o município de Goiás tem cerca 24.727 habitantes IBGE(2010).

REALIZAÇÃO



No entanto quando o assunto é a caminhabilidade necessita-se de inúmeros critérios para se ter uma boa caminhabilidade, e deve-se pensar em um conforto térmico e em um público que mais utiliza o trecho da avenida. Fazendo uma análise nesse sentido tem-se uma faixa etária de 0 a 14 anos residente de um modo geral 52,92% da população estão inclusas nessa faixa etária. Diante disto cerca de 33,25% são idosos em uma faixa de 60 a mais de 100 anos. Todos estes dados influenciam de alguma forma sobre a caminhabilidade pois olhando de uma forma ampla tanto as faixa necessitam de uma acessibilidade, ou estão com mobilidades reduzida, ou até mesmo pelo fator idade precisam de ter local adequado para o seu deslocamento.

DELIMITAÇÃO DA AREA DE ESTUDO



Fonte: Google Earth, 2019

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



- Metodologia

Foi realizado resgate bibliográfico de documentos que discutem a temática mobilidade urbana na perspectiva de mobilidade e equidade nas pequenas cidades goianas. Em segundo momento se desenvolveu a coleta de dados primários, que são fatores de localização e questões técnicas. E estes dados são coletados a partir de uma visão feita e adentrada em trabalho de campo, sobre o local de objeto de estudo. E por fim compreender o por que a avenida principal referente ao comércio da cidade está impossibilitando as pessoas de ter uma caminhabilidade de qualidade e fazer com que as pessoas se sintam confortáveis para o deslocamento na avenida.

Resultados e Discussão

- Resultados

Quando pensamos no andar a pé, faz-se necessário entender conceitos onde se concretize as teorias do caminhar e do andar. Para GEHL (2015, p.119) o andar se considera um movimento linear, que leva um caminhante de um lugar a outro, mais é além disso, o pedestre pode parar sem esforço e mudar de direção, acelerar, ou diminuir a velocidade, ou apenas fazer outro tipo de atividade. E se pensarmos a estrutura urbana ela pode ofertar-se como um fator mais relevante na igualdade de uma cidade para as pessoas, sendo assim se aproximando a relação cidade e pessoas tornando assim um contato entre elas.

Tendo como resultado diante de estudos feitos em toda a avenida caracterizamos de início as grandes dificuldades que se tem de fazer uma boa caminhada no local, por conter grande aglomeração de automóveis acaba ficando um local onde o caminhar se torna algo banal, onde deveria ser de fácil acesso e ser algo prazeroso e agradável, acaba sendo algo corriqueiro e de cansaço para as pessoas que circulam por ali. Se trata de uma avenida de sentido duplo e com peculiaridades irregulares ali presentes podemos destacar: a sinalização, calçadas inadequadas, falta de arborização, o que se questiona por ser um local de grande aglomeração de pessoas e de referências comerciais, e pela observação feita, todas as calçadas encontra-se, na parte da frente difícil acesso e locomoção de circulação, fazendo com que dificulte o andar a pé de todos os indivíduos.

Em meio a uma entrevista com uma senhora de 48 anos que trabalha em um dos comércios centralizado na avenida, ela relata que:

REALIZAÇÃO



Todos os dias quando vai para o trabalho o fluxo de movimentos durante o período da manhã e a tarde é intenso em toda avenida, ela diz que necessita de ficar a mais de 10 minutos a espera para fazer a travessia por conta da falta de sinalizações e de calçadas onde ela possa esperar. Tendo também outro fator os comerciantes utilizam as calçadas para fim de seus comércios e não para pessoas utilizar. (Fala de entrevista, 2019).

A mobilidade a pé vem de fato não somente como algo corriqueiro onde todos se deslocam de um lugar para outro, vai bem além disso os princípios de uma caminhabilidade retrata que para se ter uma boa caminhada ela necessita de quatro requisitos para se ter uma boa caminhada que seria: proveitosa, segura, confortável e interessante, SPECK(2018). Estes passos a serem seguidos é de fundamental importância pois a caminhada ela necessita ser algo que beneficie o caminhante de alguma forma ou seja traga a ele conforto, prazer e segurança.

Outro problema encontrado é a questão relacionadas a uma disputa que ocorre todos os dias entre as pessoas e os automóveis, onde ficam refugiados pela quantidade de automóveis ocupando as vias, no decorrer da Avenida Dario de Paiva o que mais se tem é essa grande dificuldade de circulação de pessoa, por ser uma via de sentido duplo, e pelo fato de estar localizados a maioria de centros de serviços e comércios a quantidade de automóveis é exacerbado.

Portanto como resultado dessa pesquisa, identificamos que existe uma grande deficiência de calçadas aptas para um público geral e também deficientes físicos e motores, na maioria são muito íngremes, existe a grande falta de sinalização da via por conter um índice grande de fluxo de veículos, a falta de arborização para manter o andar a pé com conforto térmico. Reconhece-se a carência de intervenção, no âmbito físico e organizacional/gestão, que visam a melhoria da caminhabilidade no setor João Francisco. Devido ao nível de integração global do bairro com a cidade, é possível antever que algumas destas diretrizes extrapolarão a escala do bairro e vão impactar também na escala da cidade.

Considerações Finais

A questão da mobilidade, está relacionado de todas as formas possíveis com o espaço e o lugar, trazendo assim pontos para se ter uma reflexão do cotidiano presentes das pessoas, onde todos de alguma forma necessitam se deslocar a pé de

REALIZAÇÃO



um ponto a outro, assim podemos salientar que todo este deslocamento necessita de ser algo com requisitos presentes em seus trechos para se fazer uma boa caminhada.

Pode-se constatar então com os resultados da pesquisa que além de providências do meio físico municipal com melhores sinalizações para acompanhar o nivelamento da via, é necessário a conscientização de lojistas que tem algum tipo de comercio sob toda a avenida, pelo fato das construções terem sido feitas sem nenhuma adequação tanto para deficientes ou até mesmo para pessoas com mobilidade reduzida, a maioria delas íngremes, com rampas inacessíveis, muitas das vezes ocupam as calçadas com outros tipos de comercio como serviços de transportes semi-públicos. Sem entender a importância de se ter calçadas adequadas para caminhar.

Portanto desta forma podemos afirmar que para se ter uma cidade caminhavel, é necessário que o andar a pé seja visto com um modo de utilização para se deslocar de um lugar para outro, mais mantendo sempre um caminhar com conforto térmico, calçadas adequadas, e que seja algo prazeroso.

Agradecimentos

Ao professor Dr. Vinícius Polzin Druciaki pela sua dedicação, confiança e esforço, para com a pesquisa no intuito de aprimorar os conhecimentos e realizar uma pesquisa com proposta de melhoria para a sociedade.

A Universidade Estadual de Goiás, por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PrP, pela atribuição de fomento a essa pesquisa e assim priorizando a realização desta.

REALIZAÇÃO



Referências

BRASIL 2004. Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000. *Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000 que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.* 2004.

GEHL, Jan. *Cidade Para Pessoas*. Tradução de Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 3 ed. 2015.

IBGE(2010).Disponível:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/goias/pesquisa/23/23612?detalhes=true>

KNEIB, Erika C. *Mobilidade Urbana e Qualidade de Vida: do Panorama Geral ao Caso de Goiânia*. In: Revista UFG. Goiânia. Ano XIII, n.12. 2012.

SPECK, Jeff. *Cidade Caminhável*. Coleção Perspectivas, 2018 p 69-226.

Transporte urbano, espaço e equidade: análise das políticas públicas. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2001.

VASCONCELLOS, E. A. *Mobilidade Urbana e Cidadania*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION; THE WORLD BANK. *Relatório Mundial Sobre a deficiência*. Trad. Lexius Serviços Linguísticos. São Paulo, SEDPcD, 2012.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

COMIDA OU MERCADORIA: análise do processo produtivo, autoconsumo e comercialização entre agricultores familiares camponeses no Assentamento Dom Fernando Gomes - Itaberaí/GO

Bruno Cezar dos Santos (IC)¹, Murilo Mendonça Oliveira de Souza (PQ)²

1. Licenciatura Plena em Geografia, VIC/UEG, brunohto20@gmail.com

2. Docente e Pesquisador, Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiás/GO.

Resumo: A produção de alimentos, nos últimos anos, tem se convertido em produção de commodities. Um processo que vai, gradativamente, comprometendo a soberania alimentar. A agricultura familiar, especialmente, os assentados têm importância central na superação deste problema. Nesse sentido, este texto teve como objetivo geral compreender os processos produtivo, alimentar e de comercialização entre agricultores familiares camponeses no Assentamento Dom Fernando Gomes, de Itaberaí/GO, entre 2018 e 2019. Para isto, a metodologia utilizada teve base no Diagnóstico Rural Participativo (DRP), especialmente com utilização da Caminhada Transversal. Também utilizamos entrevistas semiestruturadas, com abrangência de 20% do universo. Identificamos, entre outros dados, que 25 agricultores assentados (43%) concentram-se na produção leiteira e que apenas 8 assentados tem trabalhado na perspectiva agroecológica. Os resultados, de forma geral, demonstraram que ainda há uma resistência entre agricultores familiares assentados na produção de alimentos e garantia da soberania alimentar.

Palavras-chave: agricultura familiar, reforma agrária, alimentação.

Introdução

A agricultura brasileira se submeteu, nas últimas décadas, ao pacote tecnológico da agricultura moderna. Este modelo acabou por gerar uma diversidade de danos socioambientais, se especializando na produção de *commodities*. Por outro lado, tem se consolidado nos últimos anos uma resistência a partir da agroecologia e da produção de alimentos para consumo direto dos agricultores ou para comercialização. No estado de Goiás, esta resistência tem ocorrido significativamente nos assentamentos rurais, entre os quais destacamos o Projeto de Assentamento Dom Fernando Gomes, situado no município de Itaberaí. Nesse assentamento é possível identificar a disputa entre os diferentes paradigmas produtivos, concretizados no agronegócio e na agroecologia.

O objetivo geral deste artigo é compreender os processos produtivo, alimentar e de comercialização entre agricultores familiares camponeses no Assentamento Dom Fernando Gomes, de Itaberaí/GO, entre 2018 e 2019. Especificamente,

REALIZAÇÃO

objetivamos ainda: a) Identificar e sistematizar as características socioeconômicas e produtivas dos agricultores camponeses do Assentamento Dom Fernando Gomes; b) Inventariar e catalogar os gêneros alimentícios produzidos no Assentamento, assim como o seu destino, para autoconsumo, comercialização ou retorno ao processo produtivo; c) Levantar os custos produtivos e a renda obtida através do processo produtivo agropecuário no Assentamento Dom Fernando Gomes; d) Analisar as relações territoriais estabelecidas pelos agricultores camponeses do Assentamento Dom Fernando Gomes. Esperamos, partido de tais objetivos, apresentar reflexões que contribuam no entendimento do processo de produção de alimentos na região estudada.

Material e Métodos

Metodologicamente, nos concentramos no estudo teórico-conceitual, tendo como base os conceitos de território, campesinato e agroecologia. Acreditamos que estes conceitos são essenciais para compreendermos as questões colocadas na pesquisa. Ressaltamos, no entanto, que as atividades de campo, realizadas participativamente, foram centrais no entendimento e alcance dos objetivos do trabalho.

A proposta foi de seguir uma perspectiva qualitativa de investigação, visto que entendemos relevante também a ação durante processo de pesquisa. Brandão (1987), ressalta a importância de uma inserção concreta e orgânica no contexto social pesquisado, o que em nosso caso é uma realidade, já que o pesquisador também é parte da comunidade pesquisada. Em momentos pontuais utilizamos técnicas de Diagnóstico Rural Participativo (DRP), metodologia que possibilita uma participação da comunidade na própria reflexão durante a pesquisa, como destaca Souza (2016). Entre as atividades de DRP realizadas para execução desta pesquisa destacamos a Caminhada Transversal.

Utilizamos, de forma mais específica, Roteiros de Entrevista Semiestruturados, que foram aplicados com um perfil de aproximadamente 20% dos agricultores assentados (11 entrevistas). As entrevistas foram complementadas com

informações secundárias, que nos deram elementos da totalidade dos assentados.

Resultados e Discussão

A agricultura e o processo produtivo de alimentos sofreram em sua história uma infinidade de mudanças e adaptações. É essencial destacar, no entanto, que estes dois processos são resultado da ação de agricultores e agricultoras que domesticaram a partir de sua relação com o ambiente natural uma diversidade de espécies utilizadas pelos seres humanos para alimentação, medicamento, etc. No âmbito do modo de produção capitalista, contudo, ocorreu uma transformação que mudou de forma mais considerável o processo produtivo de alimentos e seu tratamento no mercado. Historicamente o alimento vinha sendo produzido, majoritariamente, para o autoconsumo dos agricultores e a venda de excedentes. Com o capitalismo, o negócio da alimentação passou, progressivamente, a ser concentrado por algumas corporações, o que entre outros impactos promoveu uma diminuição crescente da variedade alimentar.

Em 2003, apenas 15 espécies respondiam por 90% dos alimentos vegetais, e apenas quatro cultivos – milho, trigo, arroz e soja – respondiam por 70% do consumo. Atualmente, são 58 empresas que controlam a produção de alimentos no mundo. Outras 6 empresas controlam 60% das sementes utilizadas na agricultura; se voltarmos no tempo, em 1980 nenhuma empresa de sementes chegava a dominar 1% do mercado mundial (ESTEVE, 2017, p. 16)

Desta forma, na consolidação do Agronegócio como paradigma produtivo, a concentração de toda a cadeia agropecuária, desde a produção até a comercialização, passou a ser controlada por um reduzido número de corporações. Essas corporações passaram a focar sua ação na produção de *commodities*, ou seja, em produtos primários (soja, milho, cana-de-açúcar, etc.) destinados à comercialização preferencial nas bolsas de valores como ativos e não como alimentos. A produção de alimentos por sua vez permaneceu a cargo da agricultura familiar camponesa.

O processo produtivo da agricultura familiar foi fortalecido com a criação de vários assentamentos rurais a partir, principalmente, da década de 1990. No Estado



de Goiás, por exemplo, foram diversos assentamentos criados. Somente no município de Itaberaí, área de análise e discussão deste estudo, foram criados 6 assentamentos, com a alocação de 223 famílias, entre os quais está o Assentamento Dom Fernando Gomes, com 58 famílias assentadas (INCRA, 2018), área que deu base para este estudo.

Algumas questões surgiram durante o planejamento da pesquisa, nos levando a certos questionamentos. Como tem ocorrido o processo produtivo nos assentamentos rurais em Goiás e especificamente no município de Itaberaí? Os agricultores assentados têm produzido com foco no autoconsumo ou na comercialização? E como estes processos produtivos são levados a cabo, com que práticas agropecuárias, agroecológicas, ligadas ao pacote do agronegócio? Para buscar respostas para tais questões, a princípio, temos focado no entendimento teórico e metodológico que possa embasar nosso estudo.

O primeiro elemento considerando importante refere-se ao entendimento e adaptação ao caso em estudo da categoria de análise *território*. Esta categoria pode contribuir para entendermos as relações de poder que permeiam o estabelecimento do Assentamento Dom Fernando, assim como o território mais amplo onde esta área está localizada, considerando o município de Itaberaí-GO e o Estado de Goiás. Entender como a literatura trata o conceito de território, auxiliará o entendimento do comportamento das relações espaciais dos sujeitos. Mas antes de introduzir o conceito de território devemos entender outro conceito que auxiliara na maior compreensão do texto, será o conceito “poder”.

O poder muitas vezes pode ser confundido com força física, porém o poder não está simplesmente associado a um único sujeito em questão, mas a um certo grupo que elege um sujeito para representar durante um certo período de tempo. Quando o apoio do grupo é dissolvido o poder também é perdido, revelando a ideia dialética dentro de uma sociedade (ARENDDT, 1983). O conceito de território segundo Souza (2013) é definido como um determinado espaço, ajustado por e a partir das relações de poder. Esse mesmo autor continua com a ideia de que: não são as características da geologia ou os recursos naturais que fazem de um local o território, mas quem são os sujeitos que reproduzem o espaço, ou qual a relação

social de identidade entre o grupo e seu local.

Outro autor que busca dar base ao conceito teórico é Claude Raffestin. Esse autor ao falar da categoria de análise território diz que o território é um espaço onde se materializa o trabalho, seja energia e informação, onde por características aparece as relações marcadas pelo o poder. Neste entendimento, o espaço é a “prisão original”, e o território e o local que homens e mulheres constroem para si próprios Raffestin (1993).

A organização das famílias camponesas expressa formas de sobreviver antagônicas à do agronegócio, revela características de organização que nos permite estabelecer relações de poder dentro de um determinado território. Geralmente constroem características subjetivas que os difere pelo modo de vida adotado, desde o cuidado com a terra até mesmo quando demonstra sua religiosidade, reforçando características de identidade dentro de um grupo social.

Acreditamos que também é central para a pesquisa em desenvolvimento o amadurecimento do conceito de camponês. Segundo Huberman (1936), o camponês europeu vivia em condições precárias de moradias e tinha ainda sua situação agravada por retirar apenas o necessário para a sobrevivência de sua família. As dimensões da terra podiam variar, por exemplo na Inglaterra o tamanho podia estar entre 6 a 12 hectares e na França entre 15 a 20 hectares. As condições de sobrevivência do campesinato estavam voltadas apenas para a agricultura de sobrevivência. Os senhores feudais concediam a concessão de uso para desempenhar suas atividades de forma que o camponês também era utilizado como força de trabalho. A forma de pagamento era o trabalho nas plantações do senhor do feudo, esse mesmo camponês trabalhava dois ou três dias por semana sem que houvesse qualquer forma de pagamento pela atividade desempenhada.

Esse camponês do sistema feudal poderia ser comparado com um escravo, porém não poderia ser vendido porque fazia parte da posse da terra do feudo. O feudo pertencia a um senhor feudal, caso esse feudo fosse vendido tudo que estava delimitado dentro da propriedade, logo pertenceria a seu novo dono, inclusive o camponês que trabalhava nas terras (HUBERMAN, 1936).

Ao longo dos séculos foi configurado a figura do camponês feudal, um sujeito

explorado que tem a terra como único e exclusivo meio de reprodução do seu modo de viver. Como abordado, o conceito de camponês surge na época do sistema feudal. O camponês brasileiro tradicional ao contrário do camponês europeu surge em meio ao sistema capitalista/escravista e carrega consigo suas particularidades. Esse sujeito imerge em meio uma sociedade escravista acumuladora de terras.

Martins (1981) atribui ao camponês brasileiro em pleno regime escravista como um sujeito excluído pautado principalmente na figura do agregado, como aquele que desenvolvia seu trabalho muitas vezes na abertura de novas áreas para as fazendas. Em troca ele poderia plantar para suas necessidades como: arroz, feijão, milho e algodão. Neste contexto o camponês poderia ter o direito a posse da terra até que a colheita das plantações tivesse resultados expressivos. E quando isto acontecia, tinham que seguir para novas áreas. O mesmo autor também fala que a partir da década de 1950 as formas mais importantes de luta política e resistência do campesinato foi através da criação das ligas camponesas e os sindicatos. Marques (2008) também fala sobre esse período do camponês brasileiro.

O conceito de camponês adquire lugar de destaque nas ciências sociais brasileiras nos anos 50 ao mesmo tempo em que se afirmar como identidade política em nível nacional. É o momento das "Ligas Camponesas", quando a grande concentração de terras e a extrema desigualdade social se tornam mais evidentes com as mudanças verificadas nas relações de trabalho e aparecem como fundamentos da questão agrária brasileira.

Martins (1981) fala sobre a nova configuração do direito a posse da terra a partir da década de 1950. Em um primeiro ano o fazendeiro dava a posse da terra para o desmatamento da terra e nada havia de pagar. No segundo ano as coisas invertiam, era cobrado cerca de 20% da cultura do arroz deixando de ser cobrado das outras culturas. Esse conceito ganha maior destaque nos anos 1970 pelas ciências agrárias devido o acirramento das lutas pela posse da terra. Foram criados durante esse contexto movimentos sociais de luta pela a terra que deram maior visibilidade a essa temática. Nascimento (2010) faz suas contribuições:

Não poderia deixar de dizer que a Teologia da Libertação contribuiu para as ações pastorais das dioceses e prelazias espalhadas pelo Brasil. Nestas ações destaca-se o papel de bispos e padres inseridos na luta pela terra e em defesa da reforma agrária por meio da atuação junto à Comissão



Pastoral da Terra. Neste sentido, movimentos sociais do campo surgiram e deram visibilidade ao problema agrário no Brasil. Entre eles destacamos: o MST, o MPA, o MAB e a própria corrente sindical do campo com a CONTAG.

A agroecologia entra neste contexto como uma ciência que promete auxiliar através de técnicas o camponês, com uma compreensão mais justa na produção do espaço. Altieri (2004) discorre sobre a agroecologia como um arranjo metodológico de atividade para o entendimento mais aprofundado tanto do sistema natural como dos agroecossistemas, pelos princípios de como eles funcionam.

Um melhor olhar sobre a agroecologia abre o interesse para os pesquisadores a penetrar o conhecimento e nas artimanhas dos agricultores e a fomentar agroecossistemas com uma dependência mínima de insumos sintetizados e agroquímicos (ALTIERI, 2004). Continuando Altieri (2004) discorre sobre os objetivos da agroecologia, tendo em vista toda a dinâmica de organização das comunidades. Esses objetivos são essenciais para pensarmos a questão da produção de alimentos no Brasil e, especificamente, no Estado de Goiás e no município de Itaberaí.

O Projeto de Assentamento Dom Fernando Gomes tem características específicas em sua conformação. Destacamos a princípio duas delas, sendo a primeira o fato de ter sido instalado em área cercada pelo agronegócio e outra a origem das famílias assentadas majoritariamente em áreas urbanas. O assentamento, fruto da luta pela terra, está situado em área cercada por culturas do agronegócio, entre elas os plantios permanentes de cítricos, os grãos (soja e milho), eucalipto e cana-de-açúcar. É certo que este contexto acaba por influenciar nos produtos internamente no assentamento. Alguns assentados já têm produzido principalmente áreas com Cítricos, utilizando o mesmo pacote tecnológico dos grandes produtores. E sobre a origem das famílias cabe destacar que de acordo com levantamento feito durante a realização do Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA – SILVEIRA, 2008) foi identificado que entre 68 citações de profissões anteriores ao acampamento, 60 eram características de áreas urbanas, como: soldador, motorista de táxi, comerciante, costureira, pedreiro, entre outros.

Na pesquisa realizada identificamos que entre as 58 famílias assentadas, apenas 8 (13,8%) trabalham em uma perspectiva agroecológica. A produção

pecuária de leite ainda congrega a maioria dos assentados, mas há também agricultores que tem plantado frutas (principalmente banana e laranja), que totalizam 10 produtores assentados (17,2%) com estas culturas. A pecuária leiteira abrange 25 famílias assentadas (43%), sendo a prática mais comum no assentamento Dom Fernando Gomes.

As famílias assentadas que tem buscado desenvolver práticas agroecológicas tem tentado estabelecer parcerias em grupos coletivos. As fotos 1 e 2 mostram atividade de formação coletiva em agroecologia (Escola Diocesana de Agroecologia) realizada em parcela de família assentada no Dom Fernando Gomes. A primeira foto demonstra a preparação de compostagem e a segundo mostra a instalação de quintal agroecológico. Nesta atividade, participamos, sendo que compôs parte do Diagnóstico Rural Participativo (DRP), quando realizamos entrevistas não estruturadas com algumas famílias assentadas.

Fotos 1 e 2 – Práticas agroecológicas, Assentamento Dom Fernando Gomes, Itaberai/GO.



Fonte: Arquivo Gwatá, 2018.

Os grupos coletivos de agroecologia têm garantido produção de alimentos para consumo familiar, mas também vem gerando produtos que são comercializados. Os principais produtos comercializados tem sido o mel, a banana e hortaliças diversas (principalmente folhas). Isto indica que a produção agroecológica permite a garantia de renda e alimento para as famílias agricultoras.

Considerações Finais

A partir dos resultados do trabalho, entendemos que ainda a maior parte dos agricultores assentados no Projeto de Assentamento Dom Fernando Gomes, em Itaberaí/GO, continuam produzindo segundo o pacote tecnológico da Revolução Verde. Há ainda alta utilização de insumos químicos, especialmente agrotóxicos. Estes produzem em uma perspectiva voltada para o mercado exclusivamente. Por outro lado, identificamos também grupos de assentados que tem buscado a consolidação de um modelo agroecológico de produção. Estes tem produzido alimentos de boa qualidade, tanto para alimentação como para comercialização e geração de renda.

Referências

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável** / Miguel Altieri. – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ARENDT, Hanna (1983- 1970): **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2ª ed.

BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, C. R. (Org.) Repensando a pesquisa participante. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 7-14.

DELGADO, Guilherme Costa. **DO CAPITAL FINANCEIRO NA AGRICULTURA A ECONOMIA DO AGRONEGÓCIO-** As mudanças cíclicas em meio século (1965-2012). Editora: UFRGS, 2012.

ESTEVE, E. V. Prefácio à edição Brasileira *in* O negócio da comida: quem controla nossa alimentação. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

ESTEVE, Esther Viva. **O negócio da comida: quem controla nossa alimentação**. São Paulo (SP): Expresso popular, 2017, p.8.

FAO – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **The State of Food insecurity in the World**. Roma, 2015

HUBERMAN, Leo. **HISTORIA DA RIQUEZA DO HOMEM**. Nova York: Zahar, 1936. P.13 a14. Tradução: Waltensir Dutra.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Assentamentos em Goiás**. Disponível em: <https://incragoias.wordpress.com/distribuicao-dos-assentamentos-no-estado-de-goias/>. Acesso em: 29 de março de 2018.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A ATUALIDADE DO USO DO CONCEITO DE CAMPONES**. São Paulo: revista Nera, 2008. P. 60.

MARTINS, José de Souza. **OS CAMPONESES E A POLITICA NO BRASIL- AS lutas sociais no campo e seu ligar no processo político**. Petrópolis (RJ) editora : Vozes Ltda, 1981.

MAZOYER, Marcel; ROUDAET, Laurence 1933. **A história das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporâneo** [tradução de Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira]. – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010, p. 70.

MENESES, Suzaneide Ferreira da Silva; DANTAS, Márcia Egina Câmara; SALLES, Maria Clara Torquato; FILHO, Paulo Cezar; DUARTE, Alyana Karla do Nascimento; MEDEIROS, José Laércio Bezerra. **DIAGNÓSTICO RURAL PARTICIPATIVO (DRP) UMA FERRAMENTA NECESSÁRIA PARA INVESTIGAÇÃO/INTERVENÇÃO: EXPERIÊNCIA DO PROJETO CAJUSOL NO TERRITÓRIO DO SERIDÓ (RN) Área Temática: Desenvolvimento e Espaço: ações, escalas e recursos**. IPEA code, anais do I circuito dos debates acadêmicos, 2011.

NASCIMENTO, Claudiomiro. **IGREJA CATÓLICA E A LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 14, n. 1, p. 175-196, 2010.
RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo (SP) Editora: Ática S.A, 1993. V. 29.

SILVEIRA, André Luiz Rodrigues da, et al. PDA. Goiânia, 2008. p. 82.

SOUZA, M. M. O. **Metodologias participativas em extensão universitária: o diagnóstico rural participativo (DRP)**. In: SOUZA, M. M. O.; CARVALHO, G. O. (Org.). Extensão Universitária: metodologia e experiências. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2016. p. 4766.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio espacial**. Rio de Janeiro (RJ) editora: Bertrand Brasil, 2013.

Cultura material indígena: Xingu e Cerrado

Josué P.Machado Júnior¹; Poliene Soares dos Santos Bicalho²

¹Discente do Curso de História, PBIC/UEG, Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas e-mail: josue-pmachado@hotmail.com

²Orientadora e docente no curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis/GO

Universidade Estadual de Goiás Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas

Resumo: As primeiras ocupações humanas no Brasil deixaram poucos vestígios. As dificuldades de interpretação dos materiais, unida a uma visão eurocêntrica do conceito de cultura, fazem com que muitos, sejam pesquisadores ou não, acabem fazendo uma interpretação errônea do vasto acervo cultural dos povos indígenas. Os objetos principais dessa pesquisa são, justamente, os vestígios deixados por esses povos e suas influências culturais. Esses povos são aqueles que ocuparam a região do Xingu, principalmente após o século XII, mas que não deixam de sofrer influências daqueles que haviam ocupado a região antes. A perspectiva adota parte do que é comumente chamado de relativismo cultural, ou seja, a ideia de que não existe culturas superiores ou inferiores, nem uma história linear que todos os povos devem seguir. Essa visão, totalmente oposta ao positivismo eurocêntrico, se mostra muito mais útil para estudar esses povos, já que causa maior entendimento, devido ao fato de partir do ponto de vista do próprio indígena, ao invés de partir do ponto de vista daqueles que não pertencem à cultura, o não indígena. Dessa forma, estudaremos também as relações desses vestígios com os povos atuais, os primeiros estudos antropológicos feitos na região e os atuais, além da história do Xingu.

Palavras-chave: Cerrado. Povos indígenas. Xingu.

Introdução

Há cerca de 33 mil anos atrás o *Homo Sapiens* começou a fazer suas primeiras representações artísticas. O foco deste estudo, que é resultado do plano de trabalho intitulado Cultura Material indígena: Xingu e Cerrado, era, inicialmente, estudar a arte rupestre em áreas de Cerrado, presentes no interior ou nas proximidades do Parque Indígena do Xingu. Contudo, diante do avanço das leituras relativas à pesquisa, verificamos poucos indícios da presença desta expressividade artística nas regiões, o que nos levou a optar pelo estudo da cultura material, que propicia maiores subsídios à pesquisa.

REALIZAÇÃO



A cultura material, como definida por Berta Ribeiro, inclui, além das cerâmicas, tecidos e outros, também a arte, que está sempre interligada a esses objetos. E essa cultura, que estudamos, começou a aparecer há menos de doze mil anos (período holoceno), na região xinguana; e é composta por representações figurativas e abstratas, além de cerâmicas. Nesse caso, manufaturas, tecnologias e artes se misturam, segundo Berta Ribeiro.

Na qualidade de elemento da cultura, que efetivamente não deixa de ser, a arte indígena tem sido descrita pelos etnólogos no capítulo da cultura material, isto é, das manufaturas e das tecnologias, com o que se ressalta seu valor utilitário e técnico, passando a segundo plano o componente artístico que detem. (RIBEIRO, 1989, p. 31)

Os locais escolhidos para estudarmos a cultura material produzida pelos indígenas são o Parque Indígena do Xingu, criado durante o governo do então presidente Jânio Quadros, em 1961, pois, devido ao fato de ser uma área extensivamente ocupada, no passado, por vários grupos humanos, ela se torna um interessante objeto de estudo; a outra área que também é o objeto de análise deste estudo é o Cerrado, bioma dominante em Goiás, Estado que também teve suas ocupações analisadas.

Consideramos, nesse trabalho, as representações artísticas produzidas por povos que não possuíam escrita (chamados de pré-históricos) e que habitavam a região do Xingu desde antes de 1500. O conceito de arte utilizado aqui também será diferente do utilizado habitualmente, visto que as diferentes etnias, do Brasil e do mundo, têm diferentes visões do que é arte.

Assim sendo, os desenhos vistos em cavernas, assim como as figuras esculpidas em pedras, poderão ser consideradas representações artísticas, independente do fato de terem sido produzidas para este fim ou não. Isso se deve à assertiva de que nem sempre esses povos produzem a “arte pela arte”, como os ocidentais o fazem, mas produzem seus objetos sempre tendo em vista um fim



prático. Ou seja, se fazem pintura corporal, não o fazem apenas visando a contemplação artística, mas a fazem com fins ritualísticos. Da mesma forma são feitos todos os outros objetos da cultura material, incluindo a própria arte ruprestre.

A respeito disso, Gombrich diz:

[...] Não eram consideradas meras obras de arte, mas objetos que tinham uma função definida. Seria um medíocre juiz de casas aquele que ignorasse para que fins elas foram construídas. Analogamente, é improvável que compreendamos a arte do passado se desconhecermos os propósitos a que tinha de servir. Quanto mais recuamos na história, mais definidas, mas também mais estranhas, são as finalidades que se julga serem servidas pela arte. (GOMBRICH, 1999, p. 14)

Da mesma forma podemos pensar a respeito da arte indígena: é uma arte feita com fins práticos, mas que também anuncia preocupações estéticas. Franz Boaz, em suas reflexões sobre a arte primitiva, chega à conclusão de que podemos chamar de arte a mistura da técnica com a intenção.

Dessa forma, o canto dos pássaros, mesmo com toda a sua beleza, não seria arte. Do mesmo modo, qualquer outro som, objeto ou dança não poderia ser considerado arte apenas pela presença da técnica. No caso da arte indígena, podemos ver os dois elementos: preocupação estética aliada à técnica.

Na região xinguana podemos dividir as ocupações em dois períodos: *Diauarum* e *Ipavu*, sendo que a maior parte das cerâmicas encontradas por arqueólogos na região pertencem ao período *Ipavu*, o que confirma as antigas teorias. Além disso, essa fase da ocupação (1220-1300 d.C.) guarda grandes semelhanças com a cultura indígena atualmente presente na região, o que indica uma provável continuidade; ao passo que os vestígios da antiga ocupação (*Diauarum*) são escassos.

Neste trabalho analisamos a cultura material presente entre algumas etnias Xinguanas e do Cerrado, além dos achados arqueológicos, tendo em vista suas

formas e expressividades artísticas

Material e Métodos

Foram realizadas leituras sobre a pré-história brasileira, além da análise da própria pré-história Xinguana, através das discussões de Vera Coelho (1993) sobre a viagem do antropólogo Karl von den Steinen ao Brasil, ainda no século XIX, e suas pesquisas sobre os habitantes da região, diferenciando as fases de ocupação de acordo com os momentos históricos; e também as regiões, para construir uma análise significativa sobre os achados arqueológicos na área de estudo.

É importante frisar que muito do que Von den Steinen teorizou ainda está sendo pesquisado – e confirmado – atualmente, como as duas fases de ocupação, ainda estudadas pelos etnólogos, Diauarum , anterior ao século XII e Ipavu, posterior ao mesmo. A primeira deixou poucos vestígios e sua influencia na cultura atual da região é pouca, ao passo que a segunda deixou um legado maior, influenciando ainda na cultura xinguana.

Para a análise da cultura material, fizemos a leitura de Berta Ribeiro. E, para compreendermos a ocupação humana inicial do Cerrado, utilizamos do livro O piar da Juriti Pepena, de Altair Salles Barbosa.

O livro Povos do Alto Xingu: história e cultura, de Franchetto e Heckenbeger, foi utilizado para entendermos a região xinguana, não apenas no sentido histórico, mas também antropológico, visto que a pesquisa abrange as duas áreas do conhecimento.

Como leitura sobre a arte em geral, utilizamos Franz Boas e E. H. Gombrich, que trazem reflexões filosóficas, históricas e antropológicas a respeito do que é arte e qual a característica principal de um trabalho artístico. É importante frisar que suas respectivas visões sobre o tema são inovadoras, partindo de um princípio mais abrangente e menos eurocêntrico do que seria a arte.

Resultados e Discussão

Pode-se notar que existiram dois períodos de ocupação na região Xinguana, a primeira, *Diauarum*, anterior ao século XII, não deixou um grande número de vestígios; além de, aparentemente, ter uma menor influência na cultura indígena atualmente presente na região. A segunda fase, *Ipavu*, começa a partir do séc. XII, e possui uma vasta influência sobre a cultura atual da região, além de um maior número de vestígios.

A região Xinguana pode ser dividida em Norte e Sul, com o Norte sendo uma região com cultura mais heterogêneas, o que indica migrações mais recentes; e o sul se apresenta justamente como o oposto da região norte, com uma grande homogeneidade étnica, embora com etnias com línguas e traços culturais distintos, o que indica, provavelmente, uma ocupação mais antiga.

Há, muitas vezes, uma dificuldade dos pesquisadores em interpretar os achados arqueológicos na região. Um desses exemplos são as valetas encontradas, que ainda levantam dúvidas sobre suas origens, se são naturais ou culturais.

Trata-se de aberturas encontradas no solo de cerca de três metros, que, segundo algumas suspeitas, podem ter sido utilizadas pelos antigos habitantes da região (provavelmente ainda nas primeiras ocupações), em algum tipo de cerimonia ritualística, ou como uma estratégia de defesa. Por outro lado, há pesquisadores que discordam da tese de que as valetas sejam obras daqueles povos. Nesse caso, atribui-se sua origem a um fenômeno natural, causado pelas chuvas e deslizamentos na região.

Outro ponto importante diz respeito à própria intenção desses grupos, ao fazerem suas pinturas e cerâmicas, visto que esses objetos eram utilizados em rituais, muitas vezes religiosos, e não para uma simples apreciação estética, desde as primeiras ocupações.

Dessa forma, a discussão sobre o conceito de arte, especialmente a arte



indígena, se faz presente; e mais ainda quando se trata de períodos anteriores a invenção da escrita, já que, muitas vezes, o pesquisador acaba se deixando levar pelo conceito único de arte ocidental, o conceito iluminista de beleza e de arte pela arte.

Assim sendo, podem ocorrer interpretações equivocadas relativas aos achados arqueológicos, havendo uma tendência a classificá-los como meros objetos ritualísticos, ao invés de também se observar neles expressões e formas de uma arte muito específicas.

Segundo Ribeiro (1989), se computarmos todos os instrumentos e utensílios mais importantes dos indígenas brasileiros, veremos que não ultrapassam duas dezenas. Apesar disso, cada um desses utensílios possui uma série de ornamentos que caracterizam as diferentes etnias.

A metalurgia, como dito anteriormente, era desconhecida pelos mesmos, mas a cerâmica está presente em todas as comunidades étnicas da floresta tropical, e ausente entre a maioria dos povos do Cerrado. Essa ausência se deve, principalmente, à economia sazonal destes grupos étnicos, que se caracterizavam pelo modo de vida do caçador-coletor. A modelagem do barro se faz universalmente entre as etnias brasileiras, servindo para a construção de potes, panelas, tigelas, urnas etc.

A cerâmica e a tecelagem, segundo Ribeiro (1989), são artes características dos grupos da floresta tropical, sendo o grupo Pano, da bacia Juruá-Purus, o que possui a cerâmica mais refinada dentre as etnias indígenas, no que se refere à técnica de produção. A respeito das diferentes cerâmicas, Berta Ribeiro conclui;

Embora utilizando a mesma técnica oleira (de superposição de rolos em espiral feitos com argila misturada a cariapé ou outros temperos) (Lima 1986:176), a cerâmica de cada tribo apresenta atributos de formato e ornamentação inconfundíveis (RIBEIRO,

1989, p. 46)

No entanto, a técnica mais importante dominada pelas etnias em geral, segundo Ribeiro (1989), é a manufatura dos trançados, que executam a mão livre. Os indígenas brasileiros alcaçaram um alto nível de domínio técnico nesse tipo de manufatura, que tem uma ampla distribuição geográfica e uma variedade de formas e técnicas de confecção diferentes.

Segundo Berta Ribeiro (*apud* ADOVÁSIO, 1976, p. 7), há indícios arqueológicos que apontam que esse tipo de confecção já era feito nas Américas há pelo menos 11 mil anos a.C. Esses objetos eram indispensáveis para o transporte de caça, pesca, frutos silvestres, sementes, dentre outros.

De acordo com as regiões, determinados tipos de objetos poderiam ser produzidos mais facilmente, ao passo que outros sequer poderiam ser produzidos. Em algumas situações, havia trocas de objetos de uma etnia para outra, como no caso dos Trumai, que, no Alto Xingu, eram os responsáveis por fornecer machados de pedra aos demais grupos da área.

Os Kamayurá, povo de origem tupi, produzem redes de pesca e, no passado, faziam um tambor manufaturado utilizando toras ocas, além de remédios utilizados em rituais. Há também evidências de que no passado construíam casas enormes, que, muitas vezes, para serem feitas demandavam até mesmo a ajuda de pessoas de outras aldeias.

Há também a fabricação de objetos musicais. Os aruak, presentes no Alto Xingu, possuem a mais longa e rigorosa iniciação para os xamãs. Durante seus rituais, utilizam-se de flautas sagradas para gerenciar tensões sociais. Além disso, utilizam zunidores para atrair chuvas e peixes após a estação seca. Os kuikuro, ao contrário, costumam utilizar o zunidor como brinquedo.

Dessa forma, podemos notar uma ampla variedade de objetos da cultura material, assim como podemos ver a técnica aplicada de diferentes formas, e

como um modo de diferenciar as várias etnias, que não desenvolveram suas culturas em completo isolamento, ao contrário, recebeu sempre influência umas das outras, em um intenso trânsito de fronteiras culturais.

Considerações Finais

As dificuldades presentes em nossos estudos sobre a realidade indígena se devem, em muito, à visão eurocêntrica que ainda existe em nossos pensamentos. Dessa forma, o primeiro passo a ser dado, ao fazermos esses tipos de estudos, deve ser estudar as teorias acerca do relativismo cultural, utilizando autores como Claude Lévi-Strauss e Franz Boas.

Nessa compreensão, vemos que não há uma linha a ser seguida pelos vários grupos humanos, além da mudança no conceito do que entendemos como primitivos, rompendo com as antigas noções positivistas e eurocêntricas, o indígena passa a ser visto apenas como o diferente, mas não como o inferior.

Além disso, é preciso avançar mais e compreender a realidade do outro a partir do ponto de vista dele próprio, dessa forma, vemos que a mera classificação desses grupos como indígenas é errônea, visto que são várias etnias com diferentes línguas e culturas, além de diferentes formas de arte; e essas diferenças, em vários casos, tornam-se notáveis ao estudarmos sua cultura material.

Ao estudarmos esses povos, torna-se de grande importância o uso da cultura material, ou seja, os vários tipos de objetos presentes naquela cultura. Este tipo de estudo nos proporciona uma nova visão acerca desses povos, que possuem uma vasta cultura material, que, muitas vezes, como no caso das culturas mais homogêneas, provém de ocupações muito antigas, de antes da chegada dos europeus, e que se mantem vivas nas tradições dos povos atuais.

Além disso, foi possível compreender melhor como utilizar a cultura material e fontes arqueológicas no trabalho do historiador, fugindo da noção tradicional do uso apenas de fontes escritas, já que se tratam de povos que não se comunicam, necessariamente, através da forma escrita que conhecemos.

Ademais, é importante o diálogo constante com a antropologia, para tratarmos



melhor a respeito das diferenciações culturais ou, até mesmo, a respeito da própria noção de cultura.

Essas fontes são utilizadas, principalmente, para se estudar povos que não possuem a escrita convencionalmente aceita como tal, e que, para alguns, acabam fugindo do domínio do historiador.

No entanto, é preciso lembrar que a história humana não é exatamente linear, e que alguns povos, sem escrita (mas que possuem outras noções gráficas, como o próprio grafismo indígena, presente ainda hoje entre algumas etnias, e importante como expressão das suas artes e culturas), se relacionavam com povos que já possuíam a escrita, que era desenvolvida principalmente por povos sedentários.

Dessa forma, compreender a história dos povos ditos primitivos é também conhecer e problematizar a história que geralmente conhecemos como único domínio possível do historiador.

Agradecimentos

Agradeço a professora Dr. Poliene pela oportunidade, pelos ensinamentos e possibilidades de novos aprendizados. Agradeço também a UEG pela oportunidade e disponibilização das bolsas.

Referências

BARBOSA, Altair Salles; SCHMITZ, Pedro Ignácio; NETO, Antônio Teixeira; GOMES, Horieste. **O piar da Juriti Pepena**: narrativa ecológica da ocupação humana do Cerrado. Goiânia, Editora da PUC, 2014.

COELHO, Vera Penteadó (Org.). **Karl von den Steinen: Um século de antropologia no Xingu**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1993.

FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael. **Os povos do Alto Xingu**:

REALIZAÇÃO

VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



história e cultura. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

*GOMBRICH, Ernst H. A **História da arte.*** Rio de Janeiro: LTC, 1999.

RIBEIRO, Berta G. **Arte indígena. Linguagem visual.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1989.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



CULTURAS ESCONDIDAS: Raizeiros e benzedeadas, uma cultura quase extinta nas áreas rurais de Anápolis.

Edjane Rodrigues Nunes^{1} (IC), Mary Anne Vieira Silva² (PQ), Loçandra Borges de Moraes³ (PQ).

¹ Bolsista de Iniciação Científica - BIC-UEG. Graduanda em Geografia, Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, GO. E-mail: edjanernunes@gmail.com.

² Professora do Curso de Geografia, Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, GO. Orientadora da primeira fase da pesquisa.

³ Professora do Curso de Geografia, Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, GO.

Resumo: A presente pesquisa é fruto do plano de trabalho aprovado no contexto do desenvolvimento do projeto “Modos de vida e manejos de cultivos da terra”. A pesquisa situa-se no campo da Geografia Cultural, ciência que representa uma das áreas mais dinâmicas no campo da geografia, visto que estuda os produtos culturais, seus códigos e normas, analisando suas variações e transformações através dos espaços e lugares. Para cumprir os objetivos propostos foi preciso conhecer as histórias das benzedeadas e de raizeiros; identificar e mapear, no entorno da cidade de Anápolis, algumas áreas que cultivam as raízes como ervas de cura e caracterizar os plantios de ervas realizados em quintais, bem como as práticas das benzedeadas. Verificou-se, nesse contexto, a importância de preservar o Cerrado, porque é de onde vem a maioria das plantas medicinais. O obstáculo encontrado durante a pesquisa foi a identificação de benzedeadas moradoras da cidade. Como são tradições passadas de pais para filhos, os jovens de hoje parecem não ter interesse em aprender essa prática que está desaparecendo. Por outro lado, os raizeiros foram facilmente encontrados. Geralmente são vendedores de raízes, trabalhadores do comércio informal que se encontram nas ruas da cidade de Anápolis.

Palavras-chave: Lugar. Conhecimento tradicional. Cerrado. Cidade.

Introdução

Em geral, o uso e o conhecimento das propriedades medicinais das espécies do Cerrado estão nas mãos de pessoas leigas e relacionadas aos costumes locais, tais como os raizeiros(as) e benzedeadas/benzedeadas.

Considerando o tema da pesquisa foi preciso caracterizar o que vem a ser agricultura familiar e conhecer também as práticas dos raizeiros e benzedeadas da cidade e entorno de Anápolis, visto que se trata de uma prática realizada geralmente por pequenos agricultores familiares.

Para compreender o conceito de agricultura familiar é preciso resgatar algumas características do conceito de camponês. Cardoso (1987) destaca quatro





características:

1) Acesso estável à terra, seja em forma de propriedade, seja mediante algum tipo de usufruto; 2) Trabalho predominantemente familiar, o que não exclui o uso de força de trabalho externa, de forma adicional; 3) Auto-subsistência combinada a uma vinculação ao mercado, eventual ou permanente; 4) Certo grau de autonomia na gestão das atividades agrícolas, ou seja, nas decisões sobre o que e quando plantar, como dispor dos excedentes, entre outros (CARDOSO, 1987, p.56).

Assim, podemos chamar de produção camponesa aquela em que a família trabalha na unidade para sua subsistência, mas também produz para o mercado.

Ao longo de décadas, a ocupação do Cerrado pelo dito europeu ou o “homem branco” de diversas regiões do país, pelos africanos escravizados, somados aos povos indígenas que ali habitavam, culminou na constituição da diversidade sociocultural que habita o bioma Cerrado atualmente (DIAS; LAUREANO, 2009).

A biodiversidade do Cerrado oferece raízes, cascas, resinas, óleos, folhas, argilas, água, e outros recursos naturais que são mobilizados por suas populações para a prática da medicina popular. (DIAS; LAUREANO, 2009). No caso dos raizeiros não é incomum realizarem a extração (raízes, folhas, cascas etc), de maneira predatória, provocando a degradação do Cerrado.

Esses saberes populares ou tradicionais, característicos do mundo rural, aos poucos foram sendo reconstruídos na cidade com a migração dos moradores do campo para o meio urbano em busca de melhores condições de vida. Levando-se em conta que é uma cultura quase extinta, a história de alguns raizeiros¹ e benzedeiros² da cidade de Anápolis e entorno, foi relevante para essa pesquisa.

¹ Os raizeiros, também conhecidos como herbolários, herbários, curandeiros (FRANÇA *et al.* 2008), ervateiros (MIURA *et al.* 2007) ou erveiros (ALVES *et al.* 2008), são pessoas consagradas pela cultura popular no que diz respeito ao conhecimento sobre preparo, indicação e comercialização de plantas medicinais e que possuem espaço garantido em ruas, feiras livres e mercados (TRESVENZOL *et al.* 2006). Em estudos etnobotânicos os raizeiros representam uma importante fonte de informação sobre plantas medicinais por ser um elo entre a produção e o consumo destes produtos (MIURA *et al.* 2007).

² As Benzedeiros utilizam o benzimento, que é entendido como uma atividade terapêutica, a qual se concretiza através da relação de quem benze e quem é bento. O(a) benzedor(eira) exerce um papel de interligação com o divino pela qual se busca a cura. Essa prática tem como parte do seu rito o uso de algum tipo de oração, geralmente decoradas, sendo algumas orações espontâneas e a utilização de algum tipo de objeto.





Nesse contexto não podemos negligenciar o fato de os(as) benzedores/benzedeadas interpretarem sua prática como uma missão recebida de Deus.

Em relação ao comércio de plantas medicinais na cidade de Anápolis, constatou-se que há raizeiros espalhados pela cidade, geralmente ocupam barracas localizadas próximas às áreas de risco, instaladas e mantidas de forma inadequada, construídas com metais enferrujados e forradas com folhas de jornais. Entretanto, há também raizeiros instalados no Mercado Municipal cujas barracas são diferenciadas do padrão descrito e o local de exposição dos produtos é mais adequado.

Material e Métodos

Na primeira fase da pesquisa foram coletados dados junto a raizeiros e benzedeadas, entre os meses de agosto e novembro de 2018, na região central e em bairros afastados do centro na cidade de Anápolis-GO.

Na segunda fase da pesquisa, realizada no período de dezembro de 2018 a julho de 2019, houve o detalhamento das práticas rurais de plantios de raízes e visitas a algumas áreas rurais no entorno da cidade de Anápolis-GO.

Concomitantemente a estas duas etapas ou efetivação de trabalhos de campo e entrevistas, foram realizadas pesquisas bibliográficas em livros, artigos, dissertações, jornais, sites e revistas.

Resultados e Discussão

Como resultados dessa pesquisa, em primeiro lugar reconhecemos que o uso das plantas com finalidades de benzimentos e cura de doenças por vias terapêuticas liga-se ao campo tradicional que compreende forças espirituais para a resolução dos problemas.

Ao associarmos as questões culturais à realidade histórico-social e às condições de vida das pessoas, observamos que as pessoas que benzem e têm sabedoria para lidar com plantas e delas fazer remédios que curam, são elementos associados (PRIORE, 1997).



Em segundo lugar verificamos que a falta de recursos financeiros para o acesso a medicina convencional e dificuldades de acesso aos medicamentos alopáticos possibilitaram a continuidade do uso alternativo, ou seja, “foi um mal provocado pela necessidade, um tipo de medicina praticado na base dos conhecimentos vulgarizados, popularizados, adquiridos através do empirismo. Seja na zona rural, nos povoados ou grandes centros” (PRIORE, 1997, p. 15).

No entanto, precisamos considerar também as muitas experiências na arte de curar, o saber fazer da cultura ou das culturas no Brasil que,

Na empreitada de alargamento do nosso território construiu-se uma teia de relações, nas quais as experiências na arte de curar, mais em consonância com nosso ambiente e natureza, foram amalgamadas. As mezinhas provenientes da flora e da fauna, as orações, amuletos, benzeções e excrementos fazem parte de um rico arsenal curativo. Longe dos socorros médicos, isolados no sertão, marcado pela distância e solidão, as novas experiências curativas puderam aflorar, demarcar presença, frutificar e persistir até os dias atuais (MACHADO, 1997, p. 237).

O autor ainda destaca que,

[...] dentre essas crenças o curandeirismo e as “benzeções” por serem práticas culturais que sobrevivem no interior das Gerais. [...]. Acreditamos ser pertinente afirmar que a busca por curadores e benzedores tem a ver com uma outra ordem de coisas. A mais forte delas, supomos, está intimamente ligada aos fenômenos do imaginário popular e das representações mentais, buscando solucionar problemas de suas vidas através de ‘forças imponderáveis’ (MACHADO, 1997, p. 236).

Apesar do poder de resistência dessas práticas, foi possível perceber que em Anápolis as práticas de benzeções estão quase extintas, pois, aparentemente as pessoas não têm interesse em aprender essa técnica milenar.

Mas ao visitar uma chácara, na região da Pedreira encontramos uma benzedeira e também raizeira que denominaremos de B. Dona B, com seus 66 (sessenta e seis) anos, com grande alegria prontamente respondeu o que lhe foi perguntado e relatou todo o seu conhecimento na prática de benzimento, e em plantas medicinais do seu quintal e também de plantas do Cerrado existentes nas proximidades.

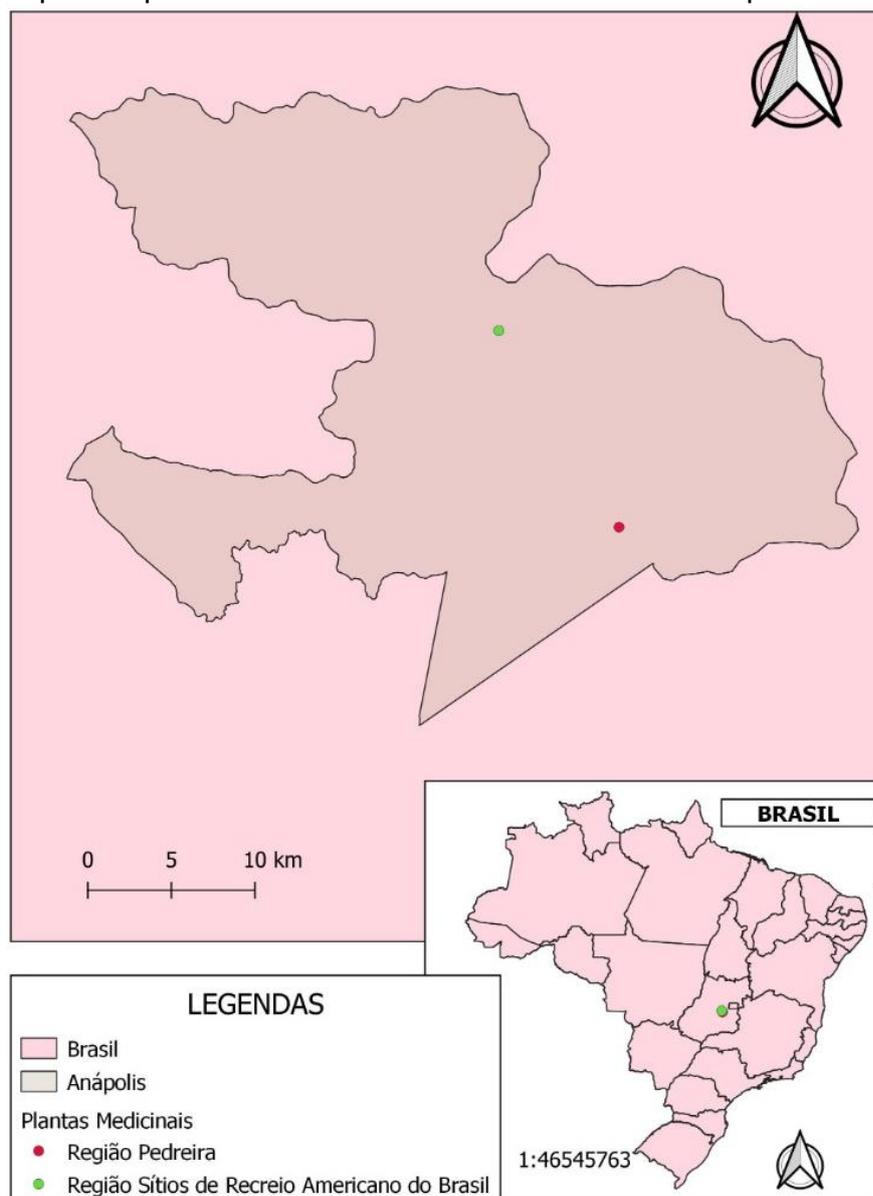
Os(as) raizeiros(as), por sua vez, resistem. São geralmente filhos(as), netos(as) de raizeiros que aprendem desde cedo a conhecer e identificar as raízes e





conhecer seus benefícios, alguns aprendem sozinhos no contato dia a dia com as pessoas. Foi o que observamos durante o trabalho de campo na área de chácaras Americano do Brasil, próxima a Base Aérea de Anápolis. Dona A, uma senhora com 75 (setenta e cinco anos) anos, se mostrou bastante conhecedora de plantas do Cerrado e também de todas as plantas que possui em seu quintal. Na figura 1 é possível identificar a localização das propriedades visitadas.

Figura 1 – Mapa das plantas medicinais nas ruralidades de Anápolis - GO (2019)



Mapa organizado por: Lucas André Maciel David
Fonte de dados : IBGE EPSG 4618.Qgis 3.4 LTR
2019

REALIZAÇÃO



Nos quintais das propriedades visitadas, localizadas no entorno de Anápolis, foi possível fotografar algumas dentre as plantas que são usadas para o preparo de xaropes e garrafadas. (Figuras 2 a 5).

Figura 2 - Arruda



Foto: Nunes (2019)

Figura 3 - Hortelã da Folha Gorda



Foto: Nunes (2019)

Figura 4 - Bálsamo



Foto: Nunes (2019)

Figura 5 - Cana de Macaco



Foto: Nunes (2019)

Nas bancas de raízes que estão localizadas no centro da Cidade de Anápolis foram encontradas algumas espécies que vêm diretamente do entorno e também de outros Estados. Dentre as muitas que existem merecem destaque a casca do



barbatimão e também o pé de perdiz que estão entre as mais comercializadas (figuras 6 e 7).

Figura 6 -Casca de Barbatimão



Foto: Nunes (2019)

Figura 7 - Pé de Perdiz



Foto: Nunes (2019)

Considerações Finais

Ao finalizar as atividades do projeto o que se pôde concluir foi que, no decorrer dos anos, a prática de benzeção parece estar se extinguindo. Durante a pesquisa verificamos que somente pessoas idosas, em sua maioria com mais de 60 (sessenta) anos de idade, que aprenderam essa atividade com seus pais, tios e padrinhos continuam a executar essa atividade.

Assim, hoje podemos dizer que os jovens aparentemente não têm interesse em aprender a prática de benzeção, por isso é muito difícil encontrar benzedeiros, como se achava no passado. Mas ainda foi possível encontrar algumas.

Os raizeiros e raizeiras que habitam o entorno da cidade de Anápolis, por sua vez, são conhecedores dos ambientes do Cerrado, são capazes de identificar as plantas medicinais, coletar a parte medicinal da planta, diagnosticar doenças, preparar e indicar remédios caseiros.

Esses geralmente atendem no próprio local em que vendem as raízes, mas o preparo de alguns medicamentos é feito em suas residências. Conforme seu



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



conhecimento ou sua especialidade, eles podem receitar um remédio pronto, dar a receita para a pessoa preparar em casa, ou ainda, entre outras coisas, indicar dietas e banhos.

Já os raizeiros que foram localizados no centro da cidade também herdaram os conhecimentos de seus antepassados. Alguns conhecem realmente as ervas as raízes, já outros vendem e aprendem sobre elas no dia a dia, conforme contato com pessoas que procuram por plantas medicinais.

Agradecimentos

Agradeço à UEG pela concessão de bolsa de pesquisa via Programa de Bolsas de Iniciação à Pesquisa (BIC/UEG), edital PRP/UEG-2018.

À Deus a oportunidade de poder chegar ao final da pesquisa, à minha orientadora, prof^a. Dr^a. Mary Anne Vieira Silva, que sempre procurou me orientar no que foi preciso, me ajudou em todas as minhas dúvidas durante a execução do trabalho. Também agradeço a Prof^a. Dr^a Loçandra Borges de Moraes, que foi a coordenadora do projeto nos últimos meses da pesquisa, quando a prof^a. Mary Anne precisou se licenciar da universidade para concluir seu pós-doutorado.

A minha filha Cindy Maria Rodrigues Alves por suportar a minha ausência, e por me incentivar durante todo o trabalho. E a todas as pessoas que contribuíram, direta e indiretamente, possibilitando o final desta pesquisa, especialmente ao meu colega Lucas André Maciel David, que fez o mapa de localização.

Lembrando que esta pesquisa não termina aqui, porque ainda tem muito a ser estudado, assim, este é um trabalho que deverá ter continuidade.

Referências

ALVES, R. R. N.; SILVA, C. C. & ALVES, H. N. Aspectos socioeconômicos do comércio de plantas e animais medicinais em áreas metropolitanas do Norte e Nordeste do Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. v. 8, n. 1, p. 181-189, jan-jun., 2008.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Escravo ou camponês?** O Protocampesinato Nero nas Américas. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DIAS, Jaqueline Evangelista. In: LAUREANO, Lourdes Cardozo: **Farmacopéia Popular do Cerrado**: Goiás: Articulação Pacari (Associação Pacari), 2009, 352 p.: IL. color. ISBN 978-85-62918-00-1

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



FRANÇA, I. S. X.; SOUZA, J. A.; BAPTISTA, R. S. & BRITTO, V. R. S. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira Enfermagem**. v. 61, n.2, p. 201-208, mar./abr., 2018.

MACHADO, Maria Clara T. **Culturas populares e desenvolvimentismo no interior das Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985). Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, Programa e Pós-graduação em Antropologia Social, São Paulo, 1997.

MIURA, A. K., LOWE, T. R. & SCHINESTOCK, C. F. Comércio de plantas medicinais, condimentares e aromáticas por ervateiros da área central de Pelotas - RS: estudo etnobotânico preliminar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, p. 1025-1028, 2007.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

TRESVENZOL, L. M., PAULA, J. R., RICARDO, A. F., FERREIRA, H. D. & ATTA, D. T. Estudo sobre o comércio informal de plantas medicinais em Goiânia e cidades vizinhas. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v.3, n.1, p. 23-28, 2006.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



De botica à farmácia: a construção do saber médico e da arte de curar nas crônicas de Machado de Assis.

Gabriela Oliveira da Silva^{1*}, Roseli Martins Tristão Maciel². Universidade Estadual de Goiás¹ (IC), Universidade Estadual de Goiás² (PQ). Gabrielaoliver78@gmail.com

Av. Juscelino Kubitschek, 146 - Jundiá, Anápolis – GO, 75110-390.

Resumo: A partir dos relatos machadianos foi montado um retrato da temática da saúde e doenças que se faziam presente no seio da sociedade Fluminense. Com isso a transição da botica à farmácia permite uma caminhada pela mudança de tradição, costumes e de hábitos sociais que envolveu o processo.

Palavras-chave: Saúde. Doenças. Terapêuticas. Medicina.

Introdução

No presente projeto apresentamos a análise e interpretação das crônicas de Machado de Assis de 1859 a 1990, considerando que as crônicas tem valor indiscutível de documento histórico. Dessa forma, apresento à partir dos relatos da literatura crônica o retrato da temática da saúde e doenças que se faziam presente no seio da sociedade Fluminense de Machado de Assis.

Com essa visão fomentada das crônicas, a atenção foi voltada ao objeto de estudo deste projeto: os relatos machadianos, interpretando e analisando os aspectos da saúde, das doenças e as rerepresentações da arte de curar (tanto ancestrais – saberes populares, quanto modernas – medicina), de forma a considerar a essência dos escritos carregados de aspectos históricos, políticos, sociais e culturais que regem e integram o contexto no qual essas crônicas foram produzidas.

Na perspectiva de compreender e esclarecer a dinâmica machadiana das relações sociais para assim chegar as representações sobre as principais enfermidades que se manifestavam na população do Rio de Janeiro, do século XIX. Voltando nossa atenção para o fato de que a saúde e a enfermidade são algo mais que fenômenos biológicos; de que em torno dos cuidados, dos mecanismos de controle e das curas

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



estão dimensões relevantes da história da saúde e da doença [...] e que o processo saúde-doença diz respeito não apenas à salubridade ou a insalubridade de nossos países, mas é revelador, constituinte e formador de aspectos cruciais da modernidade e da história social, política, intelectual e cultural (HOCHMAN; XAVIER; PIRES-ALVES, 2004, p. 45). Assim, acompanharemos, por meio das crônicas machadianas, a transição histórica das terapêuticas, das artes de curar, partindo das terapêuticas naturais, isto é, das práticas autônomas fundamentadas no conhecimento tradicional, religioso/mágico e cultural relacionado às plantas medicinais e aos métodos alternativos de curar, passando pela concepção simplista de ausência de doença, até chegar às modernas concepções acerca dos fármacos e dos saberes médico-científicos no Brasil, no começo do século XX.

Material e Métodos

Com a busca pela concepção de doença e a arte de curar dentro das crônicas machadianas, estabelecido como objeto, usaremos primeiramente a metodologia de pesquisa; revisão de literatura a fim de conhecer os trabalhos retrospectivos, e suas divergentes abordagens na busca de um aprofundamento de conhecimento da temática específica aqui tratada. A revisão de literatura utiliza método sistemático para identificar, selecionar e interpretar criticamente os estudos primários. Utilizamos o método da pesquisa qualitativa, uma categoria de investigação social, cujo objetivo é compreender e esclarecer a dinâmica das relações sociais que são depositárias de valores e atitudes, segundo Minayo (2012).

A pesquisa está sendo conduzida por meio da técnica de palavras chave nas crônicas machadianas a fim de encontrar os termos designadores de enfermidades, saúde e terapêuticas. As palavras chave selecionadas são: saúde; doenças; terapêuticas; medicina. Desenvolvemos a análise e interpretação sistemática dos dados encontrados que contextualizam e compõem o objeto em estudo, para assimilá-lo. Esses dados foram analisados em suas características particulares, considerando a forma como se apresentam e as conexões que estabelecem entre si.

Resultados e Discussão

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

Identificamos as epidemias presentes no Rio de Janeiro em meados do séc. XIX. De acordo com Edler (2006), a febre amarela apareceu em 1849 e a cólera em 1855, fazendo mortes, graças às condições insalubres da cidade, os números elevados de pessoas e o clima tropical ajudaram a proliferação das duas epidemias.

Conseguimos identificar alguns dos tratamentos e formas de cura que circulavam na sociedade contra as epidemias e algumas outras enfermidades, dentre os agentes terapêuticos usados foi possível fichar; pepsina diástase, sais de saturno, chumbo, água de vintém, sanguessuga, sangrias, sumo puro de limão ou lima, salsaparrilha, pó de enxofre, peitoral de cereja (erva cidreira), mercúrio, quinino, salicilato de sódio e lavagem. Estes agentes eram usados no tratamento de diferentes enfermidades e como ingredientes para a criação de novas drogas, para a tentativa de combate mais eficaz dos males. O referencial teórico nos trouxe o conhecimento sobre o receituário, na sua maioria, feito nas boticas em meados do começo do séc. XIX. Segundo Edler, (2006 p. 57) “Em 1812, criou-se o Laboratório Químico Prático, onde eram preparados os candidatos à habilitação profissional para as boticas, ate a criação dos cursos de farmácia em 1832.” Porém as boticas eram restritas quase sempre a cidade, e eram de alto custo para a maioria das pessoas. Os escravos e o restante da população, se orientavam com curandeiros que detinham o conhecimento sobre as plantas e a natureza.

Em 1829 é criada a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, que posteriormente em 1832 é transformada em faculdade de medicina, podendo diplomar para medicina, farmácia e parteira. Com isso e diante das caóticas epidemias e a forma má vista que o império ficara internacionalmente de insalubre e não habitável, abre as portas para uma fiscalização, e é criada a Junta Central de Higiene Pública em 1850, com o princípio de vetar a comercialização desenfreada de qualquer droga, e fiscalizar as boticas e seu exercício, mas no tempo ficou conhecida segundo Edler (2006), como fiscalização “pra inglês ver”.

As boticas e farmácias, funcionavam como centros terapêuticos, com receituários, fabricação de remédio e administração de tratamentos, o que fazia de todo boticário e farmacêutico meio médico. Machado de Assis, faz alusão para os leitores de A



Semana, da chegada dos laboratórios estrangeiros e suas drogas e fármacos, e como esses estavam há tomar o lugar dos já conhecidos remédios vendidos por boticários, questiona ainda sobre os efeitos destes remédios e seus altos valores de mercado e que mesmo sendo provenientes de saberes institucionais não garantiam a cura das moléstias aos que já estavam tão afeiçoados as boticas e seus; *Xaropes Cambará*, *Rapé Grimstone*, *elixir antiflegmático*, *bálsamo homogêneo*, que para tudo serviam e curavam, contando ainda com o ambiente social que encontravam em cada botica que alimentavam o espírito.

Considerações Finais

Foi possível entender que, Machado de Assis, se faz humano retratando a transição da botica a farmácia em cada crônica semanal, expondo sua resistência em aceitar que os saberes heroicos dos boticários e seus remédios estivessem a morrer diante dos saberes institucionalizados, em um dos trechos compartilhados em, *A Semana* do ano de 1895, Machado de Assis indaga: “Porque é que os remédios morrem?”

Foi possível entender que a transição fez morrer costume, tradição e a dose de heroísmo que era recarregada todas as vezes que o enfermo saia curado das suas moléstias de dentro de uma botica. Que o saber médico inicialmente concentrado as boticas presentes na cidade e restrita quase sempre aos mais afortunados não inibiram jamais as práticas e arte de curar, mas a transição para as farmácias e a vinda dos laboratórios estrangeiros trouxe o ceticismo sobre os remédios que durante muitos anos fizeram efeito, o místico antes atrelado as terapêuticas já são substituídos por remédios mais caros que agora são receitados por farmacêuticos. As boticas perdem o saber médico antes concentrado, e junto seu status garantido e seu valor, passando a ser mais acessível frente as farmácias por continuarem a abrigar todo o processo necessário para a terapêutica e por manter ainda os que acreditavam mais no que sempre deu certo do que nos remédios jamais vistos antes comercializados pelos laboratórios.

O saber médico institucionalizado encontrou barreiras da tradição e dos costumes, mas ganhou espaço conseguindo erradicar as epidemias que tanto mataram no Rio de Janeiro com medidas tomadas pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



implementadas, os estudos médicos e o avanço na compreensão dos aspectos fisiopáticos das doenças vieram, Edler (2006 p.73). O porque as drogas tão eficazes morriam ou entravam em desuso continuavam a ser uma questão mas o que de fato se alterava e tentava se manter era a tradição, a arte de curar que para Machado de Assis ele viu nascer em tantos remédios “eu assisti ao nascimento do xarope... Perdão; vamos atrás. Eu ainda mamava, quando apareceu um médico que “restituía a vista a quem a houvesse perdido”. Entretanto segundo Edler (2006 p.75) “mudariam os remédios porque se alterou a natureza das doenças.”.

Agradecimentos

Agradecer primeiramente a Universidade Estadual de Goiás por manter a iniciativa voltada para pesquisa mesmo diante de todo o quadro caótico que há cerca. Agradecer também a minha orientadora, Roseli Martins Tristão Maciel, pela oportunidade de estar em um projeto de pesquisa. A Deus por ter me dado coragem quando está faltou, aos meus pais, e amigos o meu sincero obrigado por todo o apoio.

Referências

- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.228.
- HOCHMAN, Gilberto; SANTOS, Paula Xavier; PIRES-ALVES, Fernando. História, saúde e recursos humanos: análises e perspectivas. *Observatório de recursos humanos em saúde no Brasil: estudos e análises*. v. 2. Brasília: Ministério da Saúde; Organização Pan-Americana de Saúde. 2004.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obras Completas de Machado de Assis*. A Semana. Volume 23. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc. Editores, 1957.
- _____. *Obra Completa* (organizada por Afrânio Coutinho). Volume 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- EDLER; Flávio Coelho. *Boticas e Pharmacias: Uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Casa da Palavra, 2006.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

De botica à farmácia: saúde e doenças nas crônicas de Machado de Assis

Maximiliano Ruste Paulino Corrêa¹ (IC), Roseli Martins Tristão Maciel² (PQ).

*ocorruptura@outlook.com

¹ Universidade Estadual de Goiás.

² Universidade Estadual de Goiás.

Resumo: A pesquisa aqui apresentada tem por propósito analisar a contemplação social acerca das doenças e métodos de tratamento no Rio de Janeiro do século XIX e compreender o processo de trânsito entre as práticas tradicionais no manuseio de plantas com propriedades medicinais para àquelas baseadas na medicina moderna. A escolha da crônica como fonte se justifica pela natureza da mesma de elucidar o cotidiano e suas nuances, uma vez que a pesquisa em questão se propõe a analisar a doença para além do princípio biológico, observando seu sentido sociocultural dentro das referências de Machado aos feitos cotidianos. Toma-se então como objeto de estudo para esta pesquisa as crônicas de Machado de Assis, num período que compreende desde 1859 a 1900. Ipso facto, é necessário e contundente que se estabeleça a importância da relação entre literatura e história para que se alcance a compreensão plena acerca da escolha das crônicas enquanto objeto de estudo.

Palavras-chave: Literatura. Crônicas. Doenças. Tratamentos. Botica. Farmácia.

Introdução

A pesquisa aqui proposta analisa as questões da saúde e das doenças no Brasil oitocentista, usando como fonte a literatura produzida por Machado de Assis, especificamente as crônicas que o autor escreveu para diversos jornais durante o período de 1859 a 1900. Dentre as razões que levaram a priorizar a forma narrativa 'crônica' em detrimento a outros estilos literários, está o fato de que, segundo Gledson (2003, p.136), "é espantoso como se tem estudado pouco, de maneira mais séria, o jornalismo de Machado". Diante dessa constatação, é que surgiu o propósito de estudar as crônicas, pois assim, foi vislumbrada a oportunidade de oferecer uma contribuição onde ela poderia ser aproveitada.

REALIZAÇÃO

O objeto de estudo se constitui acerca do cotidiano e da vida prática nas crônicas de Machado de Assis que revelaram informações, tanto as representações, quanto as formas de compreensão das pessoas em relação às doenças e seus métodos de cura, praticados no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

Nas crônicas machadianas analisadas há muitas informações sobre o uso de tratamentos naturais através de plantas medicinais difundidas pelos indígenas brasileiros, africanos e portugueses. Além disso, sobre como estas práticas foram substituídas, em grande parte, pelas terapêuticas introduzidas a partir das descobertas da medicina moderna.

Material e Métodos

A investigação foi efetuada tendo como fonte documental principal as coleções de crônicas que fazem parte das Obras Completas de Machado de Assis, tanto as editadas por *Jackson* Editores, quanto às editadas pela Nova Aguilar; além dessas, foram utilizadas as crônicas organizadas por Raymundo Magalhães Júnior, em *Contos e crônicas*, *Crônicas de Lélío e Diálogos e reflexões de um relojoeiro*; também aquelas organizadas por *John Gledson*, em *e Bons dias!* (1989); e, por fim, as que se encontram no *Dispersos de Machado de Assis*, de Jean-Michel Massa. Somando-se as crônicas de todas essas coleções, e não contando as que se repetem, foram identificadas um total de mais de 600 crônicas.

A metodologia de pesquisa utilizada foi, primeiramente, uma revisão da literatura que possibilitou o conhecimento de trabalhos retrospectivos, suas diferentes abordagens buscando conhecimentos da temática específica. Coerente à proposta metodológica, pesquisa qualitativa, conforme a interpretação de Minayo (2012), foi adotada a técnica de análise de conteúdo para descrever e interpretar as mensagens de toda classe de documentos e textos que nos possibilita visualizar as descrições sistemáticas qualitativas e auxilia na interpretação das mensagens contidas nas narrativas.

A escolha da metodologia se deu pelo fato de se tratar de uma pesquisa voltada para a arte, ou seja, uma produção cultural que retrata os valores sociais e,

segundo Minayo (2012), a pesquisa qualitativa é uma categoria de investigação social, cujo objetivo é compreender e esclarecer a dinâmica das relações sociais que são depositárias de valores e atitudes.

Sendo assim, foi realizada a análise e descrição dos aspectos e significados da saúde e das doenças, bem como, seus métodos terapêuticos na literatura que trouxe a compreensão de uma parte do mundo social de Machado de Assis e da população da cidade do Rio de Janeiro.

A pesquisa foi conduzida por meio da técnica de palavras chave nas crônicas machadianas com a finalidade de encontrar os termos designadores de enfermidades, saúde e terapêuticas. As palavras chave selecionadas foram: saúde; doenças; terapêuticas; medicina; botica e farmácia. Ao final, estes termos, ou palavras-chave selecionadas, permitiram encontrar dados que foram relacionados e comparados com a realidade histórica descritas nas obras históricas referentes ao período.

Resultados e Discussão

Foi realizada uma leitura das crônicas de Machado de Assis, seguindo as sugestões de Gledson (2003), ou seja, amparada na História do Brasil. Conforme este estudioso, que tentou reconstruir partes da história do século XIX através da visão machadiana, ela é fundamental para a compreensão das obras do autor. Gledson (2003) fez demonstrar de forma convincente que a obra de Machado, como um todo, é uma alegoria que representa a História do Brasil.

Durante a análise, tornou-se perceptível que as temáticas da saúde e das doenças não aparecem de forma exclusiva em nenhuma crônica específica, mas sim é assunto abordado em várias delas. Encontrou-se nas crônicas de Machado de Assis referências às doenças que assolavam o Rio de Janeiro do século XIX, acrescidas de sua compreensão e opiniões, ora de acordo com sua verve irônica e bem humorada, ora evidenciando sua descrença nos métodos tradicionais e científicos e outras vezes em tom de denúncia. Em uma de suas crônicas em que aparece a temática da febre é possível visualizar tais afirmações:

Agora que cada médico apresenta o seu remédio contra a febre amarela, não é fora de propósito mencionar um que a cozinheira Celestina descobriu. O qual foi exposto do seguinte modo:

_ Para a febre amarela não há como refrescos e limonadas.

_ Limonadas e refrescos? - disse o moleque.

_ Sim, senhor; não como isso. Em 1850 a filha do major B., onde eu estava, caiu com a febre amarela; deu-se-lhe logo uma limonada, que se foi repetindo de hora em hora. Não tomou outra coisa até o dia em que morreu (MACHADO DE ASSIS, 1957, p. 72).

A investigação possibilitou verificar que a febre amarela foi doença presente e recorrente no século XIX na cidade do Rio de Janeiro, cujo primeiro surto teve como *locus* temporal o ano de 1849, trazida de Salvador a bordo da nau norte-americana Navarre, embora se especule que a denominada “icterícia preta” – registrada já em 1811 – nada mais fosse que a mesma sob diferente epíteto, como bem explicita Franco (1969). Conhecer o impacto social dessa epidemia no final do século XIX foi possível através da obra machadiana, uma fonte histórica importante. Essa constatação corrobora a importância que a literatura tem para as pesquisas historiográficas, visto que

se o historiador estiver interessado em resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo, a Literatura se torna uma fonte especial para o seu trabalho. (PESAVENTO, 2003, p. 39).

Foi observado diversas vezes, dentro da óptica pessoal do escritor, que Machado de Assis busca ironizar e demonstrar sua ausência de crença tanto na ciência, como na medicina, nos tratamentos naturais e até na farmacologia. Através de uma narrativa irônica ele apresenta esses seus valores em uma crônica de Bons Dias!, (1989): “[...] Devo estar pálido, levanto-me da cama, e se não fosse a Alfaiataria Estrela do Brasil... quero dizer o xarope de Cambará, ainda agora lá estava” (p. 120). Percebe-se, nesse ponto, se tratar de uma confusão fingida do autor já que as propagandas da alfaiataria e do xarope – já vendido em farmácia e não mais em botica – eram os mais insistentemente anunciados nos jornais.



Considerações Finais

Com o desenvolvimento e a institucionalização da biomedicina, a partir do século XIX, deu-se início a um processo de discriminação em relação às práticas tradicionais em saúde: a farmácia tomou, aos poucos e não sem resistência, o lugar do boticário. A construção de novos e mais eficazes recursos tecnológicos em saúde acarretou muita crítica por parte da sociedade, principalmente das camadas populares e isso é bem retratado nas crônicas de Machado de Assis.

Agradecimentos

Agradecimentos especiais à Keila Nunes, provedora de todo o apoio e paciência.

Referências

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Obras Completas de Machado de Assis. A Semana. Volume 23. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc. Editores, 1957.
- _____. Obra Completa (organizada por Afrânio Coutinho). Volume 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- _____. Diálogos e reflexões de um relojoeiro. Organização, prefácio e notas de Raymundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- GLEDSOON, John. Machado de Assis: ficção e história. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FRANCO, Odair. *História da Febre-Amarela no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 1969.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza, (org.); DESLANDE, Suely Ferreira e GOMES, Romeu. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2012.
- PESAVENTO, Sandra Jatagy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. Revista História da Educação, n. 14, p. 31-45, set. 2003.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



EDUCAÇÃO FEMININA E CONDUTA CRISTÃ: O PAPEL DE CATARINA DE ARAGÃO NA POLÍTICA MATRIMONIAL DOS REIS CATÓLICOS (SÉCULOS XV-XVI)

Laís Ferreira Santos¹ (IC)*, Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes² (PQ)

¹ Graduanda do curso de História na Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Cora Coralina; Email: lasllun@gmail.com

² Docente da Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Cora Coralina

Resumo: Catarina de Aragão (1485-1536) desempenhou um importante papel na política externa de seus pais, Isabel I de Castela (1451-1504) e Fernando II de Aragão (1452-1516), com o reino inglês ao casar-se com Arthur Tudor (1486-1502) em 1501 e, após a morte deste, ao contrair matrimônio com Henrique, Duque de York (1491-1547) em 1509. Analisa-se que a última filha dos Reis Católicos dispôs uma trajetória marcada por momentos onde sua fé e religiosidade tornaram-se elementos de destaque que nortearam suas decisões enquanto vivia na corte inglesa. A principal fonte em análise é a obra *El Jardín de Nobles Donzellas* composta pelo Frei Martin de Córdoba e dedicada à Isabel I de Castela, que apresenta a conduta ideal de uma rainha pautando-se, sobretudo, em uma educação cristã. Assim, considerando que o principal e mais próximo exemplo de Catarina foi a sua mãe, a rainha Isabel I, propõe-se analisar nesta pesquisa, a princípio, a maneira como esta foi instruída por intermédio do estudo da obra do frei agostiniano e a partir daí compreender as influências destes ensinamentos na vida de Catarina de Aragão.

Palavras-chave: Educação. Rainhas. Catarina de Aragão. Isabel I de Castela.

Introdução

A proposta desta pesquisa é analisar a educação de Catarina de Aragão, em Castela, bem como o seu papel na política matrimonial dos Reis Católicos. Nesse sentido, propõe-se primeiramente estudar os modelos de conduta e o comportamento que se esperava de uma rainha cristã no medievo a partir da análise da obra *El Jardín de Nobles donzellas*¹ de frei Martin de Córdoba². Neste escrito, dedicado à infanta Isabel (1451-1504), futura Rainha de Castela e mãe de Catarina, identificam-se

¹ O tratado, composto em castelhano, em 1468, estrutura-se em três partes: a primeira tem como foco a criação da primeira mulher segundo a Santa Escritura; a segunda aborda as condições da mulher e o que ela tem que fazer para trabalhar sua bondade; e a terceira retoma as temáticas anteriores e apresenta a vida de mulheres do passado para servir de exemplo à infanta.

² Estima-se que este tenha nascido por volta do final do século XIV, e vivido na região de Salamanca. Fez parte da ordem de Santo Agostinho.

REALIZAÇÃO

conselhos acerca das qualidades e virtudes que se esperava de uma monarca. Em seguida, o foco de análise é a trajetória de Catarina de Aragão (1485-1536), abordando aspectos ligados a sua educação e ao seu papel na política matrimonial dos Reis Católicos.

Catarina, sob a supervisão de sua mãe, foi instruída a seguir e defender a moral cristã. Além da instrução religiosa, a infanta foi apresentada à educação cortesã e à instrução de caráter intelectual. Ademais, foi também direcionada aos afazeres considerados característicos ao papel feminino medieval, como: costurar, bordar, saber comandar e organizar a casa e os criados. Falava ainda fluentemente idiomas como o castelhano, o flamenco e o latim. Este último foi essencial para se comunicar ao chegar ao território inglês, já que a princípio não falava francês nem inglês.

Com efeito, ao analisar o ofício exercido pela rainha no medievo ibérico, compreendem-se detalhes sobre o papel da mulher na sociedade. A monarca refletiria as mulheres de seu tempo, sendo visível a sua dependência e inferioridade em relação aos homens (pais, irmãos e maridos), que faziam das damas peças políticas para estabelecer alianças e manter o poder. Um dos papéis importantes da mulher medieval seria a procriação: assim que a rainha gerava um varão era aceita e legitimada pela sociedade. Todavia, muitas rainhas não se limitaram à maternidade e assumiram papéis políticos importantes como consortes (FUENTE, 2004).

Desse modo, para a realização desta pesquisa recorreremos ao seguinte *corpus* documental: um tratado de educação, *El Jardín de Nobles Donzellas* e também uma crônica produzida pelo cronista real Alonso de Santa Cruz (1505 – 1567): “*Crônica del Imperador Carlos V*”. Assim, o recorte espaço-temporal dessa pesquisa engloba os reinos de Castela, Aragão e o reino Inglês entre o final do século XV e meados do século XVI por ser o período de vivência de Catarina de Aragão e da produção das fontes em análise.

Ao analisar a trajetória desta monarca, que viveu durante o período de transição da Idade Média para a Idade Moderna, busca-se compreender a importância da rainha e suas responsabilidades. Catarina de Aragão se destaca pela sua educação religiosa e disciplina as quais fizeram com que ela nunca abandonasse seus

princípios mesmo durante os vários momentos de necessidade e desespero na corte inglesa³. Seus atos baseados em sua educação fizeram parte de um contexto conturbado que ficou marcado na história não apenas por mudar o rumo do reino Inglês, mas também por deixar este modelo de conduta como herança para sua filha Maria I (1516-1558) que, tendo Catarina de Aragão como principal modelo, tornou-se, a exemplo de sua mãe, uma rainha marcante movida por seus princípios religiosos e por sua determinação.

Material e Métodos

A metodologia utilizada nesta pesquisa refere-se a uma análise documental com a utilização da crítica externa e interna das fontes em estudo. Lembrando que a qualidade da produção histórica depende também do conhecimento sobre o período histórico analisado e não somente das indagações feitas pelo historiador ao abordar suas fontes (SAMARA & TUPY, 2010).

O *corpus* documental analisado é composto por um tratado de educação e uma crônica. Nesse sentido, inicialmente é preciso identificar a tipologia do documento, local de composição, datação, idioma e a vida do autor e as visões de mundo que se relacionam ao referido contexto e configuram um fator de extrema importância em nossa investigação. Ademais, por intermédio da crítica interna do tratado *El Jardín De Nobles Donzellas* (1468) do Frei Martín de Córdoba foi possível compreender o modelo de educação que era difundido no período analisado e como esses ensinamentos influenciaram a vida das infantas e rainhas.

Em relação às crônicas, propõe-se o estudo de uma das obras de Alonso de Santa Cruz a fim de identificar e analisar como são relatados alguns dos acontecimentos importantes da vida do nosso objeto de estudo. Esta narrativa,

³ Mesmo com a morte de Arthur Tudor, seu primeiro marido, Catarina continuou na corte inglesa. Devido ao fato de seu pai, o rei Fernando II de Aragão, não ter quitado a segunda parte de seu dote, passou por momentos de penúria e lamentação, por alguns momentos teve suas verbas cortadas e privilégios negados. Contraiu matrimônio com Henrique VIII apenas após a morte de Henrique VII, seguindo como peça política de seu pai.



intitulada *Crónica del Imperador Carlos V* (1507), apresenta-se em castelhano possuindo, na quarta parte de sua compilação, 57 capítulos. Estes envolvem os principais eventos durante o contexto do reinado de Carlos V (1500-1558), sobrinho de Catarina.

Quanto à tipologia, estas narrativas têm o papel de ordenar, reorganizar o presente além de também influenciar os tempos vindouros. Elas procuram preservar aspectos já acontecidos - passado - procurando esclarecer, informar e influenciar e assim, tornam-se registros de memória. Assim, ao definir as crônicas como narrativas que abarcam uma conjectura tradicional literária cristã, que foram desenvolvidas com base em um reinado ou individualidade, compreende-se que este texto narrativo apresenta em seu conteúdo personagens, possibilitando como cerne na análise crítica, o tempo e o espaço. Não obstante, ainda que estes relatos apresentem dados ficcionais é importante perceber que objetivam, com intenção de verdade, também cumprir através da escrita, a exposição de exemplos para a sociedade política (GUIMARÃES, 2012; FRANÇA, 2006).

Resultados e Discussão

Esta pesquisa tem como proposta analisar a educação de Catarina na corte castelhana e sua trajetória no reino inglês abordando aspectos ligados à negociação de seus matrimônios e à sua religiosidade. Neste intuito, buscamos identificar na obra do Frei Martín de Córdoba algumas características importantes no que se refere ao modelo de educação preconizado no tratado que integra uma visão de mundo pautada em uma base religiosa.

As discussões abordadas abarcam uma série de apontamentos e acontecimentos importantes do contexto Medieval que expressam, ao considerar este período, a maneira como a rainha vivia, em quais valores ela esteve amparada e principalmente o que se esperava dela em seu papel de monarca. A interface política, a mentalidade, a concepção de mundo neste contexto cortesão dialogaram nesta

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





investigação possibilitando a análise crítica de importantes personagens da história como Isabel de Castela e principalmente sua filha, Catarina de Aragão.

Catarina de Aragão nasceu em 1485 em Alcalá de Henares⁴. Sendo a última filha dos Reis Católicos, tornou-se uma importante ferramenta na aliança política entre Castela e a Inglaterra por intermédio de seus casamentos com os herdeiros do trono inglês. Seus pais, Fernando II de Aragão (1452-1504) e Isabel I de Castela, foram personagens de destaque nas Guerras de Reconquista que resultaram na expulsão definitiva dos mouros da Península Ibérica (RUCQUOI, 1995).

Assim, considerando que o principal e mais próximo modelo de conduta de Catarina foi a sua mãe, a rainha Isabel I, analisamos, a princípio, a maneira como esta foi instruída por intermédio do estudo da obra de Frei Martin de Córdoba para assim, compreender as influências destes ensinamentos na vida de Catarina de Aragão. *El Jardín De Nobles Donzellas* foi elaborado pelo frei agostiniano no século XV e dedicado à infanta Isabel. Ao apresentar a obra, o autor em seu próêmio aborda que este escrito seria “dirigido ala Illustríssima y muy poderosa Señora la Reyna Doña Ysabel” e a reconhece como legítima herdeira dos reinos de Castela e Leão. A obra apresenta um conjunto de valores que eram ensinados à Isabel com o objetivo de prepará-la para a missão que iria cumprir futuramente.

O papel que Catarina desempenharia como rainha na corte inglesa estaria relacionado ao modelo de conduta em que fora submetida ainda enquanto infanta em Castela. Assim, ao abordar a obra *El Jardín de Nobles Donzellas* podemos identificar e explorar a maneira como a educação acompanhada dos valores vigentes durante o referido contexto se apresenta. Neste tratado, Frei Martín utiliza referências bíblicas e exemplos históricos para sustentar seu posicionamento. Ele aborda os provérbios de Salomão, assim como personagens do passado consideradas pessoas exemplares que se tornaram santas. Podemos citar alguns nomes como Santa Inês, Santa Cecília e Santa Catarina que são mencionadas como exemplos de pureza e castidade; Santa Monica, mãe de Santo Agostinho, que é referenciada por sua piedade ao consolar os

⁴ Cidade espanhola pertencente à província de Madrid.

pobres e os enfermos; e até mesmo outros personagens como Penélope que, na mitologia grega, é reverenciada por sua fidelidade a Ulisses.

O autor do tratado destaca que, em sua conduta, as mulheres são naturalmente modestas e compassivas. Ressalta que elas são mais devotas que os homens. É nesse sentido que no capítulo três da segunda parte da obra, exprime o seguinte trecho: “*Digo que a devoção em Deus requer três coisas, as quais são mais dispostas às mulheres que os homens. Estas são: fé, esperança e caridade*” (MARTÍN DE CORDOBA, 1468, p. 203)⁵. Além disso, apresenta à infanta Isabel, questões sobre justiça, devoção, lealdade, piedade e castidade. E mais, aborda a grande responsabilidade que a rainha carrega no exercício de seu poder, colocando que mesmo as melhores sejam naturalmente piedosas, ela têm que ser mais. Além disso, ressalta três aspectos importantes referentes ao papel de rainha: “*Ela é mãe, advogada e escudo*”. *Com efeito, sendo toda mãe piedosa para com seus filhos, assim a rainha deve ser para com seu povo* (MARTÍN DE CORDOBA, 1468, p. 199).

Estes valores contidos no tratado dedicado à mãe de Catarina muito revela sobre a mentalidade cristã na corte castelhana no medievo. A mulher neste contexto vivia em uma sociedade patriarcal e de acordo com a sua posição na escala social deveria desempenhar suas atividades considerando a visão de mundo compreendida nesta conjuntura.

Catarina de Aragão mostrou-se em toda trajetória como rainha consorte muito consciente de sua missão enquanto peça política dos monarcas de Castela e Aragão. Toda a educação passada a ela serviu para estruturar sua concepção de mundo. Portanto, desde pequena já sabia do papel político ordenado por seus pais, que desempenharia algum dia. Sobretudo, a política matrimonial em que estava envolvida seria repleta de situações complexas e polêmicas.

O primeiro casamento de Catarina de Aragão, em novembro de 1501, com Arthur Tudor (1486-1502), herdeiro do trono Inglês, marcou uma importante aliança entre os Reis Católicos e o rei inglês Henrique VII da dinastia Tudor. Juntos, estes

⁵ A obra foi composta pelo frei Martin em meados do século XV, em 1468. A versão utilizada nesta pesquisa é a edição do *Jardín de Nobles Donzellas*, publicado em 1974.

monarcas pretendiam cercar a França, inimiga em comum, e assim, aumentar a influência e o poder de seus territórios. No entanto, este casamento foi breve, após quatro meses o príncipe faleceu e a partir de então, a rainha viúva enfrentou os momentos mais complicados de sua vida.

Neste momento, analisa-se que Catarina passou por situações onde sua religiosidade e disciplina tornam-se suas características mais marcantes. Esta alegava que o casamento não havia sido consumado. Ao duvidar de suas palavras, o rei Henrique VII decidiu esperar um tempo para ter certeza que Catarina não esperava um herdeiro para, então, poder legitimar sua condição de rainha viúva. Entretanto, para realizar o segundo casamento, com o príncipe Henrique, irmão de Arthur Tudor e o próximo na linha de sucessão ao trono inglês, seria necessária uma Bula Papal autorizando esse matrimônio alegando a não consumação do casamento anterior. Ademais, durante esse período de espera em relação à dispensa papal, Catarina de Aragão se viu presa no reino inglês e, neste momento de tensão e espera entre os dois casamentos, se viu em uma situação delicada na qual o rei inglês, Henrique VII, dispensou seus criados e até mesmo deixou-a em condições alimentares precárias onde a mesma teve que suplicar ajudar ao seu pai para se manter (AUDINA, 2014).

Não obstante, sublinhamos aqui alguns momentos turbulentos como a morte do primeiro marido, os momentos de penúria na corte inglesa antes de se casar com Henrique VIII e a missão, considerada fracassada, de garantir um herdeiro à dinastia Tudor já que sofreu vários abortos e presenciou a morte prematura de um filho, após isso dando a luz apenas a uma criança do sexo feminino que chegaria a idade adulta, Maria I (BROOKE, 1989).

Ademais, podemos destacar que neste período Henrique VIII passou a repensar seu casamento com Catarina e a cogitar a anulação deste pela falta de herdeiros. Esses acontecimentos foram bastante comentados e também citados em documentos importantes, como escritos cronísticos. Neste íterim, a crônica abordada nesta pesquisa também evidencia tal episódio em sua narrativa:

E no mês de maio fez prender o rei da Inglaterra o Bispo Rofense, porque ele não consentia com a sua opinião, que era que sendo casado com a rainha

REALIZAÇÃO



Dona Catalina, tia do imperador, irmã da rainha Dona Juana sua mãe, pudesse deixá-la para se casar com uma nobre senhora chamada Ana Bolena pela ganância de deixar o filho que herdasse o Reino, alegando que ele não poderia ter sido casado com a rainha Dona Catalina por ter sido primeiro, a esposa de seu irmão, e por esta causa ele dava a sua filha como ilegítima (ALONSO DE SANTA CRUZ, 1507, p. 317-318).

A menção de tais acontecimentos, relacionados à trajetória de Catarina de Aragão, em documentos oficiais relacionados aos reis no início do século XVI revela ainda sua importância já que resultaram em mudanças significativas na História, como por exemplo, o rompimento do Reino Inglês com a Igreja Católica e o estabelecimento do Anglicanismo⁶.

Considerações Finais

Ao ser analisada a trajetória desta monarca, que viveu durante o período de transição da Idade Média para a Idade Moderna, buscamos compreender a importância da rainha e suas responsabilidades. Catarina de Aragão se destacou pela sua educação religiosa e disciplina as quais fizeram com que ela nunca abandonasse seus princípios mesmo durante os vários momentos de necessidade e desespero.

Assim, durante todo este processo foi possível observar, por meio da análise das fontes, o comprometimento de Catarina como monarca. Esta se posicionava como católica fiel afirmando seguir as doutrinas e viver uma vida que serviria de exemplo ao povo inglês, que a amava devido suas obras de caridade. O seu papel, enquanto rainha e mãe, remete à análise de uma mulher educada para viver politicamente e centrada nos objetivos religiosos passados por sua mãe.

⁶ Doutrina de vertente cristã que foi implementada por Henrique VIII ao romper oficialmente com a Igreja Católica, em 1534.



Catarina de Aragão, assim como Isabel de Castela, se encontra entre as rainhas que foram politicamente ativas enquanto consortes. Não obstante, a importância desta investigação se dá na força desta instrução que uma vez ministrada à Isabel de Castela foi repassada a Catarina de Aragão e que, futuramente é também transferida para sua filha Maria I que acabou assumindo o trono inglês e colocando em prática todos os ensinamentos de sua mãe. Sendo considerada uma das monarcas mais importantes da Inglaterra, conhecida também por “Maria, a sangrenta”. Uma mulher que assim como sua mãe se destacou pelas convicções religiosas e atitudes determinantes.

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Dra. Maria Dailza Conceição Fagundes, por todas as orientações no decorrer do processo de escrita e também por todo apoio durante as comunicações apresentadas. À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela oportunidade de desenvolver essa pesquisa como bolsista de iniciação científica.

Referências

FONTE

ALONSO DE SANTA CRUZ. **Crónica del imperador Carlos V (1507)**. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1951.

CARTAS. In: **Calendar of State Papers, Spain, Volume 1, 1485-1509**, ed. G. A. Bergenroth. London, 1862.

MARTÍN ALONSO DE CÓRDOBA. **Jardín de Nobles Donzellas (1468)**. Ed. Harriet Goldberg. Chapel Hill: UNC Press, 1974.

REFERÊNCIAS

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





BROOKE, C. **O casamento na Idade Média**. Portugal: Publicações Europa-América, 1989.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. **Os Reinos dos Cronistas Medievais (Século XV)**. São Paulo: Annablume; Brasília: Capes, 2006.

FUENTE, M. Jesus. **Reinas Medievales**. Madrid: La esfera de los libros, 2004.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B; LUCA, Tania R. (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p.195-221.

RUCQUOI, Adeline. **História medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Editora Estampa, 1995.

SAMARA, Eni de M.; TUPY, Ismênia S. S. T. **História & documento e Metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Entre o cinema e a realidade: a representação dos estudantes no movimento de ocupação de escolas públicas.

Gabriel Costa Pereira* (IC) gabriel.erebor@gmail.com, Veralúcia Pinheiro (PQ).

Universidade Estadual de Goiás – Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas

Resumo: Como se manifesta a tradição da violência do Estado, o processo repressivo é característico do Estado a fim de extirpar movimento *anti-establishment*, o caso escatológico ocorrido na Itália durante a reunião do G8 em 2001 com a ação selvagem dos italianos para suprimir manifestantes e ocupantes da escola Diaz em Gênova, o episódio italiano nos mostra como esse tempo ainda permanece em aberto com sua fratura trazendo à tona a ideia de que os acontecimentos de ocupação nas escolas públicas ainda fazem sentido em 2019, assim como os movimentos de *Black blocs*. Na *mise-en-scène* desse processo, é preciso notar como as mídias se expressam compreendendo esses movimentos nas ruas, como a narrativa fílmica consegue transportar o sentimento e o cenário perfeito para fazer o debate sobre ações políticas, como o uso desproporcional da força contra civis. Logo, entender a ressonância histórica de um tempo que tem suas contribuições para uma ideia holística de demandas e necessidades, associado a um processo de supressão de direitos civis, políticos e sociais que, por conseguinte gera uma reação que é marcada no seu tempo, e como as mídias e recursos narrativos utilizam-se desses processos.

Palavras-chave: Poder. Violência. Tempo. Direitos.

Introdução

Faz-se mister destacar que o contraditório contexto dos movimentos sociais representados nas mídias escritas associadas à análise cinematográfica do filme *Diaz: Don't Clean Up This Blood (2012)*. *Diaz: Não limpe esse sangue* (tradução livre). Esse título busca uma ideia de reminiscência e também de justiça. *Diaz: Política e Violência* na versão brasileira apresenta o cenário de uma ocupação da escola Diaz na cidade de Gênova na Itália em protesto contra o encontro do G8 realizado na mesma cidade em 2001. O filme busca destacar como se deu a forte repressão ao movimento por parte das autoridades europeias e como a própria mídia italiana colaborou para deslegitimar o movimento e também promovendo uma campanha difamatória, buscando associar todo o processo a ação dos anarquistas e *Black Bloc*. Todavia, contrapondo-se a submissão da grande mídia aos poderosos representantes dos grupos econômicos, os estudantes contaram com os registros de uma mídia impressa livre que acompanhou dentro do próprio movimento e pode assim, apresentar os fatos reais. Trata-se de um longo processo que vem desde os movimentos sociais de 1968, período em que a Europa foi palco de movimentos que questionavam a legitimidade do Estado e sua atuação a serviço do capital e consequentemente da

opressão dos demais segmentos da sociedade.

As ocupações apresentam como estratégia uma espécie de engajamento pacífico, mas que não ocupa o espaço de maneira passiva (no sentido de apenas defender um território pela simples presença inerte dos corpos). Sua ação é localmente transformadora – preservando, cuidando, se incorporando e transformando os tempos e espaços do território da escola. Se na atividade escolar cotidiana os lugares atribuídos aos alunos, como também aos demais profissionais, é estabelecido em função da atividade que desempenham, estamos aqui no cerne das discussões travadas em torno da compreensão da dimensão estética na política. (PAES E PAPINO, 2017, p.14)

Isso é profundamente observável nos eventos de Diaz, uma vez que os manifestantes estão verdadeiramente preocupados não só com suas causas, mas como manter a escola em bom estado, preocupado com as pessoas que precisavam de ambientes adequados para dormir, preocupados com os feridos que voltavam dos conflitos com as forças desproporcionais do Estado, e como se não bastasse, também montaram o *Mídia Center*, onde jornalistas faziam coberturas dentro do próprio movimento. Ninguém foi poupado.

Material e Métodos

Durante esse período, estamos analisando a produção cinematográfica de *Diaz: Política e Violência* (2012), a partir de reflexões que abarcam principalmente a obra literária de David Bordwell e Kristin Thompson em *A Arte do Cinema* (2013). Partindo da premissa de uma abordagem sistematizada e quadripartite que faz uma imersão cinematográfica. Por tudo isso, essa é uma pesquisa qualitativa, a qual segundo Minayo (2002), busca compreender as representações sociais a partir do diálogo com os sujeitos envolvidos na dinâmica de investigação. Nesse ínterim, a análise proposta reclama a realização de pesquisas bibliográfica, documental, que por sua vez, vem se desenvolvendo por meio da leitura de livros, artigos publicados em revistas, seguido do fichamento dos principais textos.

Resultados e Discussão

A capacidade da arte em antecipar os debates, a estética narrativa do

REALIZAÇÃO



cinema consegue dar vazão e relevância a temas históricos, capaz de criar uma empatia nos espectadores. Desse modo, ao assistir *Diaz: Política e Violência* é inexorável não perceber a repetição dos discursos de ódio, a repreensão do Estado e perceber a vulnerabilidade dos estudantes que ocupam justamente o seu espaço. A fragilidade do termo ocupação, que conceitualmente falando significa tomar posse daquilo que já lhe pertence. Para o historiador, a História se faz com documentos, a composição fílmica pode ser interpretada como documento a partir de uma leitura holística de um pano de fundo histórico pelo qual o cineasta se orienta e enxerga soluções para sociedade ou fomenta os debates. Por isso, antecipar os debates é entender as nuances sociais e provocar as discussões a partir de um recurso artístico. Logo, compreende-se que a Escola Diaz não é muito diferente das tantas Escolas Públicas brasileiras.

O impacto foi tão grande que o cassete quebrou com a pancada. Em seguida, o estudante foi levado para o Hospital de Urgências de Goiânia (Hugo), onde ficou internado por 18 dias, sendo 11 deles na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). O estudante passou por duas cirurgias. Na primeira, os médicos retiraram pedaços do osso quebrado. O segundo procedimento foi para reconstruir a parte afetada pela pancada na testa. Para isso, foram usados pinos e cimento ortopédico. (G1, 2017).

Se os movimentos sociais para existirem precisam de um grupo social e de uma razão, é notório que para garantir a legitimidade a Opinião Pública precisa estar a favor. Todo olhar metodológico que erradia a partir da leitura do movimento compreendendo justamente os aspectos que se repetem garante que os Movimentos Sociais tem uma certa regularidade, ou seja, cria-se um cenário de insatisfação em razão do Estado se eximir de suas responsabilidades fundamentais como a educação e nesse horizonte cria práticas sociais que no sentido aristotélico se manifesta a partir da política e da arte.

As críticas pungentes contra o governo se associam a atos que levam ao enfrentamento com o Estados e seus agentes. Não é ao acaso que a mídia saí em defesa do patrimônio público e dos interesses do centro de poder. A justiça nega a imparcialidade a harmonização social e garante pelo texto/lei a supressão de direitos e a violação da integridade física e humana. “Na semana passada, o



Tribunal de Justiça de Goiás determinou a desocupação de três escolas públicas estaduais de Goiânia: a José Carlos de Almeida, a Lyceu de Goiânia e a Robinho Martins de Azevedo”.(TORKANIA, 2016). No caso de Diaz mesmo o *habeas corpus* fora negado, o modus operandi do Estado também tem uma regularidade por isso esmiuçemos Gênova e Goiânia, a prerrogativa de que todo Estado é fascista é uma primazia para segurança da propriedade privada e do estilo de vida burguês. O governo afirma que os estudantes estão equivocados e que muitas mentiras são divulgadas e que as (OS) na verdade não são privatizações, na contrapartida o próprio Estado produz falsas provas e mentiras contra os estudantes a fim de difamar os processo de tomada de consciência histórica.

Considerações Finais

Como última observação, segundo Nildo Viana, para que haja um movimento social é necessário que exista um grupo social, no entanto também é necessário que haja determinada situação social e que exista um objetivo para que o movimento protagonize ações. A tomada de consciência é um processo de libertação que caminha justamente com a compreensão holística e, portanto, nefasta do Estado, uma vez que o mesmo não respeita o próprio contrato social civilizacional estabelecido. As ações de repreensão feitas pelo Estado em geral são desproporcionais as forças do movimento, pois uma das táticas do Estado é a demonstração de força para desencadear o terror.

Vivemos sob o capitalismo. Seu poder parece inescapável, mas o direito divino dos reis também parecia. Qualquer poder humano pode ser resistido e mudado por seres humanos. Resistência e mudança geralmente começam na arte e muitas vezes em nossa arte, a arte das palavras. (GUIN, 2008) [Tradução do autor].

Portanto, pensar que os movimentos sociais mesmo que na Europa no início da década passada estão longe da realidade brasileira, é o mesmo que colaborar para manutenção dos mesmos problemas, precisamos compreender que o problema dos europeus é o mesmo que o nosso, um Estado que se agiganta e de exime de suas responsabilidades com a população, tornando-se ainda mais ausente e voraz, capaz de destruir todos os que os ameaçam. É importante que os movimentos sociais rompam com a perspectiva burocrática e se constitua de forma



autônoma, afastando-se das ilusões reformistas.

Agradecimentos

Ao programa PIVIC/UEG pela oportunidade da iniciação científica voluntária. A professora Veralúcia Pinheiro pela paciência e orientações primorosas, colaborando para um esclarecimento mais holístico dos temas que giram em torno dos movimentos sociais.

Referências

BORDWELL, D. e THOMPSON, K. **A arte do cinema: Uma introdução**. Campinas/São Paulo: Editora Unicamp/Edusp, 2013.

FRANK, André Gunder. FUENTES, Marta. **Dez Teses acerca dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Lua Nova, 1989.

MINAYO, M. C. de S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

NOVA, Cristiane. **O cinema e o conhecimento da História**.

PAES, Bruno Teixeira. PIPANO, Isaac. **Escolas de luta: cenas de política e educação**. *ETD – Educação Temática Digital*. Campinas/SP, v. 19, n. 1, p. 3-25, jan./mar. 2017.

VIANA, Nildo. **Senso comum, representações sociais e representações cotidianas**. Bauru/SP, Edusc, 2008.

GUIN, Ursula K. Le. <https://www.goodreads.com/quotes/3238058-we-live-in-capitalism-its-power-seems-inescapable-so-did> Acesso. 13/07/2019.

TOKARNIA, Mariana. Aulas começam hoje em Goiás, exceto em escolas ocupadas <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-01/aulas-comecam-hoje-em-goias-exceto-em-escolas-ocupadas> Acesso. 13/07/2019.

TÚLIO, Silvio. **Golpe de cassete dado por PM atingiu estudante a mais de 108 km/h durante protesto, diz laudo**. <https://g1.globo.com/goias/noticia/golpe-de-cassete-dado-por-pm-atingiu-estudante-a-mais-de-108-kmh-durante-protesto-diz-laudo.ghtml>. Acesso. 13/07/2019.

REALIZAÇÃO



Historiografia do cinema brasileiro: a contribuição de *Cinema Brasileiro: proposta para uma história (1979)* de Jean-Claude Bernardet

Angra Rocha da Silva¹ (IC). angrarochar@gmail.com

¹Universidade Estadual de Goiás – Campus Morrinhos. R. Quatorze, 327 - Jd. América, Morrinhos - GO, 75650-000

Julierme Sebastião Moraes Souza². Julierme.morais@ueg.br.

²Docente, Universidade Estadual de Goiás, Morrinhos – GO

Resumo: A presente pesquisa visou investigar a contribuição da obra *Cinema brasileiro: propostas para uma história (1979)* do crítico e historiador Jean-Claude Bernardet (1936) no tocante ao resgate da história do cinema brasileiro nos anos de 1970. Nesta obra, além de apontar novos caminhos a historiadores e pesquisadores do cinema brasileiro, bem como discutir com argúcia temas espinhosos vinculados à produção cultural nacional nos anos de 1970, Bernardet indica algumas contradições existentes nas práticas e no pensamento dos cineastas brasileiros ao longo da história do cinema brasileiro. Atentar especificamente para a discussão historiográfica acerca das relações entre história e cinema pós-1970 no Brasil, sobretudo acerca do modo pelo qual a história do cinema brasileiro começou a ser problematizada, nos impôs alguns objetivos. A saber: mapear como Jean-Claude Bernardet recortou temporalmente a História do cinema brasileiro; refletir sobre os principais critérios levados em conta por ele no processo de escrita de sua obra; compreender os principais conceitos e noções lançados para reflexão por Bernardet; e, por fim, questionar qual foi o lugar de Cinema Brasileiro: propostas para uma história (1979) na historiografia do cinema nacional.

Palavras-chave: Cinema brasileiro. História. Jean-Claude Bernardet.

Introdução

Observando especificamente a discussão historiográfica acerca das relações entre história e cinema após 1970 no Brasil, sobretudo acerca do modo pelo qual a história do cinema brasileiro começou a ser problematizada, nesta pesquisa buscamos verificar a contribuição da obra *Cinema brasileiro: propostas para uma história (1979)* do crítico e historiador Jean-Claude Bernardet (1936) no tocante ao resgate da história do cinema brasileiro nos anos de 1970. Partindo da premissa segundo a qual somente após os anos de 1950 é que, de fato, uma cultura

REALIZAÇÃO

cinematográfica começa a tomar fôlego no Brasil, incitando os mais diversos intelectuais a procurarem investigar a história do cinema brasileiro (SÁ NETO, 2003; MIRANDA & RAMOS, 2004), bem como de que esse primeiro mergulho em nossa história cinematográfica teve maior impulso na década de 1960, com o surgimento do cinema novo e a institucionalização de cursos de cinema em grandes Universidades, é pertinente problematizar a obra de Jean-Claude Bernardet (1936) porque a mesma pode se constituir numa matriz temática e teórica da obra pesquisada no projeto mais amplo do qual este plano de trabalho é desdobrado .

Em vista disso, do ponto de vista teórico, nesta pesquisa emergiu para o centro do debate as proposições de Michel de Certeau. Na obra *A escrita da história* (2007), discutindo a operação historiográfica, Certeau desenvolve que existe a articulação de toda pesquisa historiográfica com seu lugar de produção, seja ele social, econômico, político e cultural, bem como promove uma vinculação deste lugar aos interesses, métodos e, conseqüentemente documentos e questões passíveis de análise do pesquisador. Dessa forma, tal lugar social tem em seu núcleo, o “o não dito”; “a instituição histórica” que o historiador está vinculado; a sociedade que o historiador se relaciona; e o “papel de interdição e permissão” de suas produções por essa mesma sociedade (CERTEAU, 2007). Em vista disso, procurar entender como a obra de Jean-Claude Bernardet contribuiu para o resgate da história cinematográfica nacional nos anos de 1970, consistiu também em problematizar seu lugar social, que traz consigo seus respectivos interesses em meio ao debate acerca da preocupação em resgatar de modo diferente uma história do cinema brasileiro.

Material e Métodos

O empreendimento metodológico nesta pesquisa foi pautado nas colocações de Adalberto Marson, que, no artigo *Reflexões sobre o procedimento histórico* (1984), propõe um procedimento de pesquisa similar ao hermenêutico, sem, porém, conceitua-lo como tal. Dessa forma, questionamos a obra de Jean-Claude Bernardet, do seguinte modo:

1º) Sobre a existência em si do documento: O que vem a ser documento? O que é capaz de nos dizer? Como podemos recuperar o sentido deste seu dizer? Por que tal documento existe? Quem o fez, em que circunstâncias e

REALIZAÇÃO

para que finalidade foi feito? 2º) Sobre o significado do documento como objeto: O que significa como simples objeto (isto é, fruto do trabalho humano)? Como e por quem foi produzido? Para que e para quem se fez a produção? Qual a finalidade e o caráter necessário que comanda sua existência? 3º) Sobre o significado do documento como sujeito: Por quem fala tal documento? De que história particular participou? Que ação e que pensamento estão contidos em seu significado? O que fez perdurar como depósito da memória? Em que consiste o seu ato de poder? (MARSON, 1984, p. 53).

Resultados e Discussão

Jean-Claude Bernardet nasceu na cidade de Charleroi (Bélgica) em 1936. Em 1949, aos 12 anos de idade, após morar alguns anos em Paris e Nice (França), sua família imigrou para o Brasil. Instalado em São Paulo, até os dias de hoje, Bernardet segue em plena atividade, sobretudo relacionada ao cinema.

Em 1979, Jean-Claude Bernardet, já crítico de cinema renomado, lançou a obra que pretendemos analisar mais profundamente *Cinema brasileiro: propostas para uma história* (1979)¹. A obra é dividida em seis capítulos². O traço diferenciador do texto de Bernardet comparado às narrativas panorâmicas sobre o cinema brasileiro consiste no fato de que ele não se preocupou em arrolar títulos de filmes, nomes de cineastas, atores e atrizes de um ponto de vista cronológico, mas, sim, pautando-se na tematização de características marcantes que moldaram o cinema brasileiro, artisticamente, economicamente, culturalmente e ideologicamente, até o momento de sua urdidura de enredo. Logo no início da obra, a característica da dependência econômica salta aos olhos. O traço de importar produtor manufacturados/industrializados e exportar produtos primários foi evidenciado como uma marca profunda em nossa história cinematográfica. Sobre isso, Bernardet enfatizou:

Não é possível entender qualquer coisa que seja ao cinema brasileiro, se não se tiver sempre em mente a presença maciça e agressiva,

¹ O texto em voga foi originário de um ensaio escrito por Jean-Claude Bernardet para atender encomenda do francês Guy Hennebelle e do boliviano Alfonso Gumucio-Dragon na publicação de um compilado da História do cinema latino-americano, que seria publicado em língua francesa. Todavia, o texto foi negado pelos organizadores e, segundo Arthur Autran Sá Neto (2009, p. 8-9), certamente isso se deu em virtude de que “[...] aparentemente o acharam pouco didático e discutível do ponto de vista da metodologia, posto que ele não segue ordenação cronológica”. Em vista da negativa, Bernardet publicou o texto pela editora Paz e Terra, em 1979, mantendo praticamente toda a proposta negada para a coletânea sobre a história cinematográfica latino-americana, bem como ampliando-a.

² Respectivamente intitulados: I - Presença importada; II - A cavação; III - Aventuras do pensamento industrial cinematográfico; IV - Novo ator: o Estado; V - Mimetismo, cachoeiras, paródia; VI - E o proletariado aparece lá onde não estava sendo procurado.



no mercado interno, do filme estrangeiro, importado quer por empresas brasileiras, quer por subsidiárias de produtores europeus e norte-americanos. Esta presença não só limitou as possibilidades de afirmação de uma cinematografia nacional, como condicionou em grande parte suas formas de afirmação (BERNARDET, 1979, p. 11).

Neste prisma, o crítico demarcava o fato de que o cinema exibido no Brasil fazia parte do jogo de interesses do capital estrangeiro, sendo principalmente importado, uma vez que, por um lado, uma indústria cinematográfica não teve condições estruturais de se desenvolver, e, por outro, as próprias distribuidoras brasileiras preferiam importar películas visando a obtenção de lucros garantidos, pois

Outro ponto que contribui amplamente para a formação de um exibidor letárgico, de pouca inventividade e trabalho rotineiro, é que, vinculado como está ao produto importado, ele não está associado aos riscos da produção que ele comercializa. [...] criou-se então um exibidor letárgico que vive a reboque do produtor e distribuidor estrangeiro (BERNARDET, 1979, p. 15).

Em vista disso, o público renegava o cinema brasileiro na mesma medida em que os exibidores. Sobre esse traço desdobrado da “presença importada”, Bernardet atribuía parcela de culpa à crítica cinematográfica, ressaltando que sua tendência seria a de reforçar o mecanismo de distanciamento do público do cinema brasileiro, inclusive porque escrevia majoritariamente sobre películas estrangeiras. Nesse sentido, destacou com propriedade: “Não será fácil o crítico desancar o filme de que o público médio e os redatores gostam, e passará por esdrúxulo se valorizar o filme tido ruim ou hermético. O crítico não deve afastar-se do gosto médio. Lhe é atribuída, ao contrário, a função de reforçar este gosto” (BERNARDET, 1979, p. 20). Basicamente, suas críticas eram direcionadas à crítica especializada, porém, desmembravam-se na ordem estrutural que determinava o destino dos comentários fílmicos e, por consequência, o destino do gosto do público médio e aquilo que ele iria assistir nas salas de exibição: o cinema estrangeiro.

Ao discutir “as cavações”, Jean-Claude Bernardet refletiu especificamente acerca dos filmes documentários brasileiros e sua preponderância no mercado cinematográfico, assinalando o desprezo por tais filmes nas narrativas canônicas sobre nossa história cinematográfica: outros dois traços permanentes em nossa história. Demonstrando que o filão estrangeiro que invadia o mercado interno nacional consistia nos filmes de longa-metragem de enredo (ficcionais), fator que



criou uma “área livre”, fora da concorrência externa, para os filmes documentários nacionais, o crítico afirmou que a produção hegemônica regular na história do cinema brasileiro foi, na realidade, a de filmes documentários, produzidos por cineastas que se ligaram a uma elite ávida por aparecer politicamente, fazer aparecer seus empreendimentos e dar publicidade aos seus produtos (BERNARDET, 1979, p. 24-25).

Neste sentido, ao dar destaque aos filmes de “cavação”, isto é, filmes escamoteados na história do cinema brasileiro: os documentários, Bernardet já sinalizava a necessidade de construir uma história do cinema brasileiro com base em outro filão de filmes que não o de longas-metragens ficcionais. Bernardet daria prosseguimento em sua proposta de estudar os documentários na obra *Cineastas e imagem do povo* (1985), analisando diversas películas produzidas entre 1960 e 1980, no fito de problematizar os conflitos ideológicos e estéticos dos cineastas em sua relação com a temática popular, ou seja, o modo pelo qual tais profissionais representavam a classe popular ao ponto de estabelecer um perfil desta classe³. O viés crítico, em termos teórico-metodológicos, também já aparecia em *Cinema brasileiro: propostas para uma história* (1979), uma vez que Bernardet enfatizou com muito rigor analítico:

Os livros de história do cinema brasileiro são sempre histórias do filme de ficção. [...] os historiadores não reconhecem que o que sustentou a produção local foi o filme de ficção. [...] A tendência dos historiadores foi aplicar no Brasil, sem crítica, um modelo de história elaborado para os países industrializados em que o filme de ficção é o sustentáculo da produção. Não é que se deu no Brasil. O conceito de história do cinema que se usou no Brasil está mais vinculado à vontade de cineastas e dos historiadores que à realidade concreta (BERNARDET, 1979, p. 28).

Saltam aos olhos o teor ácido das críticas, especialmente ao privilégio dado pelos historiadores, com raras exceções, à produção de longas-metragens ficcionais. Ao mesmo tempo, a metralhadora do crítico também foi apontada para a relação de interesses mútuos entre quem escrevia nossa história cinematográfica (pesquisadores/historiadores) e quem produzia os filmes (cineastas), sobretudo no tocante a narrativização de um discurso ideológico alheio à experiência social do cinema brasileiro. Aliás, este exercício teórico que desnudava a ideologia da crítica

³ No tocante às sugestões de pesquisa acerca dos filmes documentais, o crítico as aprofundaria em *Historiografia clássica do cinema brasileiro* (1995).

em consonância com os cineastas também seria aprofundado em *Historiografia clássica do cinema brasileiro* (1995).

A ambição industrialista cinematográfica nacional, enquanto outra característica perene, foi problematizada por Bernardet no sentido de “aventuras” existentes ao longo de nossa história. O substantivo feminino colocado no plural (aventuras), que foi utilizado narrativamente pelo crítico, é significativo de sua postura ideológica. Ao referir-se ao pensamento industrial e seus empreendimentos enquanto “aventuras”, o autor já sinalizava as incertezas de tentativas industriais em meio à dependência estrutural a que sofria nossa cinematografia, bem como nos fatores de falta organização, visão de mercado, etc. Nesta perspectiva, Bernardet procurou expor os motivos pelos quais o cinema brasileiro não atingira um nível de industrialização tão desejado entre os sujeitos envolvidos, destacando a dominação do mercado interno atrelada a incompreensão do mercado por parte dos produtores nacionais contribuíram para que as ambições de industrialização fossem cerceadas ao longo do tempo; por isso consideradas “aventuras” (BERNARDET, 1979, p. 30). Dessa forma, Bernardet tinha em mente o caso das propostas de industrialização paulista, com *Vera Cruz*, *Maristela* e adjacências, bem como mencionava a dependência econômica como principal entrave: preponderante na história do cinema nacional.

Em face da invasão do mercado interno nacional pelos filmes estrangeiros, o crítico sinalizava a necessidade de barreiras legislativas (BERNARDET, 1979, p. 33), uma vez que a classe exibidora — com interesses articulados aos interesses das distribuidoras estrangeiras, na falta de uma legislação protecionista, jamais abriria suas salas para os filmes brasileiros, cujo lucro não era garantido em virtude de todo um mecanismo econômico-cultural de depreciação dos filmes nacionais.

Diante desta constatação, bem como da rememoração de uma gama de leis, posicionamentos políticos, motivos culturais e econômicos e suas respectivas relações com a presença do Estado no campo cinematográfico⁴, Bernardet apontou com muita propriedade, por um lado, a filosofia enviesada das reservas de mercado

⁴ Desde o decreto de Getúlio Vargas (1932) que marcou a primeira intervenção estatal na área do cinema, atribuindo uma reserva de mercado para o filme brasileiro, até o surgimento da Embrafilme (1969) e suas atividades nos anos posteriores.

para os filmes nacionais, e, por outro, a necessidade de estudos históricos que debruçassem nesta temática. Sobre a filosofia enviesada, ressaltou:

[...] a própria filosofia da reserva de mercado é questionável, porque ela condiciona a produção local à importação. [...] Basicamente, questionável foi ter sido criada uma reserva de mercado para o filme brasileiro, quando deveria ter sido criada para o filme importado. Era limitar a importação e circulação do filme estrangeiro, a fim de se desenvolver o filme brasileiro. O Estado fez o contrário, e ao fazer isto, é o cinema estrangeiro que de fato ele protege, cerceando a produção local, a quem sobram as migalhas (BERNARDET, 1979, p. 36).

As colocações do crítico foram clarividentes, pois, sua crítica foi direcionada à ideia transversa de se defender o filme brasileiro, porém condicionando sua presença nas salas de cinema com base em um número de filmes estrangeiros já presentes. Dessa maneira, Bernardet defendia o contrário, barreiras para a importação e circulação dos filmes estrangeiros, defendendo, de fato, o produto nacional e auxiliando-o a desenvolver-se. No tocante à necessidade de estudos acerca da tendência nacional de presença do Estado no campo cinematográfico, Bernardet deixou explícito que era necessária uma agenda de estudos que levasse em conta as relação entre a produção cultural e o Estado brasileiro, cujos desdobramentos dariam frutos reflexivos acerca do papel social dos intelectuais e suas respectivas perspectivas ideológicas (BERNARDET, 1979). Estudo parecido, porém sem atentar para a relação do cinema com o Estado, já havia sido desenvolvido pelo próprio Bernardet, com *Brasil em tempo de cinema* (1967), no qual debruçava no filmes do Cinema Novo e os entendia enquanto filmes de uma classe social específica e sob determinados aspectos ideológicos.

Em face da presença dos filmes estrangeiros em nosso mercado interno, da intervenção subjetiva do Estado nos assuntos cinematográficos e do conseqüente distanciamento do público do cinema brasileiro, Jean-Claude Bernardet encontrou como última característica marcante de nossa história cinematográfica a oscilação entre mimetismo e paródia enquanto formas utilizadas pelos produtores/cineastas nacionais no enfrentamento do cinema estrangeiro. Acerca do mimetismo, destacou:

O mimetismo consistia mais ou menos no seguinte: já que o público está vinculado ao espetáculo estrangeiro, produzir filmes brasileiros que satisfaçam no espectador os gostos e as expectativas criadas pelo cinema estrangeiro. Trata-se de reproduzir no Brasil o produto importado. [...] Imitar o cinema americano, aproximar-se dos modelos que conquistaram as plateias, não quer dizer apenas imitar o cinema norte-americano, mas simplesmente fazer cinema. [...] Aproximar-se do modelo era sinal de



qualidade, e só para umas poucas pessoas o mimetismo criava problema. [...] O mimetismo, portanto, é perfeitamente assimilado (BERNARDET, 1979, p. 70-71).

O crítico deixou claro que a atitude de mimetizar o cinema estrangeiro não encontrou barreiras mais complexas num país como o Brasil, cuja dupla dependência — econômica e cultural — preparava o terreno para que as imitações fossem amplamente assimiladas de forma acrítica. No entanto, em sua visão, o procedimento de mimetizar e sua assimilação sem maiores critérios, na verdade, constituía-se num problema sério para o cinema brasileiro, uma vez que o duplo alcance do procedimento mimético utilizado no cinema brasileiro, neste sentido, trazia consigo um duplo problema. Por um lado, a imitação do modelo industrial sempre ficaria aquém daquele modelo, já que nossa cinematografia, apesar das tentativas, nunca alcançou padrão tecnológico aceitável e/ou próximo do modelo (BERNARDET, 1979, p. 79-80). O simples ato de imitar, por outro, lançava os espectadores ao processo de aculturação, isto é, seria uma implantação de “ideias fora do lugar”. No que se refere ao ato de parodiar, Bernardet mencionava que o “tiro acabava saindo pela culatra”, ao afirmar que as paródias nacionais fugiam ao propósito original do procedimento estético de parodiar. Muito embora as tentativas nacionais visassem “avacalhar”, macular o modelo opressor pela via do ridículo, elas acabavam por ridicularizar o modelo opressor que invadia nossas salas de cinema e, concomitantemente, desvalorizava nossa cinematografia. Como resultado prático no campo da luta cultural, portanto, as paródias reafirmavam nosso subdesenvolvimento perante uma indústria cinematográfica que continuava mantendo sua presença massiva em nosso mercado interno (BERNARDET, 1979, p. 80-82).

Em última instância, cabe destacar que Jean-Claude Bernardet, com a problematização das diversas características marcantes em nossa cinematografia — dependência econômica, financiamento precário, ambição industrial, presença do Estado, oscilação entre mimetismo e paródia no enfrentamento do estrangeiro — lançava para o âmago das discussões teóricas e práticas do cinema brasileiro inúmeros desafios, tanto àqueles que se dedicavam a produzir cinema no Brasil, quanto aos que buscavam narrativizar nossa história cinematográfica.

Considerações Finais

À luz do exposto acima, agora é momento de tentar refletir, ou mesmo lançar indícios, no tocante ao lugar ocupado por *Cinema Brasileiro*: propostas para uma história (1979) no interior da historiografia do cinema brasileiro. Acreditamos que tal lugar pode ser perceptível a partir da reflexão sobre a inscrição de Jean-Claude Bernardet nos debates atinentes ao cinema brasileiro em dois prismas reflexivos.

Ao destacar os principais problemas enfrentados pelos militantes do cinema brasileiro, sem dúvidas, Jean-Claude Bernardet não se desvencilha de uma visão de cinematografia nacional já muito presente entre seus contemporâneos, isto é, carrega as marcas de seu tempo. Seu texto é escrito no final do decênio de 1970, momento em que os principais debatedores do cinema brasileiro formam hegemonicamente uma *intelligentsia* cuja formação fora ligada ao marxismo e de defesa de nosso cinema de um ponto de vista nacionalista. Tal visão de uma geração, fica explícita nos temas propostos por Bernardet enquanto características que historicamente ditaram os rumos do cinema nacional, bem como nas ácidas críticas tecidas a tais características. No que concerne às sugestões de cunho teórico-metodológico, sobretudo acerca da maneira em que se poderia narrativizar a história do cinema brasileiro, Jean-Claude Bernardet pode ser considerado figura de proa. Urdo seu enredo de modo totalmente diferente de seus contemporâneos, que pautavam-se em narrativas totalizantes, cronológicas e evolucionistas, o crítico indicou vários caminhos alternativos de pesquisa, lançando temáticas inexploradas — cinema documentário brasileiro, pensamento industrial dos cineastas, visão destes mesmos cineastas acerca das classes sociais, relação do cinema brasileiro com o Estado — e propondo uma nova organização de temas já tratados demasiadamente pela historiografia — a própria estrutura de sua obra atesta isso.

Com efeito, o lugar ocupado por *Cinema brasileiro*: propostas para uma história (1979), de Jean-Claude Bernardet, pode ser entendido pela ambiguidade. Em primeiro nível, reproduz leituras da cinematografia nacional já canonizadas entre seus pares contemporâneos. Em outro, inova no tocante à organização narrativa desta mesma leitura e traz indicações de temáticas inexploradas pelos estudiosos

cinematográficos nacionais. Este caráter ambíguo, portanto, não pode ser considerado um demérito do texto de Jean-Claude Bernardet; muito pelo contrário, pois as grandes obras historiográficas do cinema nacional carregam este traço fundante, demonstrando a capacidade de seus autores de, em face dos pujantes problemas do cinema brasileiro, buscarem caminhos teórico-metodológicos alvissareiros para a construção de narrativas históricas.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Julierme Morais e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (PrP/UEG) por me dar a oportunidade de ser bolsista de iniciação científica (PBIC-CNPq).

Referências

BERNARDET, Jean-Claude. **Brasil em tempo de cinema**. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Cinema Brasileiro**: propostas para uma história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Trajatória crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2007.

MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. In: SILVA, M. A. da (Org.). **Repensando a História**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984, p. 37-64.

MIRANDA, Luiz Felipe A. & RAMOS, Fernão. (Orgs.). **Enciclopédia do cinema brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

MORAIS, Julierme. **Eficácia política de uma crítica**: Paulo Emílio Salles Gomes e a constituição de uma teia interpretativa da história do cinema brasileiro. Dissertação de Mestrado. PPGHIS/UFU, 2010. 286 f.

RAMOS, Fernão. **História do cinema brasileiro**. São Paulo: Art Editora, 1987.

SÁ NETO, Arthur Autran F. **Alex Viany**: crítico e historiador. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. Prefácio à segunda edição de Cinema brasileiro: propostas para uma história. In: BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema Brasileiro**: propostas para uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 8-16.

ZUFELATO, Guilherme de Souza. Das reinvenções de um pensamento em estado de combate: estudos sobre J. C. Bernardet. In: MORAIS, Julierme. **A sétima arte por historiadores**: crítica, cineastas, filmes e espaço. São Paulo: Edições Verona, 2018. E-book.

HISTÓRIA DO MEDO: EFABULAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS.

Thiago de Freitas Barreto¹ (IC)*, Juliano de Almeida Pirajá²(PQ).

thiagodefreesbarreto@gmail.com

Universidade estadual de Goiás, Av. Universitária, S/N - Nordeste, Formosa - GO, 73807-250.

Resumo: Este trabalho é resultado do projeto iniciação científica "**História e Narrativas Contemporâneas: O jogo intertextual e suas efabulações**" orientada Professor Mestre Juliano de Almeida Pirajá. Tem como cerne de investigações o compilado de contos do escritor estadunidense H.P Lovecraft reunidos no livro Medo Clássico Volume 1 (2017), e o jogo de tabuleiro Eldritch Horror (2014), que adapta as histórias escritas por Lovecraft num jogo de estratégia e cooperação. Este trabalho se propõe a investigar a relação intertextual que se estabelece entre um clássico da literatura de terror e ficção científica início do século XX e sua influência nas produções contemporâneas, e tem como contraponto o jogo de tabuleiro para pensar como essa permanência histórica tem influência no imaginário contemporâneo, como o jogo intertextual no cerne da relação intrínseca que é estabelecida entre estas duas obras. Por fim o presente trabalho busca compreender como a literatura e os jogos conseguem conduzir a uma experiência narrativa ao redor do medo, através da ideia de performance apresentada por Paul Zumthor, e as representações que permitem que tais obras embora aparentemente distintas, conseguem conduzir o leitor/ jogador a emergir ao universo de terror criado por Lovecraft em suas obras

Palavras-chave: Lovecraft. Intertextualidade. Narrativas. Jogo. Terror.

Introdução

A proposta de trabalho apresentada tem como cerne de investigações o compilado de contos do escritor estadunidense H.P Lovecraft reunidos no livro Medo Clássico Volume 1(2017), e o jogo de tabuleiro Eldritch Horror(2014), que adapta as histórias escritas por Lovecraft num jogo de estratégia e cooperação. Este trabalho se propõe a investigar a relação intertextual que se estabelece entre um clássico da literatura de terror e ficção científica início do século XX e sua influência nas produções contemporâneas, e tem como contraponto o jogo de tabuleiro para pensar como essa permanência histórica tem influência no imaginário contemporâneo, como o jogo intertextual no cerne da relação intrínseca que é

REALIZAÇÃO

estabelecida entre estas duas obras.

Este trabalho integra o projeto de pesquisa **História e Narrativas Contemporâneas: o jogo intertextual e suas efabulações**, orientado pelo professor M.e Juliano de Almeida Pirajá, que está vinculado ao GPTEC – Grupo de Pesquisa em Imagens Técnicas.

Pioneiro do horror de ficção científica, Lovecraft em seus contos entrega uma mescla entre aventuras, relatos de indivíduos que vivenciaram acontecimentos sobrenaturais e exploradores que se deparam com situações que vão além do entendimento humano sobre o universo, ressaltando a insignificância do homem perante ao cosmos e aos seus senhores, tão antigos e tão poderosos que precedem o próprio universo. O mais importante na obra de Lovecraft é todo este universo que é, ao mesmo tempo, fascinante e amedrontador, ao colocar o leitor como um indivíduo perdido em meio a criaturas ancestrais, seres extradimensionais e o temor pelo desconhecidos, de uma forma estranhamente familiar, dada a sua ambientação urbana que remonta os Estados Unidos e Europa do Século XX.

É por meio deste universo “lovecraftiano” que chegamos ao jogo Eldritch horror, que capta as principais características do terror cósmico criado por Lovecraft e busca, a partir das mecânicas de um jogo de tabuleiro cooperativo, oferecer ao jogador uma experiência de “leitura”, ao mesmo tempo que propicia uma liberdade de experimentação desta narrativa que tem sua origem numa obra literária, mas se encontra reconfigurada a partir de novos elementos visuais e escritos.

Ao longo dessa pesquisa, nos debruçamos sobre duas questões que se mostraram pertinentes para a compreensão dos questionamentos propostos: primeiramente, jogo como narrativa, conseguindo reestruturar uma obra literária ao mesmo tempo que fornece ao jogador uma experiência de leitura. Em segundo lugar, o jogo enquanto performance, fornecendo ao jogar camadas de interpretação, fazendo com que essa obra extrapole seu caráter lúdico e possa, através da capacidade de reelaborar uma obra já estabelecida, investigar as potencialidades narrativas do jogo. Para tal investigação, os crítico literário Paul Zumthor e o historiador Johan Huizinga são peças fundamentais para as reflexões acerca do tema.

Material e Métodos

Ao longo desta pesquisa, pudemos analisar obras como a de uma das maiores historiadores do século XX, o holandês Johan Huizinga, que nos fala sobre o papel do jogo e sua expressão na linguagem, levando a interpretação do jogo como um elemento que precede a cultura humana, mas que ao fazer parte das sociedades humanas estabelece um papel lúdico e social dentro destes grupos. Então, sobre a natureza do jogo pode-se afirmar que:

“Se alguma delas fosse realmente decisiva, ou eliminaria as demais ou englobaria todas em uma unidade maior. A grande maioria, contudo, preocupa-se apenas superficialmente em saber o que o jogo é em si mesmo e o que ele significa para os jogadores. Abordam diretamente o jogo, utilizando-se dos métodos quantitativos das ciências experimentais, sem antes disso prestarem atenção a seu caráter profundamente estético. Por via de regra, deixam praticamente de lado a característica fundamental do jogo. A todas as "explicações" acima referidas poder-se-ia perfeitamente objetar: "Está tudo muito bem, mas o que há de realmente divertido no jogo? Por que razão o bebê grita de prazer? Por que motivo o jogador se deixa absorver inteiramente por sua paixão? Por que uma multidão imensa pode ser levada até ao delírio por um jogo de futebol?" A intensidade do jogo e seu poder de fascinação não podem ser explicados por análises biológicas. E, contudo, é nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e a característica primordial do jogo[...].” (Huizinga, 1938.)

A partir desta definição, que se buscou fazer a correlação entre jogo e narrativa fantástica, já que o jogo, enquanto um universo com regras próprias consegue remodelar a narrativa literária para uma forma gameficada, ou seja transformar ‘livro’ em ‘jogo’.

Já que narrativa e jogo estabelecem semelhanças a partir do momento que constroem um universo lúdico que está além da realidade palpável, oferecendo ao jogador/leitor uma experiência lúdica própria que está intimamente ligada a maneira como o indivíduo recebe estas narrativas. Para tal análise narrativa, buscamos nos

embasar nas teorias de Paul Zumthor acerca do conceito de performance, de leitura e de recepção. Zumthor nos conta sobre um texto que possui brechas, espaços vagos aonde o leitor irá se encaixar. “A performance é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida”. (ZUMTHOR, 2007).

Resultados e Discussão

Ao final dessa investigação, pudemos concluir que o jogo, com seu caráter lúdico, consegue oferecer a quem joga uma experiência literária distinta da experiência oferecida pelo livro, mas diferente de um livro, onde a descrição do autor é o pilar para a imersão do leitor, no jogo, esta relação ocorre de uma maneira distinta, onde o contato direto do leitor/jogador com aquele universo, é mediado não pelo autor, mas sim pelas mecânicas e regras internas do próprio jogo, onde o autor está diluído nesta experiência.

É inegável que embora sendo mídias distintas, jogo e livro tem o mesmo objetivo, que é o de envolver aquele que lê ou joga num ambiente fantástico (ou aterrorizante) que transcende o que está explícito, e é perceptível que o jogo, em sua forma mais elaborada e complexa, tem a capacidade de reelaborar as estruturas de uma narrativa literária para uma experiência gamificada, que ao mesmo tempo que tem o caráter desprezioso e lúdico, oferece uma espécie de leitura que envolve o papel ativo daquele que joga, fazendo com que estes dois ambientes, o lúdico e o literário coexistam numa experiência de performance única.

A obra de Howard Phillips Lovecraft é um convite a um universo gigantesco, deslumbrante e amedrontador, que nos fornece uma multiplicidade de experiências e sensações que ora beiram a contemplação com o universo, mas constantemente oferece ao leitor um contato com um medo desconhecido e inominável. Segundo o próprio Lovecraft, “a emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido”, e este sentimento que serve de estrutura para seus contos, publicados em revistas pulps na primeira metade do século XX.

Fortemente influenciado por Edgar Allan Poe, o horror lovecraftiano surge de um enorme desconforto com a indiferença e vastidão do cosmos, levando seus personagens, e o leitor a este sentimento de terror.

Em seus contos mais famosos como Dagon e o Chamado de Cthullu, ficam evidentes estes traços de sua composição literária, onde, por meio de relatos dos personagens, somos apresentados a estas narrativas que nos emergem naquela história, ao mesmo tempo que nos faz questionar a veracidade dos fatos descritos pelo narrador, que nunca deixa realmente claro se aqueles acontecimentos fazem parte de um delírio ou de acontecimentos realmente conexos com a realidade.

É este universo intrigante e cativante que o jogo Eldritch tenta captar, e mesmo que abandonando o caráter literário, ainda assim fornece ao jogador uma experiência narrativa, que embora distinta daquela encontrada na leitura propriamente dita, não é menos complexa e recompensadora.

A partir desta percepção, algo que ficou claro nas discussões durante o desenrolar da pesquisa levaram a uma reflexão de que o jogo, quando tem como proposta a reelaboração de uma obra literária, consegue oferecer uma experiência performática plena, onde a relação autor-texto-leitor é diluída na dinâmica do jogo, onde a gameplay por si só consegue fornecer aos indivíduos uma experiência própria, com regras e elementos que se sustentam no próprio jogo.

Assim a gamificação da narrativa existe entre a literatura e o lúdico, carregando em si a performance literária e o divertimento do jogo ressaltado por Huizinga, que perpassa pela linguagem e pela relação entre os indivíduos.

Considerações Finais

Este estudo resulta em uma reflexão acerca da comparabilidade no ramo história e da literatura. Nos tempos atuais, a literatura é uma soma e abrange mais do que apenas a história, estendendo-se para as mídias contemporâneas, nas quais o jogo se insere. Investigar como jogo e narrativa se entrecruzam é uma oportunidade de ver como estas obras da literatura clássica podem ser



reapresentados e reinterpretados numa contemporaneidade movida por imagens e signos cada vez mais distintos, onde o a figura do jogador e do leitor caminham juntas.

Relacionar essas obras contribui para a aproximação do passado com o presente, com a busca da nossa própria história. O progresso é uma ideia instável e a história é um ciclo pelo qual estamos passando. A reinterpretação destas obras clássicas, adicionando novos símbolos e significados são reflexos de uma nova forma de consumir a literatura e a partir desta relação entre as intermédias, sejam jogos, livros ou filmes é que se pode compreender os signos, significados e interpretações do mundo contemporâneo.

Agradecimentos

Gostaria de registrar uma gratidão imensa ao meu orientador, Pirajá, pelos conselhos e discussões acerca das temáticas discutidas, além da amizade estabelecida a partir desta pesquisa. Também gostaria de agradecer à sua esposa, Lilian, pelos conselhos e contribuições teóricas, e em todas as outras discussões deste trabalho.

Quero agradecer à minha mãe, pelo apoio e paciência, e ajuda no que estava ao seu alcance. Enfim, quero registrar esse agradecimento a todas as pessoas que cruzaram o meu caminho trazendo consigo questionamentos, críticas construtivas e outros pontos de vista, possibilitando um amadurecimento intelectual e pessoal. Agradeço também a todos os amigos que a universidade colocou na minha vida. E, em especial, ao meu grupo de pesquisa, por embarcarmos nisso juntos, obrigado!

Referências

Eldritch Horror, Galápagos jogos. 2014.

Huizinga, J. (1999). **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Perspectiva: São Paulo.

Lovecraft, H. P. **Medo Clássico volume 1**. Darkside, 2017.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





IDENTIFICAÇÃO DAS UNIDADES DE RELEVO ATRAVÉS DO MAPEAMENTO DO MUNICÍPIO DE FORMOSA (GO)

Raquel Pereira dos Santos¹ Estudante (IC) * oinpereira@gmail.com

Giuliano Tostes Novais² Pesquisador (PQ)

Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa
Rua Nagib Simão S/N Setor Nordeste
Formosa-GO

Esse artigo tem como finalidade a identificação das unidades de relevo, através do projeto de pesquisa de Mapeamento Físico, Turístico e Rodoviário do Município de Formosa GO. Com a orientação do professor pesquisador, foi utilizado para o mapeamento a metodologia de unidades do relevo aplicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para coleta de informações foram empregadas cartas topográficas da região, mapas temáticos e imagem de radar (SRTM). Se fez necessário a realização de trabalhos em campo para observação das formas do relevo. A área de estudo está situada na Mesorregião do Leste Goiano Microrregião do Entorno de Brasília, Formosa é o nono município mais populoso do estado de Goiás.

Palavras-chave: Unidades de relevo, Mapeamento, IBGE.

Introdução

Desde os primórdios da civilização, a importância do conhecimento espacial despertou interesse. Primeiramente, era necessário conhecer onde, no espaço, se localizavam os fenômenos; depois como esses mesmos fenômenos se distribuíam no espaço; e, por último, por que ocorriam daquela forma. Atualmente, a grande preocupação está concentrada no futuro, ou seja, como irão ocorrer os fenômenos e como prever soluções que levem à manutenção de um equilíbrio de estado contínuo (GUERRA, 1994). Isto significa que as ciências vêm desenvolvendo uma ação no sentido de aprofundar a diagnose dos fenômenos, para chegar a uma melhor base prognóstica ou de controle dos mesmos. Nesse sentido, a Geomorfologia não foge à regra e vem se ajustando à moderna tecnologia, a fim de acompanhar os avanços da informática, viabilizando interfaces com sensoriamento remoto em base orbital,

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



com a cartografia computadorizada e com a utilização de Sistemas de Informações Geográficas (SIGs).

De acordo com Castro (2012), um dos métodos adotados na interpretação e análise de compartimentos do relevo de uma região é a representação por meio da hipsometria (medida de altitude). A hipsometria é obtida a partir da generalização de curvas de nível de uma carta topográfica, ou de um modelo digital de elevação (MDE), em intervalos regulares, ou não, de classes altimétricas. Essas classes são representadas no mapa hipsométrico por meio de cores que variam do marrom (maiores altitudes) ao verde (menores altitudes).

O município de Formosa (GO) situa-se na Mesorregião do Leste Goiano e na Microrregião do Entorno de Brasília, tendo uma área de 5.827,7 Km². A sede municipal está a uma altitude de 917 metros e sua posição geográfica é determinada pelo paralelo de 15° 32' 14" de latitude sul em sua interseção com o meridiano de 47° 20' 04" de longitude oeste. Conforme estimativa do IBGE (2016), Formosa é o nono município mais populoso do estado de Goiás, e o quarto principal do Entorno de Brasília, com uma população de 114.036 habitantes. Está a cerca de 80 km de Brasília e 280 km de Goiânia. É drenada por cursos d'água que pertencem a três grandes bacias hidrográficas: São Francisco, Tocantins e Paraná.

Material e Métodos

A metodologia do mapeamento das unidades de relevo do município seguiu o utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em seu Mapa de unidades de relevo do Brasil.

Para a coleta de informações iniciais foram utilizadas cartas topográficas da região, mapas temáticos, imagens de satélite e imagens de radar (SRTM).

Foram realizados trabalhos de campo para análise das feições do relevo, e utilizado o aparelho de navegação GPS para aferir as coordenadas geográficas e altitude dos locais.

A confecção dos mapas foi feita pelo QGIS, sendo que o modelo segue o exemplo de Novais (2013), que elaborou o Guia do Município de Prata-MG, abrangendo os

mesmos aspectos.

Resultados e Discussão

O relevo está servindo de base para o traçado das vias rodoviárias e roteiros turísticos, do mapa físico, turístico e rodoviário do município.

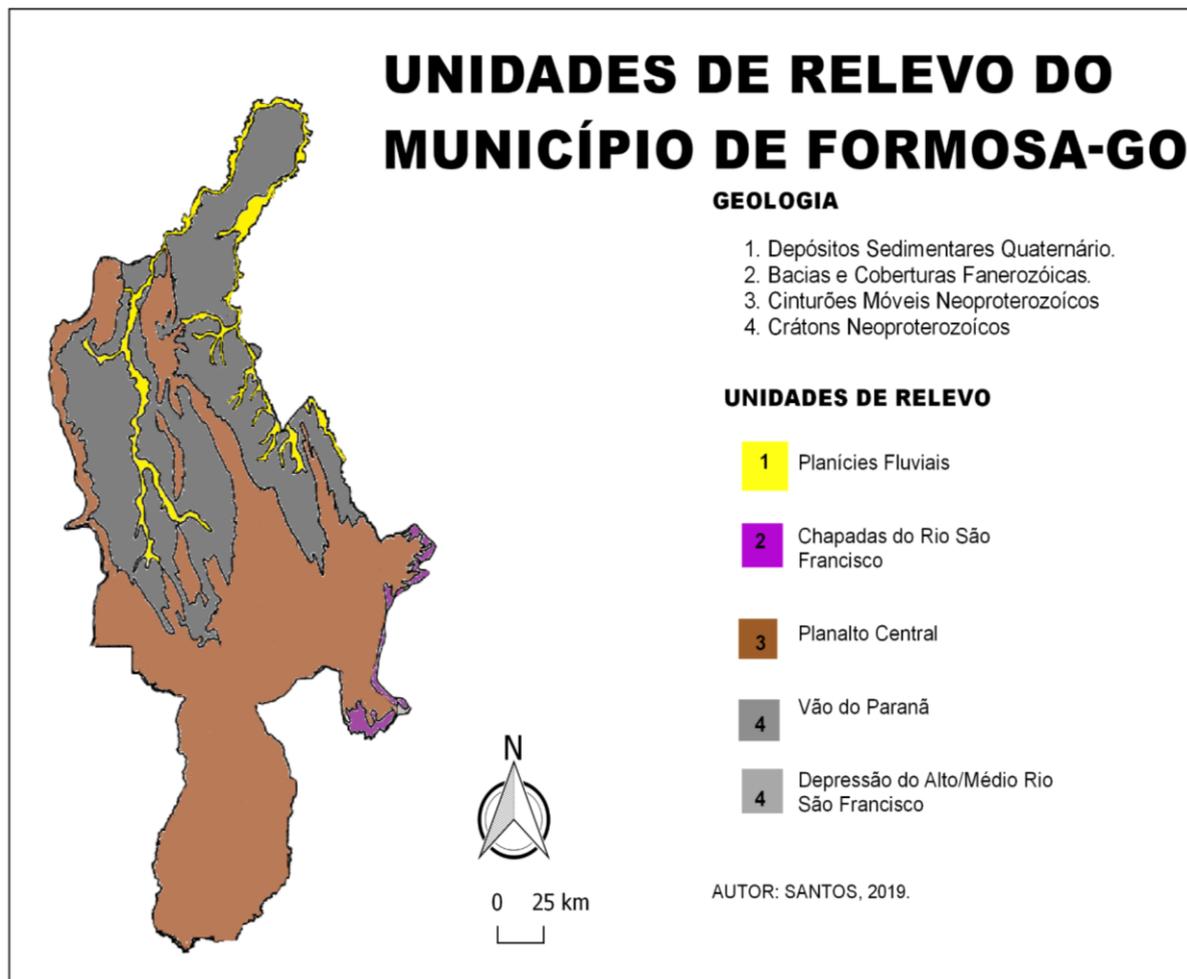
O ano de 2019 foi caracterizado pela contenção de gastos do Governo Estadual e grande perda em relação a pesquisa, pois os locais mais distantes e isolados pelo relevo não foram visitados, como o extremo norte do município, onde a planície do rio Paranã começa a atingir alguns quilômetros de largura. O extremo leste também não foi visitado, local de divisa com o Estado de Minas Gerais. Formosa é um município com mais de 5 mil km², e sem transporte a pesquisa ficou comprometida.

Portanto, a identificação das formas e compartimentos de todo o relevo municipal foi afetada pela falta de transporte a esses locais, e decidimos por fazer a identificação das unidades de relevo e localizá-las de forma bem mais precisa com a ajuda de imagem de radar.

O trabalho que antes era intitulado sob o nome de “Identificação das formas e compartimentos do relevo através do mapeamento do município de Formosa (GO)” passou a se chamar “Identificação das unidades de relevo através do mapeamento do município de Formosa (GO)”.

O mapa hipsométrico, elaborado a partir das imagens SRTM serviu de base para delimitação das unidades de relevo do município de Formosa-GO (Mapas 1 e 2).

Mapa 2: Mapa de Unidades de Relevo do município de Formosa-GO. Autor: SANTOS, 2019.



As unidades de relevo encontradas no município foram:

1. Chapadas do Rio São Francisco, pertencente as Bacias e Coberturas Sedimentares Fanerozoicas – Serra do Bonito, no extremo leste do município.
2. Planalto Central Brasileiro, pertencente ao Cinturão Móvel Neoproterozóico – maiores elevações do município, abrangendo a Serra Geral do Paraná, planaltos da zona urbana e do distrito do Bezerra, e também as serras da Carreira Comprida e da Boa Vista
3. Vão do Paraná, pertencente aos Crátoms Neoproterozóicos; e
4. Depressão alto/médio dos Rios São Francisco / Tocantins, também pertencente aos Crátoms Neoproterozóicos.

Considerações Finais

O projeto de pesquisa sobre o mapeamento físico, turístico e rodoviário do município de Formosa-GO está no estágio final de conclusão, sendo que os mapas elaborados pela aluna de iniciação científica ira compor um dos encartes. Os resultados serão divulgados no Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE).

A utilização de imagens de radar (SRTM) foi fundamental para a delimitação das unidades de relevo do município, tendo uma melhor acurácia em comparação ao mapa do IBGE.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus por mais esse feito.

Ao professor Giuliano, pela sabedoria e determinação com que me orientou durante a realização deste trabalho.

Referências

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Mapa de unidades de relevo do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Escala 1: 5 000 000.

CASTRO, J.F.M. **História da cartografia e cartografia sistemática**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012.

GUERRA, A.J.T. **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

NOVAIS, G.T. **Guia do Município 2014 – Prata (MG)**. ISBN 978-85-916149-0-5. Uberlândia, 2013.

Imagens de guerra e violência em jogo: Performances eletrolúdicas de narrativas históricas

Lucas L. Rocha (IC)*, Juliano Pirajá (PQ)

Av. Universitária, S/N – Nordeste, Formosa - GO

Resumo: Pensar jogos eletrônicos não é como pensar outros tipos de jogos, da mesma forma, refletir sobre as narrativas presentes nestes, não é como refletir sobre outras formas narrativas, e isto demonstra o caráter revolucionário desta nova e complexa forma de entretenimento. Uma pergunta permanece sem resposta, os jogos eletrônicos proporcionam uma performance completa da experiência narrativa? Até onde a estrutura de um jogo pode nos levar ao apreciar uma história? Com certeza não existe um consenso, mas esta pesquisa, usando jogos eletrônicos com temáticas de guerras históricas como fontes principais, pretende aprofundar o assunto, buscando compreender melhor o que nasce da união de duas formas distintas de performance, o jogo e a narrativa, buscando entender estes dois termos separadamente de antemão, visando responder a esta pergunta principal e buscar novas perguntas com os resultados encontrados, levando sempre como pensamento fundamental que uma nova forma de performance exige novas formas de análise, e buscando entender sempre a experiência do jogo eletrônico como algo único, e com propriedades e características incomuns.

Palavras-chave: Jogos. Performance. Narrativa.

Introdução

Existe uma questão que serviu como base para esta pesquisa, e esta pretende responde-la. Os jogos eletrônicos e a imersão viabilizada por seu gameplay, tornam a experiência narrativa mais completa? O plano de trabalho que aqui se apresenta analisará três fontes principais, todos jogos eletrônicos, com estilos diferentes de jogabilidade, e com narrativas em cenários de guerra, mas com diferentes perspectivas, são eles, **This war of mine: the little ones** (2014), que propõe uma performance completamente diferente dentro deste cenário. A jogabilidade está focada nos civis, não nos militares, isso permite experimentar uma realidade completamente nova, desviando o foco não para os campos de batalha em si mesmos, e sim para as vítimas deste tempo histórico recheado de inseguranças, medos e dificuldades, **Call of Duty: Black Ops** (2010), **Ryse: Son of Rome** (2013),

REALIZAÇÃO

que encarnam o jogador no papel do soldado, figura que é explorada em sua totalidade, transcendendo a ideia simplista de compreender o guerreiro apenas como figura presente, mas invisível na narrativa histórica acadêmica, proporcionando a experiência completa, focando nesse personagem essencial e no seu papel no campo de batalha e vida pessoal, ações que mesmo em períodos históricos diferentes, admitem a reflexão dos diferentes personagens exercidas pelo soldado em seu próprio tempo, e **Detroit: Become Human**, onde se joga com três androides que buscam sua liberdade, e isto em alguns casos por meio de uma revolução armada. Com o apoio dos autores Paul Zumthor, Johan Huizinga e Guilherme Xavier como principal fonte de direcionamento para investigação, o trabalho se propôs a separar a narrativa do jogo em si, tratando-os não como o mesmo componente, mas entendendo os conceitos de forma isolada, buscando compreender melhor a experiência de fusão dos dois em plataforma eletrônica que cativou milhões de indivíduos de todas as idades.

Material e Métodos

No primeiro momento desta pesquisa, o bolsista fará levantamento, leitura e análise de bibliografia ampla sobre o tema e suas apropriações artísticas e historiográficas. Esta bibliografia servirá de base para todas as outras etapas e contemplará jogos, diários de guerra, filmografia, e outras obras relevantes.

As narrativas que servirão de base para a pesquisa demonstram com clareza a capacidade desta forma de entretenimento e por meio de suas performances, proporcionam diferentes interpretações do tempo histórico. Cada título oferta um novo ponto de vista e consegue destacar-se por nos colocar no papel de personagens cuja experiência de vida tornasse vívida e completa dada a dinâmica própria do jogo.

As produções de narrativas representadas nos jogos **Call of Duty: Black Ops** e **Ryse: Son of Rome**, encarnam o jogador no papel do soldado, figura que é explorada em sua totalidade, transcendendo a ideia simplista de compreender o

guerreiro apenas como figura presente, mas invisível na narrativa histórica acadêmica, proporcionando a experiência completa, focando nesse personagem essencial e no seu papel no campo de batalha e vida pessoal, ações que mesmo em períodos históricos diferentes, admitem a reflexão dos diferentes personagens exercidas pelo soldado em seu próprio tempo.

O jogo eletrônico **This war of mine: the little ones** propõe uma performance completamente diferente dentro deste cenário. A jogabilidade está focada nos civis, não nos militares, isso permite experimentar uma realidade completamente nova, desviando o foco não para os campos de batalha em si mesmos, e sim para as vítimas deste tempo histórico recheado de inseguranças, medos e dificuldades.

Tais obras compõem o *corpus* inicial de fontes para a pesquisa que se inicia. Este trabalho torna-se relevante na medida em que pretende compreender e fazer dialogar produções que transportam o jogador/leitor para tempos, conflitos e lugares diferentes dentro da história.

No que diz respeito à teoria, primeiramente procuraremos noções de fonte histórica e narrativas usufruindo dos conceitos de Michael de Certeau, Paul Ricoeur, Umberto Eco e Georges Didi-Huberman. Partindo então para a especificidade da área da pesquisa: 1) Nas reflexões sobre a guerra e violência as obras de Hannah Arendt em torno da Segunda Guerra Mundial e Paul Veyne sobre o mundo romano; 2) no que se refere à performance as reflexões de Paul Zumthor contidas no livro **Performance, recepção e leitura**; 3) nas reflexões sobre jogos nos apoiaremos em Guilherme Xavier e em seu livro **Cultura eletrolúdica. Cultura Visual nos jogos eletrônicos**.

Munidos de todas estas ideias, iniciaremos o trabalho de articulação destas para a elaboração do texto. A etapa de conclusão da pesquisa tem como princípio metodológico a articulação entre as análises das narrativas e as leituras teóricas. Para fins de conclusão da pesquisa, o objetivo de produzir um texto final, que visa publicações e/ou comunicações em eventos científicos especializados.

Resultados e Discussão

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

Foi possível observar, com apoio de Johan Huizinga para compreender o conceito de jogo, e Paul Zumthor para aprofundar a ideia de experiência narrativa, que o jogo eletrônico, ao contrário de outras formas de se contar uma história, possui característica única, esta que é o jogo em si mesmo; embora a narrativa sirva de fundamento para os diferentes aspectos estéticos e progressão de tempo e fatos dentro de um jogo eletrônico, este nem sempre se compromete com a experiência narrativa, ignorando-a completamente muitas vezes, dando enfoque em uma imersão em seu gameplay e no divertimento proporcionado por sua jogabilidade, como no caso do modo online de diversos jogos; mas isto não é regra, ao analisar **This War Of Mine**, onde o gameplay deste jogo de sobrevivência foi criado de forma a acentuar os sentimentos provocados pela narrativa, em um ponto onde não se pode separar os dois, criando uma experiência dentro desta simbiose que transmite real sofrimento, angústia, tristeza, entre outros; por fim, pode-se dizer que nem sempre a complexa narrativa em um jogo é o ponto principal, dando lugar ao gameplay.

Os jogos eletrônicos e a imersão viabilizada por seu gameplay, tornam a experiência narrativa mais completa? Sim, mas nem sempre o jogo eletrônico se prende a esta ideia ou possui isto como objetivo, e embora possa ser usado como ferramenta narrativa,



não se pode rotular um jogo eletrônico como tal, pois este conceito abrange muito mais e vai além, como será explicado agora durante esta discussão. Johan Huizinga, historiador e linguista holandês, em sua obra Homo Ludens, trata a ideia de jogo como algo totalmente lúdico, semelhante a uma brincadeira, comportamento presente em diferentes espécies de animais, que antecede a cultura e com isso a ideia de uma narrativa; como isso nos ajuda a compreender a questão em discussão? A partir do momento que percebemos que um jogo eletrônico não é

diferente do futebol, xadrez, ou qualquer outro jogo, e que a narrativa presente é apenas um componente do jogo em si. Pode-se pegar como exemplo, uma mera comparação, entre o filme Sniper Americano, um drama produzido em 2015, e o jogo Counter-Strike; as duas produções possuem algo em comum, o cenário da guerra, a guerra contra o terrorismo, ambos colocam o jogador e o telespectador dentro da



experiência de um soldado, entretanto, com tantas semelhanças, são completamente diferentes; enquanto o longa de drama busca transmitir a real experiência da guerra, ao nos contar a história real do atirador de elite das forças especiais da marinha americana Chris

Kyle, nos mostrando toda a dor, sofrimento e os traumas causados pela vivência de um conflito armado, Counter-Strike diverte milhões, arrancando sorrisos entre amigos, que atiram uns nos outros, somando as mortes enquanto fazem piadas, formam milícias online buscando apenas se entreter, e isso mostra como o jogo colocado a exemplo, não possui nenhum compromisso com a narrativa de fundo, que apenas serve para a estética, universo e pretexto para a competição, entretanto o conceito de jogo não se limita a esta experiência. This War Of Mine é um jogo lançado em 2014, desenvolvido pela 11 bit studios, com o gênero sobrevivência, e assim como a obra cinematográfica apresentada no exemplo anterior, busca apresentar o sofrimento e angústia do campo de batalha, colocando o jogador para sobreviver ao Cerco de Sarejevo durante a Guerra da Bósnia em 1992, porém o jogo foca completamente nos civis, e ao contrário de Counter-Strike, seu gameplay foi construído visando intensificar os sentimentos, e aprofundar a experiência narrativa, esta que por sua vez compõe o jogo em si. O jogo é sempre um jogo, e jogar uma história é tão válido quanto assistir a um sob forma de uma apresentação teatral, e esta apresenta uma performance única, possível apenas dentro do termos do conceito de jogo e as possibilidades apresentadas por cada gameplay, e um exemplo claro disso é o jogo Detroit: Become Human, desenvolvido pela Quantic Dream, lançado em 2018, onde, como de costume pela desenvolvedora, é um jogo



com características cinematográficas, tendo o jogador, através da interatividade, papel fundamental no desfecho do roteiro do jogo, criando algo único, mas é inegável, que embora o jogo possua características de um filme, inclusive a presença de atores reais, ainda é um jogo. Em suma, alguns jogos são fundamentalmente uma narrativa, mas não se encontra essa narrativa fora da ideia do jogo, e a experiência da mesma torna-se única apresentada pelo gameplay e estrutura dos jogos eletrônicos.

Considerações Finais

A conclusão resume-se a ideia de que uma história pode ser jogada, e esta forma de apreciar possui características únicas proporcionadas pelos limites da própria ideia de jogo, que cria a possibilidade de interação e identificação particulares a esta maneira de vivenciar um roteiro, mas isto não define o que é um jogo eletrônico e de forma alguma o conceito de jogo de forma ampla. Julgar a história apresentada em um jogo eletrônico sem levar em conta os aspectos performáticos proporcionados pelo gameplay é diminuir o potencial da obra desenvolvida, e também é importante ressaltar que esta por si só é capaz de emocionar, transmitir conhecimentos, chocar, fazer rir e causar os mais diversos tipos de sentimentos e sensações, mas desde que este seja o propósito, caso contrário, uma simples diversão já basta para um jogo se manter firme e forte.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a comunidade de gamers, que possibilitou que esta forma de entretenimento fosse uma indústria forte, criativa e crescente; logo em seguida devo agradecimentos ao professor Pirajá, que me incluiu em um projeto de pesquisa, encaixado em um debate incrível, depois, gratidão aos companheiros de pesquisa no geral, principalmente ao Thiago de Freitas, que se engajou comigo no temas relacionados a jogos, e me permiti, com nossos debates, desenvolver um conhecimento maior sobre o tema.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





Referências

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

XAVIER, Guilherme. A condição eletrolúdica: Cultura Visual Nos Jogos Eletrônicos. Rio de Janeiro. Ludo. 2010.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludes. Tradução: Monteiro, João Paulo. Editora Perspectiva. 1938

João Calvino e a Crítica à Veneração de Relíquias

Millena Gabrielle da Costa¹ (IC)*, Renata Cristina de Sousa Nascimento² (PQ).
millenagabriellec@gmail.com

¹ Universidade Estadual de Goiás – Avenida Juscelino Kubistcheck, 146. Jundiá, Anápolis – GO, 75110-390.

² Universidade Estadual de Goiás – Avenida Juscelino Kubistcheck, 146. Jundiá, Anápolis – GO, 75110-390.

Resumo: João Calvino (1509-1564), importante professor e teólogo cristão de origem francesa, foi um dos precursores da Reforma Protestante. Até os 24 anos de idade, Calvino era católico, e, em 1533 converteu-se ao protestantismo, o que resultou em um papel histórico fundamental no processo da Reforma com o Calvinismo. Estabeleceu diversas modificações e introduziu novos pensamentos na Igreja: eliminou o ritual e a música instrumental da missa, despiu as igrejas de vitrais, quadros e imagens, reduziu o culto a um sermão entre quatro paredes sem as relíquias, objetos de veneração no âmbito de uma religião, sendo elementos construtores de espiritualidade. Em seu Tratado das Relíquias, ele enfatiza o exame destes objetos, ressaltando sua natureza falsa e idólatra, além de criticar a presença simultânea das mesmas relíquias em igrejas e cidades diferentes. O contexto religioso-pessoal em que João Calvino se encontrava para poder realizar as críticas às venerações de relíquias que ocorriam, foi de suma importância visto que o relacionamento pessoal que o mesmo possuía com a igreja e as Escrituras teve grande influência em seu pensamento.

Palavras-chave: Calvino. Culto de Imagens. Iconolatria. Idolatria. Reformador. Relíquias.

Introdução

João Calvino (1509-1564), professor e cristão de origem francesa, foi um dos mais importantes teólogos do protestantismo, e, foi um dos precursores da Reforma Protestante. Seu pai pertencia às camadas médias da cidade e trabalhava como secretário do bispo e na biblioteca da catedral na cidade de Noyon, este, usou de seus benefícios eclesiásticos para custear os estudos de Calvino, ocorridos em Paris, local em que conheceu o humanismo e as teorias que iam contra o mesmo. Conheceu também as doutrinas de Wyclif, Huss e Lutero. Até os 24 anos de idade, Calvino era católico, e, em 1533 converteu-se ao protestantismo, o que resultou em



um papel histórico fundamental no processo da Reforma com o movimento religioso conhecido por Calvinismo. Não se sabe ao certo o que levou Calvino a abandonar a fé romana. Mas, provavelmente, através de seus estudos das Escrituras, da antiguidade cristã e enquanto frequentava locais em que se encontrava com humanistas, Calvino chegou à conclusão de que teria de abandonar sua fé atual e a comunhão romana que praticava e seguir o caminho dos protestantes.

Perseguido em Paris, onde o protestantismo foi declarado ilegal, Calvino abandonou a França e instalou-se na Basileia, Suíça, onde em 1536, publicou sua obra fundamental, “*As Institutas*”, que reunia suas doutrinas protestantes. Acabou passando por Genebra, onde recebeu um convite para permanecer ali, visto que este local acabara de aderir ao protestantismo. Ficou na cidade durante dois anos, e, visando a reestruturação do governo eclesiástico segundo as Escrituras, elaborou então um novo código litúrgico e civil dos cultos, uso dos sacramentos e costumes que os fiéis deveriam respeitar, este, foi tão severo que Calvino acabou sendo expulso pelo conselho municipal.

Entre 1538 e 1541, João Calvino permaneceu em Estrasburgo, no Leste da França, onde reformou a liturgia e as instituições paroquiais, ao mesmo tempo, que dirigia pessoalmente uma congregação. Nessa época, conheceu Martinho Lutero e participou de vários conclaves entre católicos e protestantes. Em setembro de 1547, Calvino retornou a Genebra a pedido das autoridades, para impedir a tentativa do cardeal de restaurar o catolicismo. Aplicando na íntegra suas austeras ideias religiosas, organiza a igreja de Genebra através das “Ordenações Eclesiásticas”. Após eliminar seus opositores, torna-se governante de Genebra, tanto sob o aspecto religioso como no político e econômico. Genebra passa a ser o principal centro protestante da Europa.

Em seus estudos das Escrituras e da antiguidade cristã, Calvino conhecia os dogmas protestantes e concluía que em algumas localidades, as mesmas eram usurpadas e forjadas em favor dos líderes, devido a estes questionamentos, Calvino estabeleceu diversas modificações e introduziu pensamentos na Igreja: eliminou o ritual e a música instrumental da missa, despiu as igrejas de vitrais, quadros e imagens, reduziu o culto a um sermão entre quatro paredes sem objeto algum,



objetos estes conhecidos por relíquias que, são venerados no âmbito de uma religião, sendo elementos construtores de espiritualidade. Podem ser objetos pessoais ou partes do corpo de um santo, ou personagem considerado sagrado. Para o protestantismo essas práticas são desaprovadas. Sendo assim, na Reforma Protestante, precisamente na segunda metade do século XVI, João Calvino procurou demonstrar a hipocrisia que caracterizava esta veneração, pois a mesma levava os fiéis a um ato de iconolatria.

Resultados e Discussão

As relíquias representam memória espiritual do cristianismo, sendo esta também uma função cultural na historiografia cristã. Entretanto, para Calvino, a igreja não teve objetivo maior senão juntar todo um 'mar de mentiras'. Nessa ocupação, se sentiram tão livres que não tiveram dificuldade alguma de forjar alguma relíquia. Há pessoas que poderiam questionar a verossimilhança da exibição de modo tão autêntico destes objetos, os detalhes possuídos por eles, detalhes de onde e por quem vieram. A respeito disso, Calvino diz que não se pode recuperar a verossimilhança de mentiras tão evidentes. Ainda, para ele, isto não é algo além de zombaria contra Deus.

O intuito de Calvino para com os fiéis e leitores do *Tratado das Relíquias*, é, apesar de sua maior vontade inicial ser reunir todo o repertório dos 'objetos sem valor' que ele chama por 'relicário', é oferecer uma "advertência, para sacudir os que estão dormindo e fazê-los pensar que talvez se trate da totalidade, quando de uma tão pequena porção já se encontra tanto a criticar (CALVINO, 2017: p. 141)." Ele ainda afirma que se houvesse uma busca mais rígida dos diversos objetos presentes no mundo, e desta fizesse uma lista, poderia ser visto claramente o quanto as pessoas foram cegas e o quanto há de treva e estupidez em toda a terra.

No primeiro volume de *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã* (1985), Calvino enfatiza o distanciamento entre Deus e o homem que atribui forma visível a Deus e a estabelece como ídolo para si. Em seu *Tratado das Relíquias* (1543), João Calvino reforça o exame destes objetos, ressalta sua natureza falsa e idólatra. Fundamenta sua crítica no erro que seria deixar de buscar Cristo na palavra, nas

comunhões e consagrações -sacramentos- e nas graças espirituais, para entreter-se com vestes, capas, tecidos, ou objetos de uso pessoal, como a manjedoura de Jesus Cristo citada pelo próprio Calvino, isto para ele, tornou-se a “raiz de todo mal (p. 135)”, seria esse para ele o primeiro vício dos cristãos.

A Bíblia condena imagens e representações de Deus (1985, p. 118); para justificar essa afirmação, o teólogo cita a passagem bíblica de Salmos 115.4 e 135.15: “Os ídolos das gentes prata e ouro [são], obras das mãos dos homens (CALVINO, 1985: p. 118).” E, também no segundo volume desta mesma obra, Calvino inicia sua fala a respeito das imagens e relíquias, através do segundo mandamento das Escrituras: “Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma das [cousas] que estão no céu acima, ou na terra embaixo, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não [as] adorarás, nem [lhes] darás culto [Êxodo 20:4-5] (CALVINO, 1985: p. 115).” Os deuses da madeira, da pedra, do ouro, da prata, ou de outro qualquer material inanimado e corruptível, corrompe a glória de Deus. Por isso, cita Êxodo 20.4.

Os gregos, pensavam que, bastava eliminar a prática de esculpir imagens, entretanto, não somente as representações esculturais são condenadas, mas, o Senhor proíbe sua imagem talhada tanto quanto em representações modeladas - gravuras-. O sudário que envolveu o corpo de Jesus Cristo, pode ser um exemplo a respeito desta temática, pois, sua “efígie” é ali representada. Mas, isto, sendo um milagre excelente, não poderia ter escapado das Escrituras. Além disso, os evangelistas não relatam que as mulheres ou os discípulos carregaram os tecidos, mas, dão a entender que os deixaram no sepulcro, visto que este era protegido por guardas, que possivelmente se apropriavam dos panos depois. Ainda, os sudários encontrados possuem a representação de todo o corpo de Cristo, mas, segundo o evangelista São João, Jesus Cristo foi amortalhado segundo o costume dos judeus:

Podemos entender esse costume não somente observando os judeus hoje, que ainda o cultivam, mas a partir de seus livros, que descrevem o modo antigo. Envolve-se o corpo até os ombros, e em seguida envolve-se a cabeça dentro de um véu, atrelando-o a quatro lados (CALVINO, 2017: p. 155).

E com o que Pedro viu: os panos de um lado, onde o corpo foi envolvido, e

de outro o sudário -espécie de lenço ou véu, e não um tecido grande que envolveria todo o corpo-, que havia sido posto na cabeça, exposto no evangelho, se confirma este costume dos judeus.

A mesa da Última Ceia é outro exemplo citado por Calvino, a mesma, segundo ele, encontra-se em Roma, na Igreja de São João de Latrão, o pão na Espanha, em São Salvador, e a faca utilizada para cortar o cordeiro pascal está em Tréveris, na Alemanha. Mas, Calvino relembra que Cristo estava em um lugar emprestado para celebrar a ceia, e, ao ir embora, deixou a mesa, além disso, não há relatos de que a mesma tenha sido retirada pelos apóstolos. Outro argumento utilizado por Calvino, é a destruição de Jerusalém, portanto, a probabilidade de encontrar essa mesa após setecentos ou oitocentos anos é mínima. Ainda, as mesas utilizadas naquela época, possuíam formatos distintos dos atuais, pois, as pessoas se 'deitavam' para comer, não comiam sentadas (Mateus 26.20).

A cruz é outra representação importante para os cristãos, mas, mesmo considerado correto a mesma ter sido encontrada por Helena, mãe do imperador romano Constantino, e, que muitos doutores antigos escreveram sobre esse processo de certificação da cruz, Calvino ainda critica esse encontro e a presença de muitos pedaços da mesma espalhados pelo mundo todo. Para ele, considerando que Helena tenha se esforçado tanto para encontrar a cruz verdadeira, Deus milagrosamente a mostrou à Helena. A cruz encontra-se em Jerusalém, disso, não há dúvidas por parte dos fiéis, mas, "esse fato é contestado também pela história da igreja, que informa que Helena separou em Constantinopla, em uma colina de pórfiro, no meio do mercado, enquanto outra parte, segundo consta, foi colocada em um estojo de prata e confiada à guarda do bispo de Jerusalém (CALVINO, 2017: p.147)." Calvino, afirma então que, a história é mentira ou a crença que se tem hoje sobre a cruz verdadeira é uma opinião 'frívola' e 'vã'.

Sobre a mesma cruz, há relatos de sua presença em diversas localidades, o que leva Calvino a criticá-las. Calvino relata que em algumas dessas localidades, há lascas enormes, como em Sainte-Chapelle de Paris, em Poitiers e em Roma, local este em que se encontra um crucifixo inteiro construído com a madeira da cruz. Segundo Calvino, se houvesse a junção de todos estes materiais encontrados, seria

possível construir um barco, entretanto, o evangelho afirma que a cruz podia ser carregada por um homem, em virtude de seu peso inferior. Ainda, há diversas histórias sobre a chegada destes elementos. Alguns dizem que foram os anjos que os trouxeram, outros, que caíram do céu. Os de Poitiers, por exemplo, foram trazidos por uma donzela de Helena, que os teria roubado, e, como estava em fuga, teria se perdido cerca de Poitou, antiga província francesa, ainda, falam que a donzela era manca (p. 148).

Acreditava-se que as manifestações e sinais divinos poderiam servir de base para futuras imagens. Deus se manifestou de diferentes formas, como em nuvem e fumaça (Deuteronômio 4:11), em forma de pomba pelo Espírito Santo (Mateus 3.16; Marcos 1.10; Lucas 3.22), sob a forma de homem, sendo esta a manifestação em Cristo, os milagres realizados também por Cristo, entre outros. Deus, de fato, exibiu sua presença mediante alguns sinais, como já mencionado, entretanto, Calvino afirma que todos os sinais que Deus manifestava, se ajustavam a seu método de ensinar e ao mesmo tempo advertiam os homens.

A respeito dos milagres, pode-se citar a crítica que Calvino fez no momento em que Jesus Cristo ressuscitou Lázaro (João 11.38-44), pois, defendiam a preservação da terra em que Cristo pisou no momento deste milagre, mas, após a destruição de Jerusalém, quando todas as coisas e locais se mudaram na região da Judéia, não seria possível que alguém demarcasse de forma perfeita a localidade deste acontecimento.

Outro milagre bastante importante, e citado por Calvino, é a transformação da água em vinho nos cântaros -também chamados de talhas- em um casamento em Caná da Galiléia, localizado na Bíblia em João 2.1-11. Estes cântaros, teriam sido encontrados aproximadamente mil anos após este acontecimento, o que seria improvável sua existência por tanto tempo. Ainda, há locais que afirmam além da existência das talhas, a existência também do vinho, mas, Calvino afirma a facilidade de reconhecer que é mentira, pois, estas talhas não suportam mais que nove litros, algumas ainda menos; sendo que na época em que o milagre ocorreu, os cântaros aguentavam aproximadamente 268 litros, e, especificamente a do casamento, entre 80 e 120 litros (2017, p. 144). Ainda, para Calvino, estas afirmações não passam de

tramas para enganar o povo simples.

Quando consideramos tudo isso, que mais resta a dizer, a não ser que tudo foi tramado para enganar o povo simples? E, de fato, os hipócritas, tanto padres quanto monges, confessam que é isso mesmo, chamando as relíquias de pias fraudes, ou seja, enganações piedosas, para comover o povo e induzir a devoção (CALVINO, 2017: p. 143).

Um exemplo de iconolatria desta conspiração contra os mais simples são as vestes de púrpura, em que Pilatos cobriu Cristo por zombaria, visto que era chamado de Rei. Segundo as Escrituras (Marcos 15:17), era uma roupa preciosa, portanto, não deveria ser jogada ao abandono, por isso, após zombarem de Cristo, a mesma não deveria ter sido esquecida por Pilatos e seus homens. Calvino diz que para aumentar a farsa, eles mostram manchas de sangue na roupa, mas para ele, os zombadores não permitiriam que estragasse um manto real, colocando-o mesmo de brincadeira sobre os ombros de Jesus Cristo. Quanto a esta túnica, há muitas, e “parece ser mais propícia a emocionar os simples e levá-los à devoção (CALVINO, 2017: p. 150).”

Em Charroux, na diocese de Poitiers, o abade vangloria-se de ter a pele -de Jesus Cristo- cortada na circuncisão, visto que não podem declarar possuir o corpo natural de Cristo, alguns afirmam guardar um ‘pedacinho’ do mesmo. O abade que diz possuir a pele da circuncisão, possui também dentes e cabelos, mas a ideia central neste fragmento é a pele, pois, de qual localidade foi sua partida é o que Calvino deseja saber, pois, no evangelho de Lucas afirma-se que Jesus Cristo foi circuncidado: “E, quando os oito dias foram cumpridos para circuncidar o menino, foi-lhe dado o nome de Jesus, que pelo anjo lhe posto antes de ser circuncidado (Lucas 2.21).” Entretanto, não há relatos de que a pele tenha sido preservada para servir de relíquia.

Há a questão do sangue de Cristo, que dizem que não poderia ser encontrado, a não ser de forma miraculosa. Porém, o mesmo, é exibido em mais de cem locais. Em um dos locais, em Poitou, há algumas gotas que teriam sido escolhidas por Nicodemos em sua luva; em outros locais, há frascos inteiros, como em Mântua, por exemplo. Em outros, vasos cheios, como em Roma, em São Eustáquio. Ainda, Calvino diz que os homens não se contentam com o sangue puro

e, o misturam com água, assim como saiu do corpo de Jesus quando ele foi ferido na cruz.

Como dito, não poderiam afirmar possuir o corpo de Cristo, afirmam pequenas partes do mesmo ou objetos que foram utilizados por ele. A manjedoura em que foi posto logo ao nascer, é exibida em Roma, na Igreja de Santa Maria Maior. Na mesma cidade, mas em outra igreja -Igreja de São Paulo Extramuros-, está o tecido que o embrulhou; mas, há também 'trapos' desse tecido em São Salvador, na Espanha. Seu berço também está localizado em Roma, juntamente com a roupa que a Virgem Maria fez para ele. Há ainda, diversos outros objetos. Mas, o que preocupa de fato João Calvino, não é o local que encontraram essas relíquias tanto tempo após a morte de Cristo, mas, que em todo fragmento ou parte da história evangélica, não há sequer nenhuma palavra sobre isso.

No livro da sabedoria de Salomão, citado também por João Calvino, há a afirmação de que os ídolos, são objetos concedidos em honra a um morto, no intuito de cultivar, de forma supersticiosa, sua memória. Este é um antigo costume, mas, não é a primeira fonte desse mal, pois, Moisés relata quando Raquel furta os ídolos de seu pai (Gênesis 31.19), sendo isto um vício, assim, Calvino conclui então que a imaginação do homem é uma "fábrica de ídolos". Outro exemplo, é, que antes de Abraão nascer, seus antepassados, inclusive Terá -pai de Abraão e de Naor-, prestavam culto a falsos/outros deuses.

A tal representação segue-se, de pronto, a adoração, pois, uma vez que os homens julgavam contemplar a Deus nas imagens, nelas também O adoraram. Alfim, nelas fixados tanto em espírito quanto em visão, começaram todos a embrutecer-se e a deslumbrar-se [com elas] e a nutrir[-lhes] admiração, como se [nelas] residisse algo da Divindade. É já evidente que os homens se não atiram ao culto das imagens antes que hajam sido embebidos de certa opinião mais crassa, não, por certo, que [as] tenham por deidades, mas porquanto imaginam nelas habitar algum poder da Divindade (CALVINO, 1985: p.124).

No livro *De opere monachorum* [Do trabalho dos monges] de Santo Agostinho, Calvino cita-o dizendo que o santo se queixava de certos "colportores¹" de relíquias e indulgências que já em sua época faziam um comércio cruel e desonesto movimentando sem parar as relíquias de mártires, induzindo o povo simples a crer que os ossos recolhidos nas proximidades eram ossos de santos. Este povo, quando acusado de idolatria, respondia que não adoravam a



representação visível, mas a deidade que ali habitava invisivelmente. Mas, não somente estes, pois os gentios, afirmavam que não adoravam nem a imagem, nem a “potestade” ali representada, mas, visualizavam a representação material como um sinal da entidade que deveriam cultuar (2017).

No II Concílio de Nicéia, em 787, houve argumentos falaciosos, segundo ele, sobre a decisão das imagens, esta, ocorreu de forma iconólatra, assim, foi decretado que as imagens não deveriam apenas estar presentes nos templos, mas que estas, ainda fossem veneradas. Dessa forma, todo o discurso de João Calvino se negava, entretanto, sua preocupação maior era que ficasse evidente aos leitores a que ponto a iconolatria tenha se extravasado. Todos os exemplos de relíquias citados, possuem diversos fundamentos que são utilizados para persuadir o povo à iconolatria. Segundo Calvino, a igreja não se contentava em seduzir e enganar os mais simples, como, quando além de mostrarem madeira comum no lugar da madeira da cruz ao povo, decidem que era necessário adorar a madeira, o que é nomeado por Calvino de ‘doutrina diabólica’.

Considerações Finais

Para Calvino, a igreja não teve objetivo maior senão juntar todo um ‘mar de mentiras’. Nessa ocupação, se sentiram tão livres que não tiveram dificuldade alguma de forjar alguma relíquia. Há pessoas que poderiam questionar a verossimilhança da exibição de modo tão autêntico destes objetos, os detalhes possuídos por eles, detalhes de onde e por quem vieram. A respeito disso, Calvino diz que não se pode recuperar a verossimilhança de mentiras tão evidentes. Ainda, para ele, isto não é algo além de zombaria contra Deus.

João Calvino constata então que, o motivo do Senhor querer esconder da vista dos homens, a imagem de seus fiéis, era evitar que principalmente o povo de Israel que viveram no mesmo momento que seus seguidores, mas também aos homens presente, caíssem em idolatria. A canonização, segundo o reformador, foi introduzida na igreja quando tudo foi pervertido e profanado, parte pela estupidez da autoridade católica e evangélica, parte também pela cobiça, e parte porque não resistiram ao costume após ter sido estabelecido.



Mas, não afirma que a culpa é somente da autoridade que representava a igreja, “de igual o modo, o povo buscou ser enganado, entregando-se a loucuras pueris, em vez de à verdadeira adoração a Deus (CALVINO, 2017: p. 183).” Ele conclui então que para corrigir o erro, todas as coisas que começaram mal e foram estabelecidas contra a razão devem ser totalmente destruídas. Todavia, como isso não é possível, ele alerta e aconselha que um comunique a outro, para que seja alcançada a compreensão dessas coisas que, para ele não passam de mentiras.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus pela minha vida, família, amigos e pela vontade e força de continuar que me faz ter ao levantar todos os dias. À Universidade Estadual de Goiás, em que se encontram excelentes profissionais no corpo docente e administrativo que, procuram sempre nos apoiar e nos encorajar. E, especialmente, à professora e orientadora desta pesquisa, Renata Cristina, que, além da orientação, despertou em mim, um imenso gosto pela História Medieval e Moderna.

Referências

A BÍBLIA. **Tradução de João Ferreira de Almeida – Edição Revisada e Corrigida, 4ª edição.** São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

AQUINO, Rubim Santos Leão de; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos; FRANCO, Denize de Azevedo e ALVARENGA, Francisco Jacques Moreira de. **História das Sociedades. Das Sociedades Modernas às Sociedades Atuais.** Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 128-146.

BORGES, Jáder. João Calvino – teólogo profícuo. In: **Reforma e Reformadores.** São Paulo: Editora Cristã Evangélica, 2017. p. 61-67.

CALVINO, João. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã. Volume 1.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

_____. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã. Volume 2.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

_____. **Clássicos da Reforma. João Calvino. Uma Coletânea de Escritos.** São Paulo: Vida Nova, 2017.

COSTA, Paula Pinto e NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. **A visibilidade do Sagrado. Relíquias Cristãs na Idade Média.** Curitiba: Editora Prismas, 2017.

GONZÁLES, Justo L. **Uma história ilustrada do Cristianismo. A Era dos Reformadores. Volume 6.** São Paulo: Vida Nova, 1995.

LAWSON, Steven J. **A arte expositiva de João Calvino.** São Paulo: Editora Fiel, 2008.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



JOÃO EVANGELISTA: Acemil Gaves... “O velho da Rudia”

Gercinair Silverio Gandara (PQ)¹, Marine Estéfane de Oliveira Moreira (IC)^{* 2}

¹Docente da Universidade Estadual de Goiás. Pós-Doutora em História Universidade Federal de Goiás (2009-2014). Doutora em História Social pela Universidade de Brasília (2008). Coordenadora Geral do LHEMA (Laboratório de História e Estudos Multidisciplinares em Ambientes) Líder do Grupo de Pesquisa História Ambiental: territórios, sociedades e representações e do Grupo de Pesquisa Rios e Cidades na História do Brasil.

² Discente da Universidade Estadual de Goiás. VIC/UEG - Voluntário de Iniciação Científica da UEG. Campus Uruaçu. E-mail: marine70x7@outlook.com.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise de uma história “pitoresca” que ocorreu no interior de Goiás, na cidade de São Luiz do Norte, na década de 1980. Onde uma família, torna-se protagonista nesta cidade, acompanhada de uma carga religiosa intensa e visível, corroborado por um entrelaçamento de religiões. A Família Gaves, transforma e modifica a rotina desta sociedade, até então esquecida no norte goiano, mas que torna repentinamente popular a ponto de receber emissoras de TV da época, quando Sr. Gaves, inicia a construção de uma Arca, bem semelhante com a narrativa bíblica encontrada no livro de Gênesis cap. 6. Por se tratar de um fato ocorrido na década de 80, parte das informações que obtemos são resultados de memórias e estudos sobre fenômeno religioso. Desta forma, usaremos como base em nosso referencial teórico, autores clássicos sobre o tema, como: Ecléa Bosi, Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff e Mircea Eliade.

Palavras-chave: Fenômeno religioso. História de Goiás. Memórias

Introdução

A história do Velho da Rudia despertou e ainda desperta curiosidade na população da cidade de São Luiz do Norte, interior de Goiás. Trata-se de um episódio que marcou os anos de 1980 a 1990. Onde um homem na presença de seus cinco filhos, inicia a construção de uma arca, parecido com a narrativa bíblica, encontrada em Gênesis cap. 6. O que temos sobre essa história é a forma como o senso comum a interpreta relacionado a exageros e mitos, salvo alguns cidadãos mais antigos que guardam na memória, as lembranças daquele

REALIZAÇÃO

personagem “pitoresco”. Destaca-se a importância dessa pesquisa, pois é uma história atípica e para que ganhe caráter científico, será baseada nas perspectivas de importantes autores sobre fenômeno religioso e memórias.

Material e Métodos

Este trabalho de pesquisa está respaldado nas análises de autores e pesquisadores abalizados que possuem diversas pesquisas e contribuições sobre memórias e fenômeno religioso, quais sejam: Ecléa Bosi, Maurice Halbwachs, Le Goff e Mircea Eliade. Com base na análise das obras dos autores mencionados, entendemos a memória como um resquício do tempo vivido, sendo do coletivo ou individual.

E para a construção desta pesquisa, contamos com a presença das memórias de um grupo, ou melhor uma família que nas décadas de 80 e 90 foram protagonistas de um fenômeno que envolveu e despertou curiosidade da pequena cidade de São Luiz do Norte.

Contando com entrevistas realizadas com dois dos filhos do Sr. Acemil e um pioneiro de São Luiz, que era próximo da família na época. Sendo o nome dos filhos: Renildo Moreira da Conceição, 46 anos, Acemildo Moreira da Conceição, de 41 anos. Onde os mesmos contribuíram significativamente para o desenvolvimento desta pesquisa. Entrevistamos também o senhor Chico Tobias, pioneiro da cidade, e vizinho do senhor Acemil na década de 80, e que presenciou diversas façanhas da família Gaves e compartilhou conosco um pouco de suas memórias e lembranças sobre o ocorrido.

Entrevistas essas que possuiu um questionário e conforme o entrevistado iria respondendo narrava um pouco da história da família Gaves, trazendo a tona diversas lembranças e memórias sobre os Gaves, sobre sua infância, adolescência, relação paternal e social.

Além disso, foram utilizadas duas importantes entrevistas realizadas pela TV Tocantins, no início da década de 1990, trata-se de gravações que contem imagens da arca do Sr. Acemil e um discurso que ele faz a respeito da arca.



Gravações estas cedidas do arquivo pessoal dos filhos do Sr. Acemil Gaves. E com base na análises dessas entrevistas, conseguimos entender melhor sobre a história em tela.

Resultados e Discussão

O protagonista desta história é o Sr. João Evangelista, seu nome de registro. Posteriormente foi substituído e sendo apenas lembrado como Acemil Gaves ou “Velho da Rudia”, que chegou na cidade de São Luiz do Norte-GO, em meados da década de 80, deixando em Goiânia sua esposa e três filhas. Trouxe consigo os seus cinco filhos homens e as roupas do corpo. Entraram numa viagem longa de aproximadamente 246 km, feita em uma carroça que levou cerca de vinte dias de Goiânia a São Luiz do Norte. Foi uma viagem cansativa que se intensificou por agrupar numa carroça cinco crianças pequenas e um adulto guiando.

Durante as entrevistas com os filhos, atualmente todos com mais de 40 anos, foi compartilhado que durante o trajeto feito da capital até o interior de Goiás, “não foi de todo ruim”, pois os mesmos possuem lembranças de terem brincado em diversos pontos que paravam para descansar. Afirmaram que ainda guardavam as boas memórias de infância.

Renildo, um dos filhos mais velho do Sr. Acemil, conta que durante o trajeto por diversas vezes, lembra-se de ver o pai cozinhando nas margens da BR-153. Conta com prazer que “quando subia com os irmãos nas árvores que encontravam pelo caminho e que faziam brincadeiras, a viagem tornava menos exaustiva”.

Quando a família Gaves chegou a São Luiz do Norte, na época era ainda município de Itapaci, a família foi acolhida pelo Sr. Chiquinho Tobias, que viu a triste condição em que se encontravam acampados em uma barraca de lona, às margens da BR-153. Ao ser entrevistado, o Sr. Chiquinho nos disse lembrar com clareza do momento em que encontrou a família Gaves pela primeira vez e que ficou compadecido diante daquela situação. Um pai com cinco filhos, uma

carroça, um cavalo e mais nada, então os convidou para morar em um terreno vago que ficava próximo de sua casa.

Essa família chamou a atenção de todos desde sua chegada à cidade, especificadamente pela forma como se vestiam. Onde todos com roupas brancas e turbantes na cabeça (vindo daí o apelido do Velho da Rudia). Sr. Gaves se alojou no lugar que Chico Tobias indicou e a partir disto iniciou a história da Família Gaves em São Luiz do Norte.

O misticismo religioso é muito presente na história desta família, mas não existiu uma religião específica. O Sr. Chiquinho durante a entrevista os rotulou de muçulmanos, mas os filhos negam. Dizem que o pai acreditava em diversas coisas ao mesmo tempo e que é inviável o titular como seguidor de uma religião específica, uma vez que para o Sr. Gaves, seu Deus era Almam.

O Sr. Gaves logo se mostrou um sonhador, e afirmava ter visões que lhe eram reveladas através de seus sonhos. E uma dessas visões que teve, mostrava com clareza um dilúvio onde toda a terra seria devastada. Após esta revelação, começou a construção da arca e também, a “preparação” do corpo, começando a fazer jejuns cada vez mais longos, com o objetivo de buscar a pureza da alma.

E quando começou a ser construída, a população Sãoluizense não acreditou, pois não transpareceu ser racional construir uma arca e esperar o dilúvio, parecido com a história bíblica de Noé. Usando a expressão do jornalista da TV Tocantins, que entrevistou o Sr. Gaves, “uma espécie de Noé contemporâneo”. Sr. Chiquinho disse que por diversas vezes tentou falar com o Sr. Gaves a respeito, alegando ser loucura tudo isso, mas foi ignorado.

A arca foi feita, tendo seu diâmetro quatro de altura e quatro de largura e comprimento. Construída toda em madeira e que levou cerca de 90 dias para ficar pronta. Mas que constantemente passava por novas reformas, como disse um dos filhos “meu pai era muito perfeccionista”.

Após a construção da arca, Sr. Gaves se isolou dentro dela juntamente com seus filhos. Pois acreditava que a qualquer momento o dilúvio iria acontecer, mas que para serem salvos, precisavam estar puros de corpo e alma iniciando um longo jejum, onde nem mesmo os filhos poderiam se alimentar. Alguns dias se

passaram nessa condição, mas logo os filhos quebraram a porta da arca, onde estavam todos trancados, e desceram para ir alimentar o filho mais novo, Acemildo, que já sentia fraqueza pelos dias sem comer.

Os filhos saíram da arca, foram se alimentar. Mas Sr. Gaves permaneceu dentro da arca, intocável. Não queria receber ninguém e se recusava a ir comer. E ficou nesta condição até a sua morte, que provavelmente se deu pela fraqueza do corpo devido à quantidade de dias sem ingerir algum alimento.

Diante desta história, o que se tem hoje sobre esse fato, são as lembranças dos seus filhos que advindos de uma vida sofrida, regada por problemas com toda dominação e privação que sofreram sentem orgulho de terem vencido todas e quaisquer dificuldades.

É pertinente ressaltar que todos os seus filhos herdaram a profissão do pai, que era marceneiro. Hoje em dia, três dos cinco filhos ainda atuam na profissão. E por fim, convém destacar que a arca construída por aquele insigne marceneiro que deveria estar em um museu para ser lembrada e admirada pela população, mas infelizmente pereceu. Hoje só existe em registros de fotos e algumas boas memórias.



Figura 1. Ao fundo a arca feita pelo Sr. Acemil, juntamente com todos seus filhos e filhas.



Figura 2. Fotografia da arca.



Figura 3. Família Gaves.



Figura 4. Fotografia da arca.

Considerações Finais

Diante do exposto, compreendemos que é notável e válido conhecer a história da família Gaves, pois foi indubitavelmente singular, com uma cultura diferente, isto é contrário aos paradigmas existentes. Os aspectos obtidos sob a memória dos envolvidos nesse fato traz à tona diversos momentos únicos e individuais, cada um contendo a sua singularidade mediante ao tempo vivido. Os filhos possuem

memórias próximas, mas com ênfase em outros momentos. Como Renildo, que sua primeira memória sobre a infância, é a figura do pai os guiando de carroça a caminho de São Luiz do Norte, lembrando-se das brincadeiras que fizeram durante o trajeto e o irmão Acremildo, recorda do quanto era próximo ao pai.

Por ser uma história da infância dessa família, faz com que cada nova lembrança seja acompanhada por um grande peso nostálgico, mas com consciência da vida sofrida que tiveram.

Diante das perspectivas, notamos que o Sr. Acemil, foi um carpinteiro/marceneiro que, no fim da sua vida, se dedicou a construção de uma arca para aguardar um dilúvio que lhe fora alertado por meio dos sonhos. Ele se preparava com jejuns orando para o seu “Deus Almam” aguardando as promessas do apocalipse. Decisão esta que, possivelmente, ocasionou sua morte dentro da sua própria arca.

Agradecimentos

Agradeço ao Programa de Iniciação Científica da PRP-UEG pela oportunidade a mim dada de participar, como voluntária, do projeto de pesquisa “Estudos Socioambientais dos Rios Cidades-Beira do/no Norte Goiano: Uruaçu e cidades circunvizinhas”.

Em suma, agradeço a família do Sr. Acemil, por ter me recebido, por terem compactuado com a realização desta pesquisa. Fornecendo-me material necessário para obtenção dos resultados. Por terem compartilhado as suas memórias íntimas de sua infância. Agradeço ao senhor Chico Tobias que também me deu a honra de realizar entrevista, por me contar suas lembranças de quanto era moço e sua visão sobre o ocorrido. Agradeço também a minha orientadora Profª Drª Gercinair Silvério Gandara, que me orientou durante a pesquisa me instruindo sobre leituras, análises e me corrigindo quando necessário.

A todos, minha gratidão!

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 19. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. 2 ed. São Paulo: Martins



Fortes, 1998.

GANDAR, Jô. **Memória individual, memória coletiva, memória social.** Revista Morpheus, 2008.

GONÇALVES, Francielle Sthefane Bruschi Cordeiro. **História, memória histórica e a contribuição da cultura midiática.** Unioeste.

GUIMARÃES, Joaquim Francisco Soares; REZENDE, Cacia Valeria de; BRITO, Ana Maria Plech de. **O conceito de memória na obra “matéria e memória” de Henri Bergson.** São Cristovão, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: UNICAMP, 1990.

MENDONÇA, Antônio Gôuva. Fenomenologia da experiência religiosa. Nunem: Revista de estudos da religião. Juiz de Fora, 2010.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



LABOR E MUITO AMOR: MOBILIZAÇÃO SUBJETIVA DO TRABALHO DOCENTE.

*Roseli Vieira Pires¹ (PQ), Kátia Barbosa Macêdo² (PQ), Anna Flávia Ferreira Borges(PQ)³

roselivieirapires@gmail.com

¹ Doutora em Psicologia pela PUC-GO; Professora da Universidade Estadual de Goiás, Campus Trindade - GO; Professora e Coordenadora do Curso de Administração das Faculdades Aphoniano, Trindade - GO.

² Doutora em Psicologia pela Unicamp; Professora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO.

³ Assistente Social de Furnas; Mestre em Psicologia; Professora da Faculdade Cidade de Aparecida.

Resumo: O presente artigo objetiva estudar a mobilização subjetiva do trabalhador docente. Para tanto, utilizou-se de entrevistas semiestruturadas individuais e coletivas com um grupo de oito professores de uma instituição superior privada. Os resultados indicam vivências de prazer, vivências de sofrimento e estratégias de enfrentamento que estes profissionais utilizam para continuar exercendo a profissão docente, como: conciliar a carga horária intensa com outras atividades, a rotina do trabalho, entre outras. O que leva a conclusão de que o trabalho docente não é apenas ter uma atividade, mas também viver e conviver; viver a experiência da pressão, viver em comum, estabelecer relações com outrem, enfrentar a resistência do real, construir o sentido do trabalho, da situação e do sofrimento.

Palavras-chave: Mobilização subjetiva. Docentes. Instituição de ensino. Trabalho.

Introdução

Ser docente no contexto atual brasileiro requer exercício de malabarismo e paciência; a profissão no Brasil passa pelas inúmeras transformações ocorridas no mundo do trabalho. Nesse sentido, a intensa pressão que o professor recebe, tanto da organização quanto da sociedade, e do próprio aluno, faz com que ele tenha diversos sentimentos em relação à profissão.

A esse respeito Lacaz (2016) explica que, em decorrência desse fenômeno de globalização, houve a adoção de novas tecnologias, de novas técnicas de produção

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





e, conseqüentemente, mais pressão de demandas da nova realidade de trabalho, o que acabou por gerar mal-estar, doenças, mau humor, frustrações e outros sintomas decorrente da competitividade no ambiente de trabalho. Nessa direção, Heloani e Lancman (2004) afirmam que a relação com o trabalho ou com o seu ambiente tende a se tornar a principal referência das pessoas, pois o sentimento de identidade social é fortemente ancorado na relação profissional. Relação profissional que passa a produzir subjetividades docentes que podem ser compreendidas pela teoria Psicodinâmica do Trabalho, por exemplo.

Por meio do desenvolvimento teórico e empírico, a teoria Psicodinâmica do Trabalho concebe o modelo de homem como um ser que pensa em sua relação com o trabalho, interpreta sua situação e, em razão dela, reage e se organiza. Assim, ele possui uma história singular que é construída sob a égide do sentido do trabalho (DEJOURS, 2004).

Para a Organização Mundial da Saúde - OMS - (2011), o conceito de saúde implica não apenas na ausência de doença, mas também no bem-estar físico, mental e social do ser humano.

Material e Métodos

O método preconizado na Psicodinâmica do Trabalho prevê uma série de etapas que servem de norteadores para o trabalho de campo (DEJOURS, 1999; 2009). Para a realização do estudo utilizou-se o método proposto pela Psicodinâmica do Trabalho. Para a coleta de dados utilizou-se de entrevista individual, três reuniões no espaço de discussão coletivo, contendo questões abertas, com o intuito de saber sobre o trabalho docente, rotinas e condições de trabalho vivenciadas pelos docentes. O universo da pesquisa contou com oito participantes de uma IES, sendo três do sexo feminino e cinco do sexo masculino, com idade que varia entre 30 e 40 anos.

Resultados e Discussão

As vivências de prazer no trabalho docente.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





Diante o exposto, entende-se que o prazer está diretamente ligado à satisfação na execução do trabalho, de tal modo, que quanto mais sobrecarga o trabalho fornecer ao indivíduo, menos prazer o mesmo sentirá ao executar determinada atividade. Dessa maneira, as vivências de prazer, no campo de atuação, estão relacionadas a diversos aspectos positivos oriundos da atividade exercida no cargo.

É possível verificar que o grupo de docentes pesquisados consegue encontrar prazer em diversas situações como no trabalho em sala de aula, na percepção de que o aluno realmente está aprendendo. Assim, em suas falas, eles revelam acreditar na importância do seu trabalho para o aluno e para a sociedade. Além disso, o ensino – aprendizagem identificado na fala deles evidencia que os mesmos sentem recompensados no exercício da sua profissão.

Também é possível inferir que a satisfação no trabalho é um estado emocional que resulta da avaliação que um profissional faz sobre até que ponto o seu trabalho representa a capacidade de facilitar ou permitir o atendimento de seus objetivos e valores, ou seja, proporcione prazer.

As vivências de sofrimento do trabalho docente

Dejours (1999) afirma que as relações de trabalho, dentro das empresas, frequentemente, despojam o trabalhador de sua subjetividade, excluindo o sujeito e fazendo do trabalhador uma vítima do seu trabalho.

Dessa maneira, é importante reconhecer que o sofrimento não se manifesta de única maneira para todos, ou seja, é um sentimento inerente de cada ser humano, motivado por certas situações vividas pelo indivíduo dentro do local de trabalho.

A esse respeito, Freitas (2013) faz uma reflexão sobre a saúde do trabalhador e chega à conclusão de que não há como analisar a saúde do trabalhador fora do seu ambiente de trabalho ou da conjuntura social no qual ele está inserido.

Segundo vivências relatadas, para os trabalhadores do grupo pesquisado, o trabalho também gera sofrimento. Os trechos evidenciaram esta vivência quando, na fala do docente, ele cita que não é um trabalho fácil, pois existe o planejamento das aulas com extenso conteúdo, correção de provas, preenchimento de diários, entre outros. Muitos docentes relataram que há um excesso de atividades



desempenhadas fora do trabalho, nos horários livres e, com isso, eles não sobeja tempo para descansarem. Assim, eles acabam por considerar estas atividades como braçais.

Nesse sentido, segundo Dejours (1995; 1997; 1998, 2016), é que o sofrimento tem sua origem na mecanização das tarefas, na adaptação da cultura ou ideologia organizacional, nas pressões do mercado, e também na criação das incompetências que desenvolvem, no trabalhador, um sentimento de incapacidade diante as situações. Desse modo, o sofrimento se processa de acordo com as ocasiões e situações que o indivíduo identifica como ameaça; a intensidade do sofrimento depende do ambiente vivenciado no trabalho.

Considerações Finais

O presente artigo tem como objetivo geral estudar a mobilização subjetiva do professor de uma instituição de ensino superior privada, levando em consideração a atuação dos mesmos em relação às suas vivências de prazer e sofrimento do seu trabalho. Trata-se de um estudo de caráter descritivo.

Ao descreverem o quê do trabalho lhe causam mais prazer, verificou-se que a maioria dos docentes se identificam com a profissão que exercem. Eles afirmam que ser docente não é uma escolha é um “chamado”, e que fazem a profissão por amor, porque acreditam na formação da futura geração e na continuação do seu trabalho. Ao mesmo tempo, sentem-se realizados profissionalmente, e atribuem essa realização ao aprendizado e interesse dos alunos e ao fato de estarem exercendo a profissão escolhida para trabalhar

No que se refere à identificação das causas de sofrimento desses profissionais, dentre eles estão a correção das provas, preencher diários, pois consideram essas atividades como serviço braçal. Outro evento que causa sofrimento é com relação ao aluno, de modo especial quando o professor não vê perspectiva de aprendizado do aluno, ou quando este está com alguma dificuldade, seja ela financeira, pessoal ou profissional. O fato de trabalhar com diversas personalidades, torna o trabalho do professor do ensino superior difícil, na concepção dos entrevistados.



Apesar de conseguir estabelecer estratégias individuais e coletivas de enfrentamento, o sofrimento, o adoecimento docente tem aumentado. Resultado da sobrecarga, das avaliações. É quase como se para continuar trabalhando, o professor devesse usar “atalhos” e mergulhasse na alienação, se destituindo do ideal de formação integral do aluno como cidadão e se “entregasse à educação bancária”, tão criticada por Paulo Freire, mas que, infelizmente, vem invadindo toda a lógica de planejamento e avaliação da educação no Brasil.

Referências

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. 1. Reimp. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

_____, **Da Psicopatologia à Psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz, 2004.

_____, **Entre o desespero e a esperança: Como reencantar o trabalho?** Revista Cult, 12(139), 49-53, 2009.

_____. **Situationsdutavail**. PressesUniversitaires de France, 2016.

_____. **Commentformuler une problématique de la santé en ergonomie et en médecine Du travail?** LeTravail Human 1995; 58:1-16.

_____, **O fator humano**. Tradução de Maria Irene S. Betiol e Maria José Tonelli. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

_____. **Plaisir et souffrance dans le travail**. Paris: Edition de l'AOCIP; 1998.

FREITAS, Lêda Gonçalves de (coord.). **Prazer e Sofrimento no Trabalho Docente: Pesquisas Brasileiras**. Curitiba: Juruá, 2013.

HELOANI, Roberto ; LANCMAN, Selma. **Psicodinâmica do Trabalho: o método clínico de intervenção e investigação**. Prod., São Paulo, v.14, n.3, p. 77-86, set./dez.2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. (2001). A saúde mental pelo prisma da saúde pública. **Relatório de Saúde Mental**, p. 29-49, Genebra: WHO. Disponível em: http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_ch1_po.pdf. Acesso em 20 out. 2017.

Mapeamento das Antigas Terras de Bonfim e Meia Ponte em Goiás.

Gabriella Rezende Silva¹(IC)* gabrielladerezende@gmail.com, Maria Idelma Vieira D'Abadia²(PQ).

¹ UEG - Campus Anápolis de Ciências Socio-Econômicas e Humanas. Avenida JK, 146, Bairro Jundiá – Anápolis –GO.

² UEG - Campus Anápolis de Ciências Socio-Econômicas e Humanas. Avenida JK, 146, Bairro Jundiá – Anápolis –GO.

Resumo:

Esse texto tem como objetivo apresentar os resultados do plano de trabalho intitulado “Mapeamento das antigas terras de Bom e Meia Ponte” vinculados ao Projeto de pesquisa “A Religiosidade Popular nas Antigas Terras de Bonfim e Meia Ponte: um estudo sobre a devoção a São Sebastião”, desenvolvido pela pesquisadora Maria Idelma Vieira D'Abadia. Os principais objetivos desse plano foram pesquisar mapas históricos dos antigos territórios de Meia Ponte e Bonfim, aplicar bases cartográficas atuais e software de Geoprocessamento para mapear e historicizar os antigos territórios do Arraial de Bonfim (Silvânia) e Arraial de Meia Ponte (Pirenópolis). Os procedimentos metodológicos realizados pautaram-se pesquisa documental e na elaboração de mapeamento digital em ambiente SIG. Os resultados da pesquisa foram alcançados na elaboração de dois produtos cartográficos que visualizaram o desmembramento dessas antigas terras resultando em 51 municípios atuais no Estado de Goiás. Vale ressaltar a importância da religiosidade que constitui esses municípios voltados a devoção à São Sebastião.

Palavras-chave: Geoprocessamento. Mapas antigos. Pirenópolis. Silvânia. São Sebastião.

Introdução

Os municípios de Silvânia (antigo Bonfim) e Pirenópolis (antiga Meia Ponte) possuem festas tradicionais destinadas a São Sebastião. Dessa forma, as comunidades rurais de Silvânia e Pirenópolis festejam calorosamente São Sebastião e a maioria possui representatividade por meio de imagens nas capelas e igrejas situadas nos locais. Com o desmembramento dos 51 municípios a partir de Antigo Bonfim e da Antiga Meia Ponte, foram alicerçadas as influências da devoção a São Sebastião, gerando folias e terços – cantados (D'ABADIA,2014).

REALIZAÇÃO



Dado esse discernimento sobre a ascendência territorial a devoção de São Sebastião, pode-se concluir a predominância aguda dessa específica manifestação religiosa em municípios inseridos geograficamente em diferentes microrregiões do estado de Goiás. Albagli (2004, p. 28) alega que esse processo de territorialização se trata das “relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas [...] e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico”. Nesse cenário, é evidente a espacialização íntegra de um determinado âmbito geográfico. A fragmentação de Bonfim resultou em 24 municípios: Silvânia, Vianópolis, Leopoldo de Bulhões, São Miguel do Passa Quatro, Gameleira de Goiás, Bonfinópolis, Bela Vista de Goiás, Piracanjuba, Cromínia, Caldazinha, Professor Jamil, Mairipotaba, Hidrolândia, Trindade, Goiânia, Senador Canedo, Guapó, Aparecida de Goiânia, Santo Antônio de Goiás, Aragoiânia, Varjão, Campestre de Goiás e Santa Bárbara de Goiás.

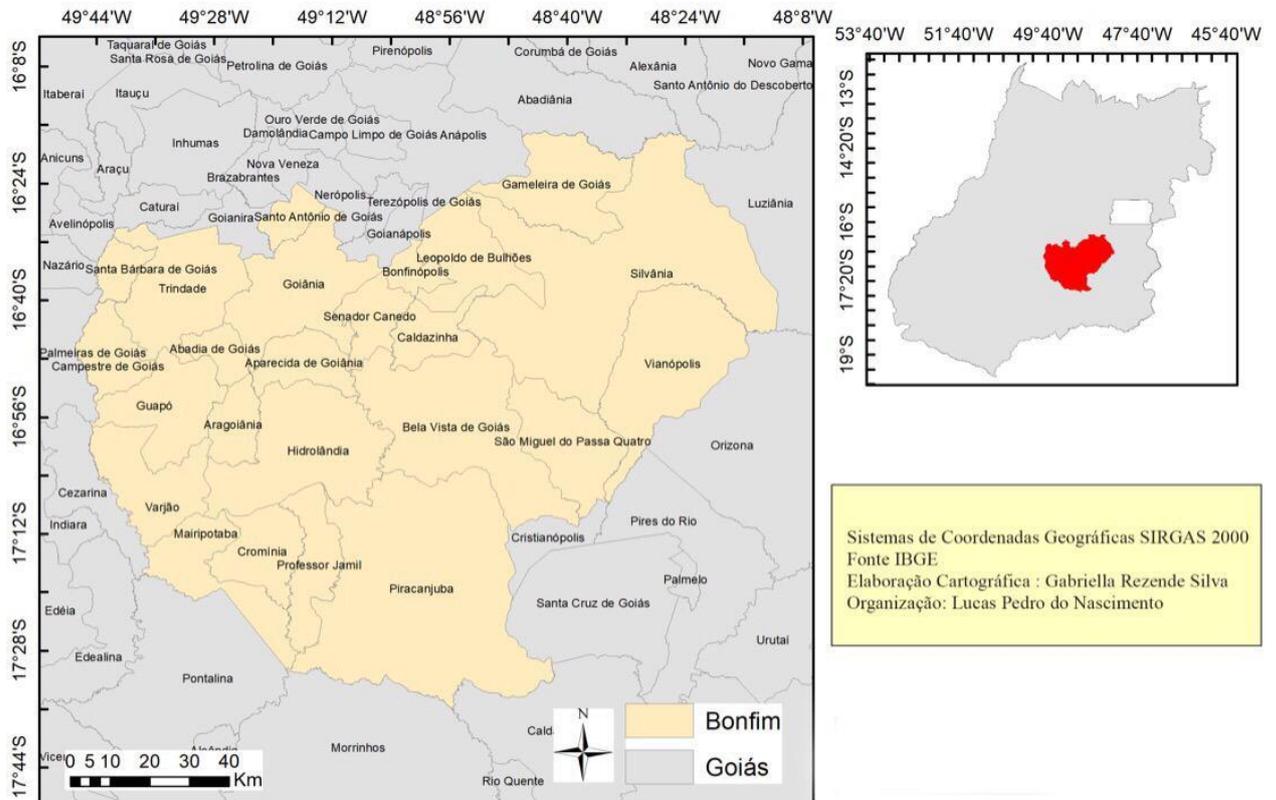
Meia Ponte teve a sua fragmentação expressa em 27 municípios: Pirenópolis, Anápolis, Vila Propício, Teresópolis de Goiás, Nova Veneza, Barro Alto, Jesúpolis, Alexânia, Cocalzinho, Santa Rosa de Goiás, Damolândia, Brazabantes, Goianópolis, Ouro Verde de Goiás, Nerópolis, Campo Limpo de Goiás, Jaraguá, Goianésia, Rialma, Petrolina de Goiás, Uruana, São Francisco de Goiás, Itaguaru, Santa Isabel de Goiás, Corumbá de Goiás, Abadiânia e Rianópolis.

Os objetivos que fundamentaram o desenvolvimento do trabalho foram enfeixar mapas históricos dos antigos territórios de Meia Ponte e Bonfim, aplicar bases cartográficas atuais e software de Geoprocessamento para mapear e historicizar os antigos territórios de Bonfim (Silvânia) e Arraial de Meia Ponte (Pirenópolis). Para o cumprimento desses objetivos realizamos os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa documental e elaboração de mapeamento digital em ambiente SIG.

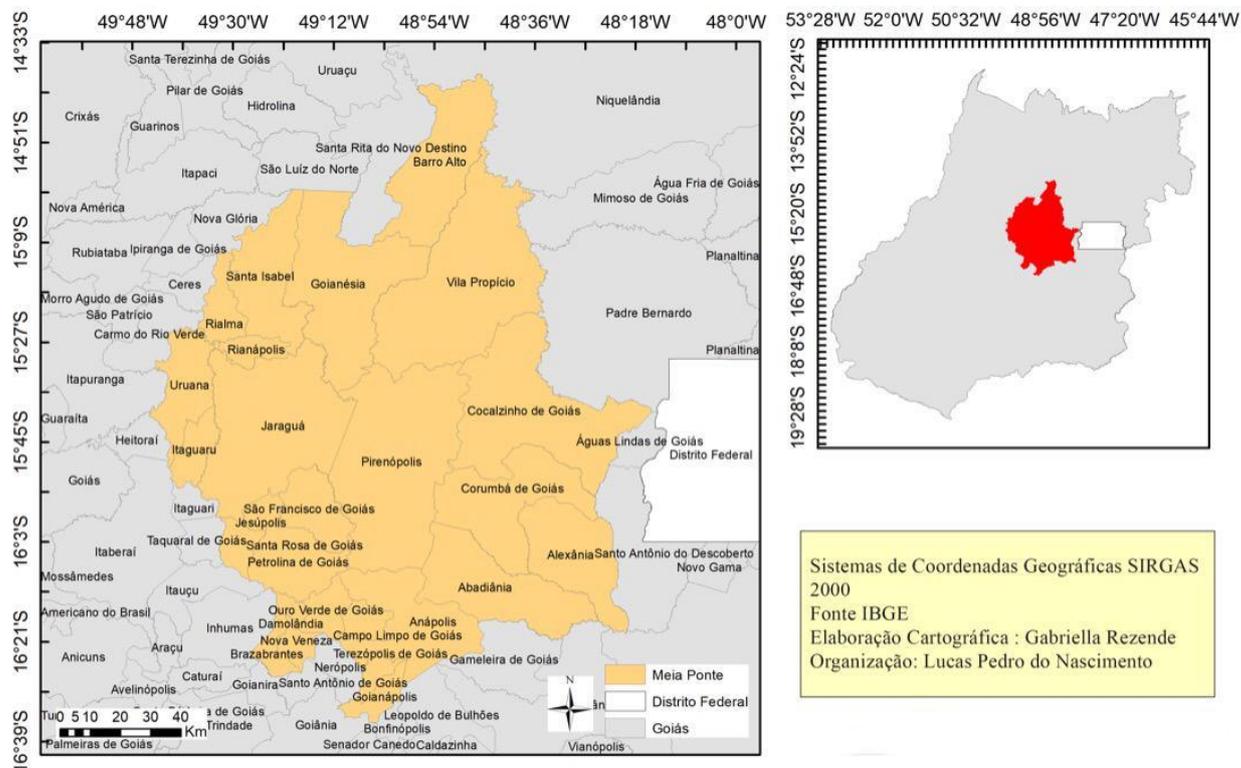
Resultados e Discussão

Os resultados da pesquisa foram alcançados na elaboração de dois produtos cartográficos que visualizaram o desmembramento dessas antigas terras resultando em 51 municípios atuais no Estado de Goiás.

Desagregação do Antigo Bonfim - 2018



Desagregação do Antigo Meia Ponte - 2018



Nesses produtos é perceptível o grande desmembramento das terras nas regiões da atual Silvânia e Pirenópolis, e como esse processo se deu por meio de pequenas aglomerações urbanas em áreas rurais “os patrimônios” de acordo com (BARBOSA, TEIXEIRA NETO e GOMES, 2004), o que se deu por influência religiosa e vinculado em alguns municípios a devoção à São Sebastião e a outros padroeiros.

Considerações Finais

O desenvolvimento do plano de trabalho voltado para o mapeamento das antigas terras de Bomfim e Meia Ponte, pode contribuir na espacialização e na sistematização cartográfica desses territórios que teve suas fragmentações a medida que o processo de ocupação de terras em Goiás se expande no início do século XX.

Agradecimentos

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis

Universidade
Estadual de Goiás



Agradeço a minha orientadora profa Maria Idelma Vieira D'Abadia pela experiência na Iniciação Científica e a Universidade Estadual de Goiás pela concessão da bolsa de iniciação científica na modalidade PBIC-UEG.

Referências

ALBAGLI, Sarita. Território e Territorialidade. In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (orgs). **Territórios em Movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília (DF): SEBRAE, 2004, p. 23-70. Disponível em: <<http://inspirebr.com.br/uploads/midiateca/d64c55dfd943251ede2b6330035a5994.pdf#page=24>>. Acesso em: 12 Fev. 2018.

BARBOSA, Altair Sales; TEIXEIRA NETO, Antônio e GOMES, Horieste. **Geografia: Goiás-Tocantins**. 2ª edição. Goiânia: Editora UFG, 2004.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e identidade religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Múquem, Abadiânia e Trindade – GO**. Paco Editorial, Jundiá – SP, 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2010**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 28 Fev. 2018.

Mapeamento dos Aspectos Turísticos do Município de Formosa (GO)

Jéssica Bispo da Paixão Montalvão¹ (IC)*, Giuliano Tostes Novais² (PQ)

jessicabmm134@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa
Rua Nagib Simão S/N Setor Nordeste
Formosa-GO

O presente trabalho faz parte do projeto de pesquisa de iniciação científica com foco na cartografia turística. O município de Formosa-GO possui muitos atrativos turísticos naturais, como cachoeiras, escarpas de serras, cavernas e sítios arqueológicos. Para coleta de informações foram empregadas cartas topográficas da região, mapas temáticos, fotografias e trabalhos de campo. Os principais, com maior beleza cênica do município são: Salto do Itiquira, Sítios Arqueológicos da Toca da Onça e do Bisnau, Ecobocaina, Buraco das Araras, Poço Azul e Cachoeiras do Indaiá. Os atrativos turísticos estão sendo plotados no mapa físico, turístico e rodoviário do município. Praticamente todos os atrativos turísticos de Formosa-GO estão em terras particulares com acesso restrito, somente o Salto do Itiquira possui acesso liberado ao público, pois está dentro de um parque municipal. A utilização do mapa, servirá para traçar roteiros turísticos dentro do município.

Palavras-chave: Cartografia Temática. Ecoturismo. Salto do Itiquira. Formosa.

Introdução

A Cartografia constitui-se em um campo de atividade humana que requer desenvolvimento de conhecimentos específicos, planejamento e aplicação sistemática de operações de campo e de laboratório, metodologia de trabalho, aplicação de técnicas e conhecimento de outras ciências, tudo com vistas à obtenção de um documento de caráter altamente técnico, o mapa, objetivando representar os aspectos naturais e artificiais da superfície terrestre (DUARTE, 1994). O turismo é um dos setores de serviços que mais vem crescendo no Brasil. Esse setor está relacionado aos deslocamentos do turista, transporte, alojamento, alimentação e outros, no geral há uma variação do turismo que vem beneficiando diretamente ou indiretamente o nacional, regional, ou local que oferta essas atividades (BRASIL, 2011). Pode-se mencionar o turismo religioso, turismo de

massa, turismo de incentivo, turismo cultural, turismo de eventos; turismo de estudos; agro turismo, turismo rural, turismo náutico, turismo de aventura e turismo ecológico. Dado que essa diversidade do turismo vem aumentando de forma significativa a geração de emprego visando uma melhoria na renda.

A paisagem de um lugar pode ser um recurso turístico valioso, pois pode determinar o maior ou menor grau de atratividade do local. As pesquisas de mercado, financiadas pelas agências de viagens, constataram que a grande maioria dos turistas não escolhe o lugar de suas férias em função dos autóctones. A paisagem e o clima agradáveis aparecem como critérios essenciais (KRIPPENDORF, 1989). No Brasil, esses motivos aparecem em terceiro lugar, mas a tendência é de crescimento devido às dimensões continentais e aos diferentes tipos de paisagens, como serras, cachoeiras, florestas, praias (RUSCHUMANN, 1997).

O município de Formosa (GO) situa-se na Mesorregião do Leste Goiano e na Microrregião do Entorno de Brasília, tendo uma área de 5.827,7 Km². A sede municipal está a uma altitude de 917 metros e sua posição geográfica é determinada pelo paralelo de 15° 32' 14" de latitude sul em sua interseção com o meridiano de 47° 20' 04" de longitude oeste. Conforme estimativa do IBGE (2016), Formosa é o nono município mais populoso do estado de Goiás, e o quarto principal do Entorno de Brasília, com uma população de 114.036 habitantes. Está a cerca de 80 km de Brasília e 280 km de Goiânia. Dentre as atrações turísticas principais estão o Salto do Itiquira (com mais de 168 metros de altura), os sítios arqueológicos do Bisnau e da Toca da Onça, e o Poço Azul, conhecidos em toda região.

O objetivo geral do mapeamento é mapear, catalogar e analisar o potencial e a infraestrutura de todos os atrativos turísticos do município, como as cachoeiras, grutas, sítios arqueológicos, fazendas centenárias, entre outros.

Material e Métodos

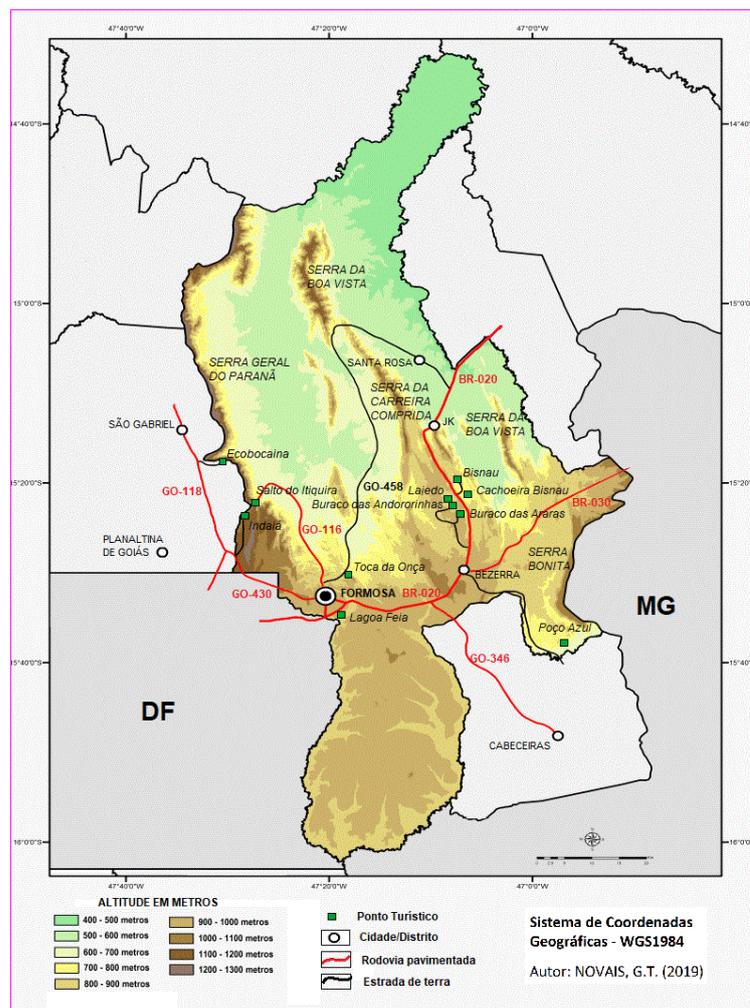
O projeto foi dividido em três etapas: (1) coleta de informações em laboratório; (2) trabalhos de campo para reconhecimento e coleta de imagens; e (3) trabalho de tabulação, compilação, e elaboração do mapa final. Para a coleta de informações

iniciais foram utilizadas cartas topográficas da região, mapas temáticos, imagens de satélite e imagens de radar (SRTM). Os trabalhos de campo serviram para captura de imagens dos pontos turísticos e locação dos mesmos com a ajuda do aparelho de navegação GPS. Para a confecção dos mapas foi utilizado o programa QGis. Esse modelo de mapa segue o exemplo de Novais (2013), que elaborou o Guia do Município de Prata-MG, abrangendo os mesmos aspectos.

Resultados e Discussão

Onze pontos turísticos foram visitados dentro do município de Formosa com a colaboração do carro oficial do campus Formosa. Foram tiradas fotografias e analisadas a infraestrutura dos mesmos. Já estão sendo plotados no mapa a rede viária de acesso aos pontos turísticos com a base física (**Imagem 1**).

Imagem 1: Mapa Turístico do Município de Formosa (GO). Fonte: Vieira (2009).



REALIZAÇÃO

Os pontos turísticos de maior beleza cênica serão apresentados a seguir.

1. Salto do Itiquira

Imagem 2: Salto do Itiquira. Autor: NOVAIS, 2018.



Localizado dentro de um Parque Municipal a 35 km da cidade, com acesso pela GO-116, toda asfaltada até o local. No Parque existe uma trilha calçada que vai até o poço, contendo pontos específicos de descanso, sanitários, bebedouros e locais de recreação. Além disso, apresenta uma trilha rústica, ausente de infraestrutura, que leva a parte mais alta da cachoeira. Sua vegetação característica é marcada pelo Bioma Cerrado, que tem uma região total de Cerrado original.

O Salto do Itiquira possui 168 metros de altura, com poço formado pela queda d'água a partir da cachoeira.

Cabe destacar que, para realizar algum tipo de visita ao salto é fundamental efetivar o pagamento de uma taxa. Esses visitantes podem ter acesso a um estacionamento

amplo, locais para churrasco e piqueniques, tudo isso atrás do restaurante (VIEIRA, 2019).

No trajeto para o Salto do Itiquira, existe a estância do Itiquira, clube privativo para sócios e seus dependentes. O acesso a este clube pode ser feito de duas formas. A primeira é o clube aberto ao público todos os dias em que tem sauna, piscina e restaurante e ambiente com área de camping. A segunda são os chalés frequentados apenas por sócios e consorciados.

2. Toca da Onça

Imagens 3 e 4: Entrada da Toca da Onça e detalhe das pinturas rupestres. Autor: MONTALVÃO, 2018.



O Sítio Arqueológico da Toca da Onça fica localizado a 8 km da cidade, com acesso pela GO-458, estrada de terra que tem seu início pela GO-116. Da porteira da fazenda até o atrativo são mais 2 km de terra. A Toca da Onça apresenta pinturas rupestres deixadas por povos indígenas há mais de 10 mil anos. As expressões evidenciam animais, retratos rústicos que representam o ser humano, símbolos, dentre outras representações nos tons vermelhos e alaranjados com traços pretos (VIEIRA, 2019).

3. Bisnau

Imagem 5: Detalhe dos petroglifos do Sítio Arqueológico do Bisnau. Autor: NOVAIS, 2018.



Outro sítio arqueológico do município de grande relevância é o Bisnau. O acesso se dá pela rodovia BR-020 por 45 km, depois mais 5 km de terra. São petroglifos, ou seja, inscrições talhadas na rocha calcária. Por esse fator a conservação desse ambiente é difícil já que as expressões artísticas acabam ficando sujeitas às intempéries e interação humana (VIEIRA, 2019).

4. Ecobocaina

Imagem 6: Escarpa da Serra Geral do Paranã, dentro da propriedade Ecobocaina. Autor: MONTALVÃO, 2018.



A fazenda Bocaina fica localizada no topo da Serra Geral do Paranã, próximo ao distrito de São Gabriel (Planaltina de Goiás), há 47 km da cidade. É importante frisar que o atrativo pertence ao município de Formosa-GO. A área da propriedade é de 597,5 hectares (VIEIRA, 2019).

Este atrativo é composto por diferentes trilhas, mirantes e cachoeiras, cobertos pela vegetação natural do cerrado, num local onde a serra recua por ocasião da erosão remontante do córrego Palmeira.

5. Buraco das Araras

Imagem 7: Buraco das Araras. Autor: MONTALVÃO, 2018.



O conhecido Buraco das Araras, é o resultado do desabamento de uma caverna, provocado pelo dissolvimento do calcário presente no ambiente, tendo o nome de Dolina. Possui 972 metros de diâmetro e 95 metros de profundidade.

Ponto turístico localizado a 43 km da cidade, com acesso pela BR-020, trecho de asfalto de 35 km mais 8 km de terra até o local. O Buraco das Araras é muito procurado por para a prática de esportes radicais e de ecoturismo (VIEIRA, 2019).

Esse atrativo está fechado desde novembro de 2018, assim como outros pontos turísticos de Formosa que mesmo apresentando um rico potencial optaram por desativar suas atividades no momento.

6. Poço Azul

Imagem 8: Poço Azul. Autor: NOVAIS, 2018.



O Poço Azul é conhecido regionalmente como um dos mais belos exemplos de afloramento de água em região cárstica. Esse ponto turístico localiza-se a 64 km da cidade, com acesso pela BR-020, 29 km de asfalto até o distrito de Bezerra, mais 30 km de estrada de terra até a porteira da fazenda. A partir desse ponto são mais 5 km de terra até o local. Este poço faz parte de uma propriedade privada, sendo assim, o mesmo está fechado em decorrência de grande quantidade desordenada de visitantes, que provocavam impactos negativos na borda do poço.

O poço é composto por aproximadamente 15 a 10 metros de largura, e 8 metros de profundidade, de águas cristalinas com tom azul claro.

O atrativo está fechado desde 2017, sendo regido pela Lei 9605/98, desse modo, o proprietário optou por colocar uma porteira contendo cadeado, o que impede a passagem pela estrada.

7. Cachoeiras do Indaiá

Imagem 9: Ribeirão Itiquira na trilha do Indaiá. Autor: MONTALVÃO, 2018.



Ponto turístico localizado a 29 km da cidade, com acesso pela GO-430 e trecho de asfalto de 21 km mais 8 km de terra até o local.

As Cachoeiras do Indaiá, que pertencem ao ribeirão Itiquira, são nomeadas assim devido a presença de palmeiras chamadas Indaiá. É uma reserva natural e famosa pela abundância de água existente no subsolo da fazenda (VIEIRA, 2019).

Considerações Finais

Os dez pontos turísticos visitados e descritos aqui nesse trabalho serão plotados no mapa final da pesquisa.

O ano de 2019, caracterizado pela contenção de gastos do Governo Estadual, foi de grande perda em relação a pesquisa, pois várias outras atrações de relevância turística para o município deixaram de ser visitadas e catalogadas por falta de veículo e combustível; atrações como a gruta Escaroba, cachoeiras do Lajedo e da Água Fria e também todos os casarões centenários da zona rural.

Mesmo com todos os contratemplos, o trabalho foi considerado um sucesso, pois com a utilização do mapa físico, turístico e rodoviário do município, poderão ser traçados roteiros turísticos que englobam várias atrações de uma região, e o mapa se tornará um marco para o turismo de Formosa-GO.

REALIZAÇÃO



Agradecimentos

Agradeço a Universidade Estadual de Goiás, Campus Formosa pelo patrocínio e apoio; ao professor Dr. Giuliano Tostes Novais pela oportunidade de aprender na teoria e na prática, proporcionando assim o meu crescimento acadêmico e profissional.

Referências

BRASIL. **Turismo no Brasil**. Brasília: Ministério do Turismo, 2011.

DUARTE, P.A. **Fundamentos de cartografia**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1994.

NOVAIS, G.T. **Guia do Município 2014 – Prata (MG)**. ISBN 978-85-916149-0-5. Uberlândia, 2013.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer das via**

RUSCHUMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas: Papyrus, 1997.

VIEIRA, D.A. **Análise do potencial e da infraestrutura dos atrativos turísticos do município de Formosa-GO**. Trabalho de Conclusão do curso de Geografia apresentada a Universidade Estadual de Goiás. 2019.

REALIZAÇÃO



Mapeamento do uso e cobertura do solo na bacia do Alto Rio Preto

Emily Teles de Oliveira¹ (IC)*, Elton Souza Oliveira² (ME)

emily.telesol7@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa

O estudo do uso e cobertura do solo por meio do mapeamento de classes categorizando os possíveis usos do solo e suas influências quanto aos recursos hídricos da bacia do Alto Rio Preto. A bacia hidrográfica é considerada um elemento básico de gerenciamento territorial, e é de suma importância saber as características físicas de sua paisagem. Essas características podem ser indicadores específicos para uma determinada área, de maneira a classificarem as alterações ambientais. O mapeamento utilizando ferramentas SIG se torna um recurso crucial para entender essas modificações naturais ou antrópicas, que interferem negativamente na conservação e no equilíbrio do meio. O sensoriamento remoto proporciona dados importantes da superfície terrestre e que facilitam o estudo do uso e cobertura do solo.

Palavras-chave: Recursos hídricos. Geoprocessamento. Gestão territorial.

Introdução

As noções do uso e cobertura do solo têm interação entre elas, entretanto, apresentam distinção, segundo Ribeiro (2017, p. 110) a concepção de uso do solo refere-se às práticas antrópicas, já a cobertura do solo tem associação entre áreas nativas ou artificiais. Diante do crescimento das atividades antrópicas e os efeitos resultantes dessas ações, é imprescindível analisar as modificações causadas nas áreas terrestres, principalmente nos recursos naturais desse espaço.

O mapeamento utilizando ferramentas SIG é uma ferramenta crucial para entender essas modificações naturais ou antrópicas, que interferem negativamente na conservação e no equilíbrio do meio. O sensoriamento remoto proporciona dados importantes da superfície terrestre e que facilitam o estudo do uso e cobertura do solo.

Freitas et al. (2012) enfatiza que as aplicações do sensoriamento remoto associados aos estudos do Sistema de Informação Geográfica- SIG viabiliza as análises de uso e cobertura da terra, em alguns casos não precisando ir ao campo, devido a análise do objeto não haver o contato direto e posteriormente proporcionar

informações que colaboram para o planejamento ambiental.

Batista (2017) o cerrado é o bioma predominante da bacia, constituído por cerrado stricto sensu, campo cerrado e mata galeria. Com a presença de uso e cobertura de áreas urbanas, cerrado e área militar, a agropecuária também é uma das praticas predominantes de uso do solo dentro da bacia, ela é responsável por utilizar grande parte dos recursos hídricos na bacia por meio de sistemas de irrigação de grande porte (BATISTA, 2017). A bacia do Alto Rio Preto tem uma área de mais ou menos 3655,06 Km², ela também é um dos importantes tributários da bacia hidrográfica do São Francisco, situada no sul do município de Formosa- GO, e também abrange uma pequena porção do leste do Distrito Federal, e uma parte do oeste de Minas Gerais.

A perspectiva do mapeamento realizado neste trabalho tem a finalidade de mapear o uso e cobertura do solo na bacia e entender como a ocupação dessa área, impacta os recursos hídricos da mesma.

Material e Métodos

Com a finalidade de mapear o uso e cobertura do solo na bacia do Alto Rio Preto, foi efetuada uma coleta de dados para a composição de uma base cartográfica e assim, a caracterização das classes. Para a caracterização dessas classes foram adquiridas gratuitamente do site Earth Explorer (USGS) imagens do sensor Sentinel-2 para o ano de 2019. Duas cenas foram baixadas no site Earth Explorer referentes à data 04/07/2018, o período de escolha da data, foi devido a sazonalidade climática, em que influenciariam a visualização da imagem e dificultaria a interpretação dos elementos a serem mapeados.

A delimitação da bacia hidrográfica sucede-se através do Modelo Digital de Elevação (MDE). Essa delimitação é sugerida por Schmitt e Moreira (2015) e conforme Araújo et al. (2009) delimitar a área da bacia hidrográfica é uma das primeiras metodologias para se iniciar os estudos relacionados aos recursos hídricos e uso e cobertura do solo.

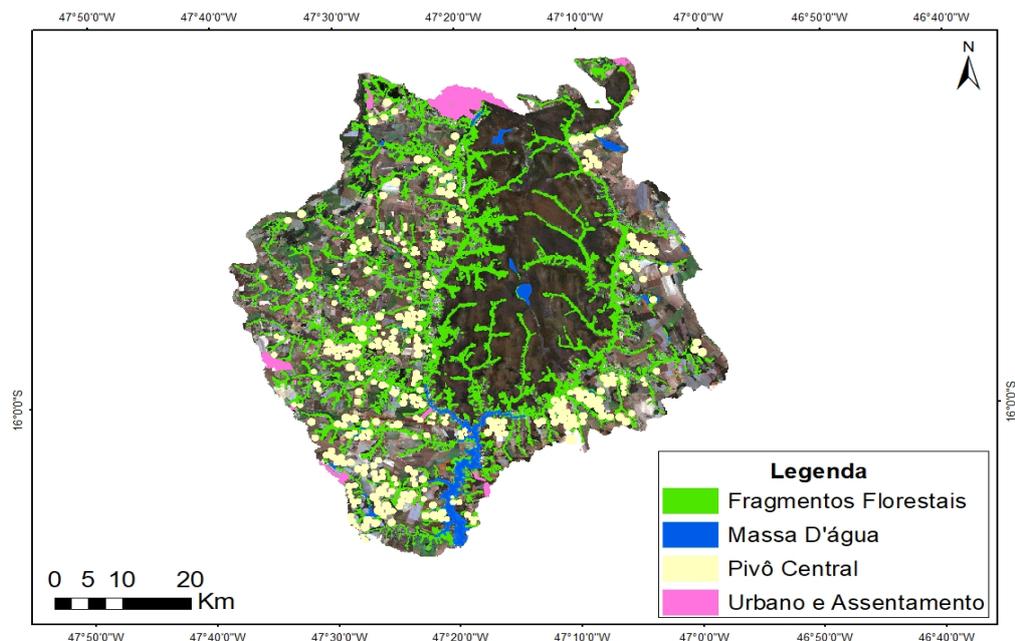
Após a aquisição das imagens e delimitação da área de estudo, foi desenvolvido o processo de mapeamento das classes temáticas. O procedimento do

mapeamento proposto por Vasconcellos et al. (2013) consiste na vetorização visual/manual, essa metodologia possibilita que o operador possa ter uma interpretação categórica, diferente dos procedimentos automáticos que são passíveis de erros na classificação dos elementos. Todas as etapas do processo de mapeamento foi efetuado no software gratuito Quantum-GIS.

Resultados e Discussão

Foram definidas quatro classes como referências, os fragmentos florestais, pivô central, massa d'água, urbanização, assentamento e outros usos (Figura 1).

Figura 1 - Mapa de uso e cobertura do solo



Fonte: Oliveira, E. T. de (2019)

A análise do uso e cobertura do solo constatou que grande parte da sua área é coberta por atividades agropecuárias, podendo impactar diretamente os recursos hídricos, ou seja, havendo uma perda extensa do bioma cerrado, o qual possui sua maior parte preservada na área central da bacia, sofrendo pouca pressão das atividades antrópicas, devido ser uma área militar (CIF - Campo de instrução de Formosa).

Conforme o Comitê de Bacia Hidrográfica, a agricultura existente na área de

estudo é caracterizada pela produção de grãos, hortigranjeiros, pecuária e agroindústrias, com uso intensivo dos recursos hídricos em sistemas de irrigação de grande porte, caracterizado por 6,56% do uso na área total da bacia, conseqüentemente provocando intensa sobre-exploração, degradação ambiental e conflitos socioambientais pelo uso d'água, afetando as populações mais a jusante.

As áreas de cultivo agrícola exercem ação sobre os recursos hídricos, devido á possível ampliação da erosão hídrica em consequência do uso intenso do solo. O pivô central consome uma demanda muito alta de água, causando um enorme impacto com a retirada de água dos mananciais, acima da capacidade de suporte desses mesmos, em que muitas vezes não tem tempo para o reabastecimento deles próprios. A tabela abaixo mostra a análise estatística do uso e cobertura do solo na Bacia.

Análise estatística do uso e cobertura do solo - Bacia Alto do Rio Preto

Classes	Área (km²)	Percentual
Fragmentos Florestais	373,461	10,22%
Urbano e Assentamento	50,0906	1,37%
Massa D'água	45,3066	1,24%
Pivô Central	239,656	6,56%
Outros Usos	2946,54	80,61%

Fonte: Oliveira, E. T. de (2019)

Essas informações destacam a importância de verificar a quantidade de pivô central existente na área da bacia e com isso, sua relação direta com os recursos hídricos da mesma. Apesar da porcentagem dos fragmentos florestais serem mais alta (10,22%), o impacto gerado pela forte demanda de irrigação exigida por cada sistema de pivô central é bastante considerável.

Considerações Finais

Essa pesquisa contribuiu para a verificação dos impactos ocorrentes sobre a Bacia do Alto Rio Preto, afetada principalmente pela a expansão da agricultura e o seu uso intensivo dos recursos hídricos, através dos pivôs centrais. Um dos principais problemas existentes na área de estudo analisada é a questão hídrica,



devido à falta de investimentos em programas de uso conservativo da água e a perspectiva de usos múltiplos da água.

É necessário a realização de uma pesquisa discriminando com detalhe os elementos que compõem e alteram a bacia hidrográfica, entendendo que tudo está interligados. Deste modo, é fundamental a compreensão e análise desses recursos hídricos para que se tenha um monitoramento quanto aos impactos sofridos pelo uso e cobertura do solo.

Agradecimentos

Ao Professor Me. Elton Souza Oliveira pela oportunidade, aos amigos, Vinicius Alberto N. de Almeida, Wilkison Q. de Brito e a minha família pelo apoio ao longo de toda pesquisa.

Referências

ARAÚJO, Elienê Pontes de; TELES, Mércia Gabriely Linhares; LAGO, WillinielsenJackieline Santos. Delimitação das bacias hidrográficas da Ilha do Maranhão a partir de dados SRTM. **Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, São Luis, v. 2, n. 2, p.4631-4638, abr. 2009.

SCHMITT, A.; MOREIRA, R, C. **Manejo e gestão de bacia hidrográfica utilizando o software gratuito Quantum-GIS**. Revista Cultivando o Saber, Edição Especial, p. 125 – 137. 2015.

SOLARI, Raphael Alberto Fuhr. **Aplicação de métodos de classificação supervisionada em imagens do Sentinel-2, como suporte ao cadastro ambiental rural**. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA, Faculdade Unb Planaltina - Fup, Brasília, 2017.

VASCONCELLOS, N. B. et al. **Análise multitemporal de uso e cobertura do solo, no município de Unistalda, RS**. Revista do Centro do Ciências Naturais e Exatas - UFSM, Santa Maria, v. 17 n. 17, p. 3438 – 3444, dez. 2013.



MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E AMBIENTE: *a revolução de 1930 e a instalação da Modernidade no Estado de Goiás*

Gilmara Rodrigues Rocha (IC). gilmara160319@gmail.com

¹Universidade Estadual de Goiás – Campus Morrinhos. R. Quatorze, 327 - Jd. América, Morrinhos - GO, 75650-000.

Resumo: Este plano de trabalho constitui-se como parte do projeto de pesquisa Memória, Patrimônio e Ambiente: Representações da Modernidade e seus efeitos em Goiás, e busca entender a forma como se construiu a narrativa da Revolução de 1930, encabeçada em Goiás pelo médico Pedro Ludovico Teixeira, como vetor da Modernidade no Estado. A importância da pesquisa decorre do fato de que, tanto a produção da memória histórica quanto a ideia de patrimônio histórico-cultural se entrelaçam na narrativa discursiva da modernidade, sendo o grande marco a construção de Goiânia, nova capital e símbolo do novo: nova elite dominante, novas relações de poder, nova estrutura demográfico-econômica, novo coronelismo urbano.

Palavras-chave: Modernidade, Revolução de 1930, Memória.

Introdução

Este relatório final de pesquisa constitui-se em uma parte do projeto de pesquisa mais amplo intitulado *Memória, Patrimônio e Ambiente: Representações da Modernidade e seus efeitos em Goiás*. O título do subprojeto é *A revolução de 1930 e a instalação da Modernidade no Estado de Goiás*. O trabalho foi desenvolvido enquanto bolsista PIBIC-UEG na modalidade iniciação científica (IC), sob a orientação do professor Dr. Júlio Cesar Meira tendo como objetivo central relacionar o discurso de modernidade que toma maior força com a Revolução de 1930 e a construção da nova capital, Goiânia, como símbolo do novo, do moderno e do progresso que se aspirava.

Em 1933 foi declarada uma reconstitucionalização do país e promovida eleições para a Assembléia Nacional Constituinte. Em todos os estados foram escolhidos interventores que participaram da criação de novos partidos que seguissem os objetivos ideológicos da Revolução 1930 e em Goiás foi escolhido o médico Pedro Ludovico Teixeira que em 1937 concretizou seu projeto de construir a nova capital de Goiás. A capital Goiânia é um dos símbolos da Revolução de 1930 e da ideia de modernidade. A importância dessa pesquisa decorre do fato de que, tanto a produção da memória histórica quanto a ideia de patrimônio histórico-cultural se entrelaçam na narrativa discursiva da modernidade, sendo o grande

REALIZAÇÃO

marco a construção de Goiânia.

Material e Métodos

O empreendimento metodológico neste plano de trabalho será o mesmo adotado no projeto de pesquisa mais amplo, do professor-proponente, pois, vale ressaltar, este plano de trabalho respeita os limites teóricos e metodológicos daquele projeto. O tema da modernidade e sua relação com o progresso e modernização será o norte do levantamento bibliográfico, respeitando os limites propostos nos objetivos e metas, quais sejam, a relação entre a Revolução de 1930 com o discurso da mudança e a construção de Goiânia como símbolo da modernidade que chegava. Nesse sentido, destacam-se, por sua relevância e influência formativa, as obras de quatro autores, já apontados na introdução do projeto: Itami Campos (1987), Nasr Chaul (2002), Luis Palacín e Maria Augusta Moraes (1994) e Barsanulfo Borges (1990). Além disso, será analisada a produção acadêmica do período, como teses e dissertações, que tratam da mudança de poder proporcionada pela ação do interventor Pedro Ludovico Teixeira decorrente da Revolução de 1930. À historiografia local será contraposta a análise da bibliografia mais abrangente e considerada tradicional, de origem nacional e internacional, que discute o conceito de modernidade e seus efeitos na construção da visão de mundo ocidental, a partir de diversas perspectivas: filosóficas, históricotemporal e linguísticas, como as de Reinhart Koselleck (2006), Maria Stella Martins Bresciani (2002), Jacques Le Goff (2013), Paul Ricoeur (2007), Raymond Williams (1989) entre outros.

Resultados e Discussão

É somente com as descobertas das primeiras jazidas de ouro no estado de Goiás que existe uma integração ao processo de colonização no século XVIII. Muitos viajantes europeus que aportaram no estado de Goiás como os naturalistas Johann Emmanuel Pohl, August de Saint-Hilaire e George Gardner cristalizam a imagem de atraso, decadência e de solidão do estado que irá permanecer até os primeiros anos do século XX. Esse atraso será alimentado pela forma de governo que se assentará no estado; a oligarquia.

Oligarquia é um termo que vem do grego e significa *governo de poucos*. No Brasil, o período conhecido como República Velha é marcadamente dominado por oligarquias regionais. No livro *O poder e as classes sociais no desenvolvimento da América Latina*, J. Graciarema delimita as características da sociedade oligárquica em toda a América Latina,

tais como: predominância do rural; a classe dominante teria como base a propriedade de terras; exportação de produtos primários; personalismo; fundamentação na tradição, etc. Todas essas características serão encaradas como sinônimo do atraso pelos revolucionários de 1930.

Com o advento da Revolução de 1930 em que houve a deposição do presidente Washington Luís e a ascensão ao poder do político sul-rio-grandense Getúlio Vargas marca-se o fim da chamada República Velha ou República dos Oligárquicos (1889-1930) e se tem início a chamada República Nova. Com um discurso da implementação do novo e do moderno a Revolução de 30 se assenta.

Essa modernidade a que se desejava estava ligada ao rompimento com as experiências passadas, experiências estas associadas ao governo oligárquico, a uma economia atrasada, a uma vida rural, a uma arquitetura e a uma vida cultural retrógrados. A Revolução de 1930 tendo como figura de proa Getúlio Vargas estarão imbuídos de uma ideologia vinculadas ao cientificismo, ao moderno, ao progresso, a formação acadêmica, etc.

Conceitos como Progresso, Modernidade e Modernização estão intrincados no discurso de mudança da capital da Cidade de Goiás para Goiânia tendo como principal articulador dessa mudança o interventor e depois governador do estado de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira. A construção dessa capital nova significava integrar o estado de Goiás ao mercado nacional econômico assim como a construção de uma antípoda Cidade de Goiás-Goiânia, o atrasado e o velho sendo contraposto pelo moderno e pelo progresso.

No estado de Goiás, a região Sudoeste deu grande apoio a Revolução de 1930 e a construção da capital de Goiânia. A região Sudoeste do estado possuía uma elite com ideias mais progressistas, seja porque possuía melhores condições naturais, seja porque tinha um intenso comércio com as regiões com maior dinamismo econômico; o sul e o sudoeste do país. Maria Cristiana Teixeira Machado em seu livro *Pedro Ludovico: um tempo, um carisma, uma história*, a autora observa que :

[...] se por um lado o capitalismo avançava, implantando condições para isso, o desenvolvimento de uma elite progressista/modernizadora, identificada com a economia de mercado, direciona as forças produtivas regionais para que o processo se consolide. Assim, a economia de mercado não somente alcança a região, como a própria região vai ao seu encontro. Daí porque o sul do Estado que se desenvolveu a prática da luta oposicionista, uma vez que, aí, a necessidade de se derrubar os entraves oficiais ao avanço do capital se fez de modo mais contundente. Os ideais progressistas/modernizadores não coexistiram com a ordem

oligárquica/familiocrática de então. De um lado estavam as forças que representavam a modernização, o progresso, a economia de mercado, a eficiência das atividades produtivas. Do outro, estavam as forças que representavam a tradição, a perpetuação dos privilégios, a economia do excedente, a baixa rentabilidade das atividades produtivas (MACHADO, 1990, p.80).

O apoio dessa elite vai ser de fundamental importância para que a revolução se assentasse e posteriormente fosse possível a construção do que viria a ser o símbolo desses novos tempos; Goiânia.

Pedro Ludovico Teixeira foi nomeado interventor federal do estado de Goiás no dia 22 de novembro de 1930 em substituição a Junta Revolucionária. No ano de 1932, Ludovico forma a comissão de Sindicância para os estudos que levarão a construção da nova capital do estado. Os locais escolhidos para estudo foram: Bomfim (Silvânia); Pires do Rio; Batá (Orizona) e Campinas. O local escolhido para a construção da nova capital foi Campinas e em 1933 foi demarcada a área e as bases para a construção da cidade. Em 1935 a Assembléia Constituinte elege Pedro Ludovico como governador do estado de Goiás e em 1942 é então inaugurada a nova capital. A respeito do objetivo da escolha da capital para a região de Campinas, Estevam (2004) declara:

O que esteve por detrás da construção de Goiânia foi a viabilização de um projeto para proporcionar maiores possibilidades de produção e comercialização da riqueza do sul do Estado. Mais do que uma capital para o Estado, pensava-se numa capital para o Sudoeste – centro econômico dominante de Goiás (ESTEVAM, 2004, p. 33).

A escolha da capital possibilitaria a inserção no mercado nacional que era um desejo da elite progressista apoiadora dos revolucionários.

Na tese de mestrado de Eliézer Cardoso de Oliveira *Imagens e Mudança Cultural em Goiânia* é colocado que Goiânia desde sua formação foi pintada como uma cidade moderna. Os textos acadêmicos e mudancistas dessa época que colocam Goiânia como moderna se valeram dos seguintes fatores: a cidade ser planejada segundo critérios urbanísticos modernos; de estar vinculada à expansão capitalista para o interior do país; de sua construção possibilitar relações sociais novas (capital e trabalho) e de ter uma arquitetura moderna. Todos esses fatores realmente estão relacionados à cidade de Goiânia, mas ela, nos seus anos iniciais, não era só isso. Analisá-los somente, implica numa explicação por demais incoerente que

desconsidera a cidade como um ambiente, sobretudo, ambíguo. Ao lado de relações sociais novas, havia as relações tradicionais típicas das cidades interioranas goianas. Ao lado das casas e prédios em Art déco, havia as casas do estilo colonial e os ranchos da maioria dos habitantes da cidade.

Ao longo da trajetória do projeto de pesquisa, as atividades iniciais foram apresentadas no I International Interdisciplinary Seminar On Environment And Society & II Seminário Interdisciplinar Em Ambiente E Sociedade (SIAS) com uma apresentação oral no dia 14/11/ 2018.

Considerações Finais

A presente discussão teve como objetivo principal relacionar os objetivos políticos da Revolução de 1930 e a construção da ideia de modernidade em Goiás, em especial na construção da capital Goiânia.

A Aliança Liberal tendo como figura central Getúlio Vargas chega ao poder com o discurso de reformas jurídicas e políticas e com o objetivo de alçar o estado brasileiro ao um patamar de moderno, rompendo laços com as oligarquias, o símbolo máximo do atraso e do empecilho do progresso. A ideia de progresso se contrapondo a ideia de atraso e a ideia de moderno, no sentido já colocado por Kosseleck, como sendo de algo jamais experimentado antes.

A construção da capital Goiânia seria a concretização das ideias de progresso e de modernidade. Goiânia representava o fim das oligarquias que haviam posto o estado de Goiás na contramão do progresso e alimentado o atraso já expostas pelos viajantes no século XIX. Porém, houve muito mais uma modernização do que uma modernidade do estado. As estruturas físicas foram modificadas, houve uma maior urbanização, o sul do estado foi então incorporado ao mercado capitalista e novos grupos políticos foram alçados ao poder. Porém ao lado dessas modificações físicas e toda essa modernização estava presente lado a lado toda uma realidade diferente dessa, como relações sociais tradicionais, construções antigas ao lado de novas.

O projeto foi de fundamental importância para compreender o discurso da modernidade utilizado pelos revolucionários de 30 e entender que a imagem de atraso em que o estado de Goiás esteve relacionado durante todo o século 19 adveio, em sua maioria, dos expedicionários europeus que aportaram no estado. O projeto ajudou a entender os interesses



políticos na construção da nova capital e o discurso antitético de moderno / atrasado foi incorporado para criara a ideia do novo.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Júlio Cesar Meira e à Pró- Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (PrP/UEG) por me dar a oportunidade de ser bolsista de iniciação científica (PBIC-UEG).

Referências

- BACZKO, B. Imaginação Social. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa/POR: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BRESCIANI, M. S. M. **Cidade e História**. In: OLIVEIRA, L. L. (org.) Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.
- CAMPOS, I. **Coronelismo em Goiás**. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1987.
- CARPINTÉRO, M.V.T.; CERASOLI, J. F. **A cidade como história**. In: História: **Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, p. 61-101, jan./jun. 2009. Editora UFPR (2009). Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/15672>. Acesso em: 16 jul. 2016.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHAUL, N. F. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**, 2ª ed. Goiânia: Editora da UFG, 2002.
- DÉAK, C.; SCHIFFER, S. T. R. **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice. 1990.
- KOSELLECK, R. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LE GOFF, J. **História e Memória**, 7ª ed. revista. Campinas, SP: Editora da UNICAMP,



2013.

MACIEL, D. Goiás e a Questão da Modernidade: Entre a ideologia do progresso e o Estado autoritário. **História Revista**. 2 (2): 53-76. jul/dez., 1997. Disponível em: revistas.ufg.br/historia/article/view/10688/7103 >. Acesso em: 12 abr. 2013.

MACHADO, M. C. T. **Pedro Ludovico**: um tempo, em carisma, uma história. Goiânia: Cegraf/UFG, 1990.

MEIRA, J. C. **Ideias de Progresso e Modernização**: projetos de (re)urbanização do município de Morrinhos/GO (1950-1970). 2017. 242 f. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2017.

PALACIN, L.; MORAES, M. A. S. **História de Goiás (1722-1972)**. 6ª ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1994.

PANDOLFI, D. (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

RICOEUR, P. **A História, a Memória, o Esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007. RIEGL, A. **O culto moderno dos monumentos**: sua essência e sua gênese. Goiânia: Editora UCG, 2006.

SANTOS, F. R.; ALVES, J. da S.. Modernização do cerrado: urbanização e agroindústria no Município de Morrinhos/GO. In: SANTOS, F. R. (Org.). **Contextualizando o cerrado goiano**: entre questões socioeconômicas e socioespaciais e questões socioeducacionais e socioambientais. Curitiba/PR: CRV, 2017.

SOUZA, R. L. de. **O Paraíso precisa ser modernizado**: os viajantes do século XIX e a identidade nacional. Uberlândia: EDUFU, 2014.

Willians, R. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ESTEVAM, Luis Antônio. **O tempo da transformação**: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. Goiânia: UCG, 2004 p.33.

SILVA, Ana Lúcia da. **A Revolução de 30 em Goiás**. Tese (Doutoramento em História) – Departamento de História da FFLCH/ USP, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1982, p.184.

VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

**Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável**

**de 16 a 18/10/2019
Anápolis**



REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



**Universidade
Estadual de Goiás**

Narrativas da terra: experiências de lutas de mulheres camponesas em assentamentos rurais do Oeste Goiano, Goiás

Anna Lígia Alves Coelho¹ (IC)* annaligiac@gmail.com, Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves² (PQ) ricardo.goncalves@ueg.br

Resumo: A trajetória da luta pela terra, por reforma agrária e por territórios no Brasil conta com a participação ativa e corajosa das mulheres trabalhadoras do campo, sem-terra, militantes, acampadas e assentadas pelas políticas de reforma agrária. Mesmo em um meio com raízes patriarcais, as mulheres têm conquistado seu espaço. Sendo assim, o objetivo principal é conhecer as histórias de mulheres assentadas na região Oeste Goiano, em Goiás, estabelecendo diálogos e aprofundando em suas lembranças. A partir de visitas de campo em assentamentos foi possível ouvir narrativas de luta, sonhos, dramas e conquistas protagonizadas por essas mulheres camponesas. Por fim, percebe-se que as mulheres conquistaram o direito de ser mulher rompendo com as amarras que as dominaram durante muitos séculos, e merecem devido reconhecimento. Com esse processo de evolução do protagonismo feminino, desconstruiu-se o conceito socialmente imposto sobre o papel da mulher na sociedade, que por muito tempo, se resumia apenas ao papel referido à maternidade e afazeres domésticos. A atuação de luta destas mulheres representa uma ruptura com a visão patriarcal imposta durante muito tempo, passando de uma consciência ingênua para uma consciência crítica.

Palavras-chave: Mulheres camponesas. Mulheres assentadas. Reforma agrária.

Introdução

A reforma agrária, refletida na luta pela terra, é um processo político, social e econômico, porém, lento e comumente esquecido pelas autoridades legais. No Brasil, historicamente, há uma distribuição desigual de terras, desde seu período colonial, também quando criaram o sistema de capitanias e sesmarias, que funcionava como a distribuição de glebas, ou seja, propriedades para aqueles que estivessem dispostos a cultivar, com a condição da troca de um sexto da produção para a Coroa Portuguesa, como afirma Fernandes (2001):

REALIZAÇÃO



A partir daí, a Coroa Portuguesa passaria o controle dessas regiões (as capitanias) a uma classe de nobres – militares e burocratas – de sua total confiança. Esses ‘donatários’ se comprometiam a povoar, desenvolver, defender e administrar essas regiões. FERNANDES (2001, p. 25-26)

Desde então a estrutura fundiária brasileira vem se pautando na valorização da classe privilegiada e no surgimento de vários latifúndios, que contribuíram para a estruturação de um país desigual. Indo ao contrário desse sistema de concentração de terras, a reforma agrária é um dos meios de estabelecer uma estrutura fundiária igual para todos, ou ao menos verdadeiramente acessível. A atual (2019) conjuntura política sublinha as preocupantes iniciativas contra o trabalhador do campo, que vive da agricultura familiar e colabora diretamente com a soberania alimentar. É um projeto de poder que favorece o padrão latifundiário, afrouxando as leis que envolvem questões ambientais, agrárias e também o fortalecimento da liberação do uso de agrotóxicos que em outros países são proibidos.

Fernandes (2001) deixa isto claro quando aponta que a questão agrária é um conjunto de problemas:

(...) relacionados, essencialmente, à propriedade da terra, conseqüentemente a concentração da estrutura fundiária; aos processos de expropriação, expulsão e exclusão dos trabalhadores rurais: camponeses e assalariados; à luta pela terra, pela reforma agrária e pela resistência na terra; à violência extrema contra os trabalhadores, à produção, abastecimento e segurança alimentar; aos modelos de desenvolvimento na agropecuária e seus padrões tecnológicos, às políticas agrícolas e ao mercado, ao campo e à cidade, à qualidade da vida e a dignidade humana. FERNANDES (2001, p. 23-24)

Apesar de vivenciarmos no país um cenário de incertezas políticas e concretização de ameaças que atingem diretamente aqueles que são dependentes de políticas públicas, ainda percebemos que há resistência e luta, Fernandes (2001) ressalta que:

(...) aumentar o número de agricultores e sua participação na distribuição de terras e na economia agropecuária é fundamental para corrigir os problemas

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





agrários gerados pela lógica da produção capitalista. Nesse sentido, para o paradigma da questão agrária, o problema das desigualdades é gerado nas relações de subalternidade imposta pelo capital, que elimina parte importante dos agricultores. FERNANDES (2001, p.19-20)

Os movimentos sociais, assentamentos e acampamentos de reforma agrária são exemplo vivo disto. Portanto, novos desafios surgem para a classe trabalhadora que, sem privilégios e com poucas perspectivas, vende sua força de trabalho como mercadoria, em troca de um salário que, na maioria das vezes, não corresponde às necessidades básicas, ou aqueles que querem e lutam para trabalhar e viver no e do campo, produzindo, porém, não tem acesso a terra. A partir disto, os movimentos sociais surgem como um apoio àqueles que sonham e almejam sua terra. Fernandes (2001) sublinha que:

A luta pela reforma agrária contém a luta pela terra. A luta pela terra promove a luta pela reforma agrária. Essa distinção nos ajuda a compreender que ainda não foi implantado um projeto de reforma agrária no Brasil, como o governo federal defende, mas está acontecendo uma intensificação da luta pela terra, por meio do crescimento das ocupações massivas, realizadas por diversos movimentos sociais, principalmente o MST. FERNANDES (2001, p. 01)

A história da luta pela terra, por reforma agrária e por territórios no Brasil conta com a participação ativa e corajosa das mulheres trabalhadoras do campo, sem-terra, militantes, acampadas ou assentadas pelas políticas de reforma agrária. Neste sentido, o contato com áreas de acampamentos e assentamentos rurais localizados na região do Oeste Goiano, Goiás, revelou a relação das mulheres com as experiências de lutas, resistências, trabalho rural e defesa dos territórios da existência camponesa.

Quando abordamos o papel da mulher na luta pela reforma agrária, vem à luz as relações de subjuço e desigualdade. As diferenças sexuais sempre foram barreiras valorizadas ao longo do tempo, associando a figura feminina à ideia de uma fragilidade maior que a colocasse em uma situação de total dependência da figura

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





masculina, seja do pai, do irmão, ou do marido, dando origem aos caminhos de uma cultura patriarcalista e machista, limitando-as apenas às tarefas do lar.

Para Schwendler (2015), quando tratamos do papel da mulher, não nos referimos apenas ao demasiado feminismo que se encontra cada vez mais em ação, e sim à discussão de gênero dentro da luta social pela terra, já que o papel da mulher tem se tornado fundamental dentro do espaço de reforma agrária seja em assentamentos ou acampamentos. Elas têm ganhado voz, e debatido sua posição social e política.

Material e Métodos

A metodologia baseia-se primeiro na revisão bibliográfica pautada na leitura e fichamento de referências que tratam de história oral e de vida (Bosi, 1994; Portelli, 1997; 1996, 1997, 2004; Thompson, 1992; Spindola e Santos, 2003), pesquisa qualitativa, pesquisa de campo, entrevista (Whitaker, 2000, Brandão, 2006, 2007; Chizzotti, 2009; Matos e Pessôa, 2009) questão agrária, mulheres camponesas, luta pela terra e reforma agrária (Caume, 2006; Fernandes, 2001; Martins, 1981; Fabrini, 2001; Oliveira, 1991, 2007; Mendonça, 2010; García, 2004; Valenciano e Thomaz Junior, 2002; Delboni, 2008; Mesquita e Nascimento, 2015).

A partir da compreensão do assunto foram encaminhadas visitas a acampamentos e assentamentos da região do Oeste Goiano. Conforme Thomaz Júnior (2005) a pesquisa de campo se apresenta como uma alternativa concreta de executar/praticar a leitura do real, sendo assim um momento impar do exercício da práxis teórica. É no campo que as entrevistas semi-estruturadas, observações diretas, diário de campo e registros fotográficos serão executados. Neste sentido, foi possível estabelecer diálogos com acampadas e assentadas, conhecer suas histórias de vida, trajetórias trilhadas até chegarem ao assentamento e os sonhos de cada uma.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Resultados e Discussão

Encaminharam-se visitas de campo em acampamentos e assentamentos rurais localizados na Região do Oeste Goiano. Como primeiro contato, visitamos o Assentamento Padre Nilo, no município de Amorinópolis, em Goiás, acompanhando integrantes da CPT (Comissão Pastoral da Terra) da região. Neste primeiro encontro os assentados expuseram suas histórias e quais as principais dificuldades enfrentadas no decorrer da luta pela terra. Em outras visitas foi possível ouvir as histórias das assentadas, relataram a dificuldade que é ser uma acampada de reforma agrária, uma delas conta que:

Muitas pessoas têm preconceito com sem terra. Eu fiquei quatro anos acampada na beira da rodovia. Tinha medo. Passava caminhão na rodovia e dava tiro pra cima. Fora que é muito difícil viver ali naqueles barracos de lona. Mas não me arrependo. Se eu precisasse voltar e fazer tudo de novo, eu faria. Lembro que quem levantou o nosso barraco foi eu. Meu véio tinha que ir trabalhar na roça e quem ficava lá era eu. Enfrentei coisa demais ali. Tinha dia que faltava o que comer, mas lá no acampamento era todo mundo muito unido. Quando eu não tinha nada e pedia ajuda, sempre recebia, pelo menos um prato de mistura pra comer. A gente ficava lá porque tinha um sonho. Tá vendo isso tudo aqui ao nosso redor? Esse era nosso sonho e virou realidade. (Informação verbal. Assentamento Padre Nilo, agosto de 2019.)

As mulheres têm conquistado espaço na luta, nos movimentos sociais e no meio camponês. Enraizados em culturas patriarcais, vemos claramente a opressão sob essas mulheres. Mesmo neste ciclo preenchido por preconceitos, muitas mulheres tem se destacado. Uma das assentadas (Figura 1) ressalta que:

Ser mulher dentro da luta pela terra não é fácil. Eu fiquei sozinha também e o povo acha que porque a gente é mulher, a gente tem que ficar calada e obedecer a marido. Jamais. Lutei sozinha. Muitas vezes senti medo, mas meu sonho era maior. O machismo, ele tá presente em cada canto e aqui no campo não seria diferente. E quando a gente chega na terra não é fácil também não. Eu mesmo fiquei seis anos carregando água em balde até que consegui fazer o poço. Hoje eu planto de tudo aqui, onde tá tendo um espaço eu tô plantando. É pra isso que a gente tá aqui, pra produzir! (Informação verbal. Assentamento Padre Nilo, agosto de 2019.)

REALIZAÇÃO

Figura 1 - Assentada trabalhando em sua terra, na lida com atividade de pecuária. Assentamento Padre Nilo, em Amorinópolis - GO.



Fonte: A autora

A mulher não quer uma posição especial, quer igualdade de direitos, sejam legais ou sociais. Isto também se estende à mulher camponesa, aquela que milita e reivindica seu direito a terra, que muitas vezes são as mais afetadas pelo preconceito no meio camponês, já que se trata de um movimento enraizado no patriarcalismo, como Rua e Abramovay (2000) descrevem:

[...] as populações marginalizadas – principalmente os grupos mais pobres das áreas rurais, entre eles as mulheres rurais – são as que enfrentam maior dificuldade de acesso aos serviços de saúde, assistência, informação e educação, tornando-se mais vulneráveis, devido à exclusão social em que se encontram. RUA e ABRAMOVAY (2000, p. 25)

Com a intenção de estender e conhecer outras realidades locais, visitamos também alguns acampamentos de reforma agrária nos municípios de Arenópolis e

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis

Universidade
Estadual de Goiás



Caiapônia, em Goiás. Dentre eles, o pré-assentamento “Eli Euclênio”, “Acampamento Campo Belo”, “Acampamento Torres do Rio Bonito” e “Acampamento Torres do Taquary”. Em todos os acampamentos, as histórias de vida de cada um, relatos de trabalhadores que estão a mais de décadas nesta luta, mulheres que refletem força em seus olhares, que vivem do sonho da terra e trazem marcas do trabalho nas mãos e na pele. Essas mulheres lidam com preconceito, com a incerteza do amanhã, com abuso de autoridades, com a desinformação, com efeitos gerados pelo esquecimento de políticas públicas, dormem em barracos de lona, em situações que, se assentadas, não precisariam se submeter. Uma das mulheres relata que:

Eu estou há dez anos na luta pelo meu sonho, a minha terra. Não é fácil não. Tem dia que dá vontade de desistir... A gente vive sempre na incerteza, no medo, mas também na esperança de que algo bom vai acontecer. Tenho medo dessa política que tá aí... Que não gosta do trabalhador, e ainda menos do trabalhador sem terra. (Informação verbal. Acampamento Torres do Rio Bonito, março de 2019.)

Como forma de concretizar e estabelecer o papel da mulher dentro de um assentamento, as mulheres do “Assentamento Cachoeira Bonita”, localizado em Caiapônia, organizaram uma associação das mulheres dentro do espaço. A primeira idealização foi a criação da Feira da Cidadania, um lugar onde as assentadas têm a oportunidade de comercializar o que produzem, desde frutas, legumes, doces, queijo, artesanato, hortaliças, etc. Na primeira reunião as assentadas puderam ouvir informações sobre cooperativismo, agricultura familiar, o papel de uma associação e a importância em se organizarem como tal. Estabeleceram a feira semanal na cidade, os produtos são fruto da agricultura familiar, livres de agrotóxicos, sendo uma oportunidade de comercializarem produtos de boa qualidade e contribuir na renda mensal das assentadas.

Outro exemplo de concretização da discussão sobre o papel da mulher no campo, em escala nacional, é a Marcha das Margaridas (Figura 2), a mais recente aconteceu no dia 14 de agosto de 2019, em Brasília. As “Margaridas” cantaram,

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



pularam e empunharam suas bandeiras, seja pela terra, água, aposentadoria, educação, soberania alimentar. Brasília ficou florida, cheia de cor e vida. Mulheres de todos os cantos do Brasil, muitas viajaram três dias para chegar à cidade. Se reuniram e marcharam pela Esplanada dos Ministérios em direção ao Planalto Central, buscando seus direitos e mostrando o quanto as mulheres camponesas, ribeirinhas, quebradeiras de castanhas, indígenas, quilombolas, são fortes. Sem distinção de classe, gênero, etnia. Ali todas marchavam pelo mesmo propósito.

Figura 2 – Marcha das Margaridas 2019, em Brasília – GO.



Fonte: A autora.

É importante destacar que além da importância histórica da mulher o papel dela hoje não só é importante como é fundamental, estendendo essa análise ao campo, nota-se milhares de camponesas atuando além de muitos hectares de terra para semear, adubar e colher. Sem feminismo não existe agroecologia. Não é por acaso que é uma área de destaque na economia feminista, que está baseada na solidariedade, justiça e igualdade. Representam a perspectiva feminina na

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



transformação do modelo socioeconômico, trazendo para dentro do conceito de trabalho não só seu valor monetário de mercado, mas tudo o que é necessário à produção social da existência.

Considerações Finais

As mulheres camponesas são caminhantes que aspiram uma vida de luta, de resistência e de reconhecimento do seu modo de vida, que reflete trajetórias marcadas por idas e vindas, cuja terra se coloca como um horizonte possível. A luta pela conquista da terra é gerada em torno da existência de uma identidade social, uma situação de vida que é comum a todos esses trabalhadores, seja mulher, seja homem. E é essa condição de igualdade que os faz se reconhecerem como atores participantes de uma mesma realidade. São homens e mulheres vindos de muitos lugares, se reconheceram como integrantes de uma luta, e fortalecidos na busca por um futuro mais digno, tornaram-se sujeitos sociais coletivos, modificando a sua história e da sociedade.

Por fim, percebe-se que, sem dúvidas, as mulheres conquistaram o direito de ser mulher rompendo com as amarras que as dominaram durante muitos séculos, e merecem devido reconhecimento e pesquisa sobre. Com esse processo de evolução do protagonismo feminino, desconstruiu o conceito socialmente imposto sobre o papel da mulher na sociedade, que por muito tempo, se resumia apenas ao papel de mãe, dona de casa. A atuação destas mulheres representa uma ruptura com a visão patriarcal imposta durante muito tempo, passando de uma consciência ingênua para uma consciência crítica. Elas se reconheceram capazes de ter voz ativa perante seus direitos. No decorrer deste processo elas veem criando sua emancipação, autonomia e libertação, atuando como sujeito ativo dentro de movimentos sociais e organizações, tendo sua própria dinâmica, mesmo na luta junto com homens.

Espera-se contribuir com o fortalecimento de um ambiente de pesquisa,

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





documentando as narrativas das mulheres camponesas, apresentando resultados que valorizam a questão agrária local e tornam estas histórias conhecidas e valorizadas pela sociedade.

Agradecimentos

Agradecemos a Universidade Estadual de Goiás – UEG, pela bolsa de Iniciação Científica. Sublinhamos também o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), especialmente por intermédio da parceria com o agente pastoral Lindomar Neres, que acompanhou a equipe de pesquisa nas atividades de campo em acampamentos e assentamentos rurais de municípios do Oeste Goiano.

Referências

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 9.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, C. R. **“No Rancho Fundo”**: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

DELBONI, C. **Mulheres da terra**: história e memória das assentadas de Sumaré II no limiar do século XXI. 210f. Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FERNANDES, B.M. **A questão agrária, pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001.

GARCÍA, M. F. **A luta pela terra sob enfoque de gênero**. Os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema. 227f. Tese (Doutorado em Geografia), Departamento de Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente, UNESP, 2004.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





MATOS, F. de M.; PESSÔA, V. L. S. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em Geografia Agrária. In: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p.279-292.

MESQUITA, N.; NASCIMENTO, A. C. A influência da luta pela terra na identidade de gênero das mulheres camponesas do Assentamento Serra Dourada, em Goiás/GO. **Revista Pegada**, Presidente Prudente/SP, vol. 16, n. 2, p.252-274, Dezembro/2015.

PORTELLI, A. O que faz a história diferente. **Projeto História**, São Paulo, v.14, p.2539, fev. 1997.

RUA, Maria das Graças. ABRAMOVAY. Miriam. **Companheiras de luta ou “coordenadoras de painéis”. As relações de gênero nos assentamentos rurais**. Brasília: UNESCO, 2000.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. da S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Rev Esc Enferm da USP**, V. 37. N. 2, p.119-26, 2003.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALENCIANO, R. C.; THOMAZ JUNIOR, A. O papel da mulher na luta pela terra. Uma questão de gênero e/ou classe? **Revista Pegada**, Presidente Prudente/SP, vol. 3, n. 1, p.1-14, Julho/2002.

WHITAKER, D. C. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura. In: WHITAKER, D. C. A. **Análises de entrevistas em pesquisas com histórias de vida**. Cadernos CERU, Série 2, n.11,p. 147-158, 2000. p. 154-158.

SCHWENDLER, S. F. O processo pedagógico da luta de gênero na luta pela terra: o desafio de transformar práticas e relações sociais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 87-109, jan./mar. 2015.

VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

**Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável**

**de 16 a 18/10/2019
Anápolis**



REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis

